

MARIA DO SOCORRO PESSOA

**ONTEM E HOJE: PERCURSO LINGUÍSTICO DOS
POMERANOS DE ESPIGÃO D' OESTE - RO**

Este exemplar é a redação final da tese
defendida por Maria do Socorro
Pessoa

e aprovada pela Comissão Julgadora em
23, 01, 96.

Tânia Maria Alkmin
PROFA. DRA. TÂNIA MARIA ALKMIN

MARIA DO SOCORRO PESSOA

**ONTEM E HOJE: PERCURSO LINGUÍSTICO DOS
POMERANOS DE ESPIGÃO D'OESTE - RO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Instituto de Estudos da Linguagem (IEL)
da Universidade Estadual de Campinas
como requisito parcial para a obtenção
do Título de Mestre em Linguística.

ORIENTADOR: Prof^a Dr^a TÂNIA
MARIA ALKMIM

CAMPINAS

UNICAMP

1995

7603405/102

US	
N.	3:
V	Ex.
T	
F	
P	D <input type="checkbox"/>
D	
N	30

UNIDADE	YBC
N.º CHAMADA:	Thunicamp
	P4390
V.	Ex.
TOMBO BC	26960
PROC.	66796
C	<input type="checkbox"/>
D	<input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	R\$ 11,00
DATA	12/3/96
N.º CPD	

CM-000 8535 9-1

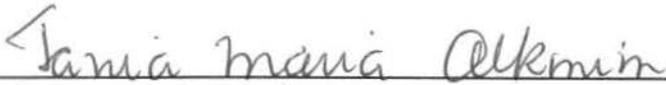
FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

P4390 Pessoa, Maria do Socorro
 Ontem e hoje: percurso linguístico dos pomeranos em Espigão D'Oeste-RO / Maria do Socorro Pessoa - Campinas, SP : [s.n.], 1995.

Orientador: Tânia Maria Alkmim
 Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Sociolinguística. 2. Cultura. 3. Bilinguismo. 4* Pomeranos. 5* Percurso Linguístico. I. Alkmim, Tânia Maria. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

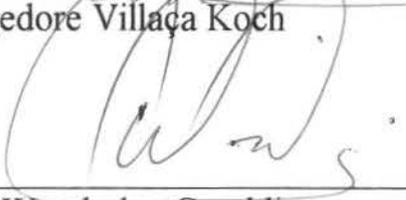
FOLHA DE APROVAÇÃO



Prof^a Dr^a Tânia Maria Alkmim



Prof^a Dr^a Ingedore Villça Koch



Prof. Dr. João Wanderley Geraldi

Data da aprovação

23 de janeiro de 1996

DEDICATÓRIA

Esta tese é dedicada a todos que, de um modo ou de outro, possibilitaram a realização do curso de mestrado em Linguística em Porto Velho - RO.

AGRADECIMENTOS

A realização desta Dissertação de mestrado só foi possível pela incansável dedicação e coragem de três professores absolutamente especiais da UNICAMP: Dr. João Wanderley Geraldi, Dr. Sírito Possenti e Dr^a Tânia Maria Alkmim. Obviamente outras pessoas, também dedicadas, apoiaram o “Mestrado em Porto Velho”, como ficou conhecido nosso curso. Mas, a bravura e disponibilidade destes três professores só pode ser avaliada por quem participou e se dedicou enquanto aluno(a). Imaginemos as maiores dificuldades, os maiores atropelos, a maior capacidade de dedicação e ainda não estaremos sequer supondo a verdadeira batalha travada por estes três professores para que o “Mestrado em Porto Velho” tivesse êxito. Graças a eles hoje posso falar dos Pomeranos de Espigão D’Oeste e da sua importância enquanto comunidade e grupo linguístico, e, apesar de ser esta apenas mais uma Dissertação de Mestrado, quem não esteve envolvido na totalidade de sua realização não pode supor ou mesmo identificar as trilhas inimagináveis que juntos descobrimos. Não seria justo, nem honesto, introduzir esta, ou qualquer outra Dissertação de alunos de Porto Velho, sem, antes de mais nada, lembrar e relembra que ainda existem professores, cientistas, capazes de acreditar em possibilidades e realizá-las. Talvez a UNICAMP não consiga estimar suficientemente a grandeza destes professores portadores não só de profundo conhecimento científico, mas também capazes de humanizar a ciência e ofertá-la a comunidades isoladas distantes, culturalmente carentes, porém ansiosas por oportunidades como esta.

Um agradecimento especial à comunidade da zona rural de Espigão D’Oeste, pomeranos bravios, trabalhadores, lutadores e esperançosos no resgate de sua cultura.

Agradeço também aos meus alunos da Faculdade de Cacoal, assim como os meus alunos da Universidade Federal de Rondônia, que sempre acreditaram neste trabalho de pesquisa.

Agradeço carinhosamente a Ismael Tressmann, grande amigo e partilhador do estudo da cultura pomerana que, com sua proposta de uma cartilha para a escrita da língua pomerana, me proporcionou o acesso a textos inéditos e a entender melhor o trabalho sociolinguístico que me propus a defender. Como organizador dos textos coletados, em nenhum momento dificultou minha consulta à sua biblioteca, pelo contrário, e aos seus trabalhos como um todo. Ismael Tressmann é um pesquisador que muito se identifica com a linguística, possuidor de grandes bibliografias em alemão, além de ser absolutamente competente em seu estudo científico.

Grande colaborador foi também o Sr. Martino Tesch, que trouxe as primeiras quarenta famílias de pomeranos para Rondônia, conduzindo-os do Espírito Santo. Viveu na 2ª Guerra Mundial, filho de pomeranos nativos, casado com uma pomerana e grande conhecedor do percurso histórico e linguístico do seu povo; muito nos auxiliou com sua coletânea de textos sobre os pomeranos, indicando-nos fontes e emocionando-se com o nosso trabalho, embora não o compreendesse muito bem.

Um agradecimento muito carinhoso é para Wany Sampaio, amiga, amiga e amiga. Permitindo que eu invadissem sempre a privacidade do seu lar, da sua vida, me protegendo e me amparando com seu jeito de parecer ausente mas, que, na verdade, é lindamente ligada, dedicada, capaz, maravilhosa.

Agradeço também a todos os meus colegas de classe, que, por motivos os mais diversos, deixaram de ser apenas colegas e se tornaram amigos, não só de curso, mas de vida.

Agradeço de modo particular e carinhoso à Ândria Calegari que, ao envolver-se na digitação do trabalho, participou, opinou, tornou-se amiga, dedicada e despreendida.

Finalmente, não só um agradecimento, mas um carinho muito especial à Tânia Maria Alkmim, minha maravilhosa orientadora, que não ficou apenas acompanhando os passos do meu trabalho, mas o fez junto comigo; o fez pelo incentivo, pela crença em mim, pela ternura com que sempre me cercou. Maravilhosa demais para que palavras, apenas, possam realmente defini-la.

Agradeço a Deus pelo meu existir e ser.

“... a língua (no sentido sociolinguístico do termo) não está de antemão pronta, dada como um sistema de que o sujeito se apropria para usá-la segundo suas necessidades específicas do momento de interação, mas (...) o próprio processo interlocutivo, na atividade da linguagem, a cada vez se (re) constrói (...) as interações não se dão fora de um contexto social e histórico mais amplo; na verdade, elas se tornam possíveis enquanto acontecimentos singulares, no interior e nos limites de uma determinada formação social, sofrendo as interferências, os controles e as seleções impostas por esta. Também não são, em relação a estas condições, inocentes. São produtivas e históricas e como tais, acontecendo no interior e nos limites do social, constroem por sua vez limites novos.” (GERALDI, J. Wanderley. 1991: 6-7)

SUMÁRIO

SUMÁRIO.....	08
RESUMO.....	13
INTRODUÇÃO.....	15
A.- ORGANIZAÇÃO DA PESQUISA.....	16
B.- ESTRUTURA DO TRABALHO.....	17
C.- INTERAÇÃO E LINGUAGEM: a motivação da pesquisa	19

CAPÍTULO 1 - ESTUDOS LINGÜÍSTICOS. O CAMINHO SOCIOLINGÜÍSTICO DA PESQUISA: LEITURAS RELEVANTES

1.- Language Loyalty in the Unidet States, the Maintenance and Perpetuation of tion of non-English mother tongues by American Ethnic and religious groups: o trabalho de Fishman.....	22
1.1.- Publicações sobre a língua alemã em contato com o português no Brasil.	25
1.2.- Os trabalhos de Oppenheim (1966) e a conceituação de atitudes lingüís- ticas em Shuy e Fasold (editores).....	41
NOTAS SOBRE O CAPÍTULO 1.....	48

CAPÍTULO 2 - COLETANDO DADOS

2.1.- O problema da entrada na comunidade de fala.....	50
2.2.- O problema da apresentação à comunidade.....	51
2.3.- Instrumentos da pesquisa.....	52
2.3.1.- Observação.....	52
2.3.2.- A entrevista.....	54
2.3.3.- O questionário.....	56
2.4.- Os informantes - os dados - a interpretação dos dados.....	57

2.5.- A amostra - constituição do corpus.....	59
---	----

CAPÍTULO 3 - OS POMERANOS DE ESPIGÃO D'OESTE -RONDÔNIA: ESBOÇO HISTÓRICO E ETNOGRÁFICO

3.1.- Compreensão histórica da Imigração.....	61
3.1.1.- Brasil - imigração.....	61
3.1.2.- Europa - emigração.....	62
3.1.3.- A Província da Pomerânia - O início da história.....	66
3.1.4.- A Pomerânia e os primeiros sinais de emigração.....	67
3.1.5.- A Pomerânia e a época das grandes migrações.....	69
3.1.6.- Os pomeranos na Pomerânia.....	69
3.1.7.- Da Pomerânia para o Espírito Santo.....	71
3.2.- Os pomeranos no Espírito Santo.....	73
3.2.1.- As migrações internas no Espírito Santo: os ciclos dos pomeranos.....	77
3.2.2.- O ciclo da Terra Fria.....	78
3.2.3.- O ciclo da Terra Quente-Sul.....	79
3.2.4.- O ciclo da Terra Quente-Norte.....	79
3.2.5.- Zona Pioneira mais recente.....	80
3.2.6.- Novas Fronteiras Agrícolas.....	80
3.2.7.- Causas da migração dos pomeranos no Brasil: a questão da terra, as condições da terra e a estrutura agrária.....	81
3.2.8.- Características das migrações internas no Espírito Santo.....	82
3.3.- Os pomeranos em Rondônia.....	84
3.3.1.- Em Rondônia, o Eldorado dos pomeranos: Espigão D'Oeste.....	87
3.3.2.- Aspectos históricos.....	87
3.3.3.- Um perfil dos habitantes da zona rural de Espigão D'Oeste.....	92
3.4.- Aspectos da cultura e da vida dos pomeranos de Espigão D'Oeste: olhando o Espírito Santo.....	95
3.4.1.- A religiosidade dos Pomeranos.....	98
3.4.2.- A habitação.....	102
3.4.3.- A alimentação.....	104

3.4.4.- Família e trabalho.....	107
3.5.- A mulher pomerana.....	107
3.6.- O casamento.....	111
3.7.- O mutirão.....	118
3.8.- O papel da “venda” entre os pomeranos.....	120
3.9.- O vestuário.....	122
3.10.- A concertina.....	124
3.11.- A Língua pomerana.....	124
NOTAS SOBRE O CAPÍTULO 3.....	130

CAPÍTULO 4 - A COMUNIDADE DE FALA DOS POMERANOS DE ESPIGÃO D’OESTE - RONDÔNIA

4.1.- Grupos baseados no critério de sexo.....	136
4.1.1.- A mulher.....	136
4.1.2.- O homem.....	143
4.2.- Grupos baseados no critério de idade.....	144
4.2.1.- Idosos.....	144
4.2.2.- Adultos.....	145
4.2.3.- Os jovens e as crianças.....	146
4.3.- O processo de aquisição das línguas em uso pelos pomeranos.....	148

CAPÍTULO 5 -

VARIEDADES LINGUÍSTICAS E USOS SOCIAIS

5.1.- Uma observação sobre “Domínio Linguístico”.....	157
5.2.- Os usos linguísticos nos domínios privados.....	159
5.3.- O estudo das diádes familiares.....	165
5.4.- Os usos linguísticos nos domínios públicos.....	186
5.4.1.- Os cultos religiosos.....	186

5.4.2. - O Sindicato rural.....	187
5.4.3. - Reuniões específicas para mulheres.....	188
5.4.4. - Associações de jovens.....	189
5.4.5. - Escolas da Zona Rural.....	190
5.4.6. - Instituições comerciais e financeiras.....	192
5.5. - Definindo o estatuto do português e do pomerano.....	192

CAPÍTULO 6

CONTATOS SÓCIOS-CULTURAIS E ATITUDES LINGUÍSTICAS

6.1. - O estudo das atitudes linguísticas.....	194
6.2. - Comunidade dos pomeranos de Espigão D'Oeste-RO. Atitudes frente à língua pomerana e à língua portuguesa.....	199
6.2.1. - Grupos baseados no critério de sexo.....	199
6.2.1.1. - Homens.....	199
6.2.1.2. - Mulheres.....	202
6.2.2. - Grupos baseados no fator idade.....	204
6.2.2.1. - Idosos.....	204
6.2.2.2. - Adultos.....	206
6.2.2.3. - Jovens, incluídas as crianças.....	208
6.3. - A comunidade e suas línguas	
 NOTAS SOBRE O CAPÍTULO 6	 216

CAPÍTULO 7

HISTÓRIA DE UM PERCURSO: DO POMERANO AO PORTUGUÊS

7.1.- A memória dos velhos: testemunha de um percurso.....	218
7.2.- Tensão entre o presente e o passado: vozes do presente.....	223
7.3.- Os pomeranos de Espigão D'Oeste-RO.....	230

CAPÍTULO 8

Observações finais.....	233
ANEXOS.....	235
SUMMARY.....	236
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	238

RESUMO

A comunidade de Pomeranos, objeto desta Pesquisa, é constituída por 70 (setenta) famílias que pertencem à Linha Figueira, quilômetro 19 e 21, na divisa do Município de Cacoal e Espigão D'Oeste, em Rondônia. É uma comunidade formada por descendentes de imigrantes que vieram da antiga Pomerânia (hoje, parte pertencente à Alemanha e parte à Polônia), para o Brasil, no fim do século passado (1870).

A grande maioria dos primeiros pomeranos imigrados veio para o Espírito Santo e outros se deslocaram pelo Brasil. Várias famílias desses pomeranos que estavam no Espírito Santo, nos anos setenta (70) se estabeleceram em Rondônia. Por se terem mantido unidos, os pomeranos conservaram muitas de suas tradições, como a religião Luterana e muitos dos seus costumes de alimentação, arquitetura residencial. As festas tradicionais, como o casamento, representam um dos aspectos melhor preservado da cultura de origem.

A comunidade de pomeranos conseguiu manter, durante algum tempo, em Espigão D'Oeste, um certo isolamento geográfico e cultural, porém, a migração para Rondônia acabou promovendo um processo de aculturação com reflexos no campo social, religioso, cultural e linguístico. A língua pomerana ainda é a língua da vida tradicional do grupo, utilizada no convívio diário entre seus membros e na prática de suas atividades econômicas e culturais. Mas, aos poucos, a língua portuguesa começa a penetrar na comunidade e podemos afirmar que os pomeranos de Espigão D'Oeste sofrem um processo de mudança linguística. A situação de contato linguístico com a sociedade regional provocou uma alteração na posição da língua pomerana dentro da comunidade em função da introdução da língua portuguesa.

Este estudo apresenta a história desses pomeranos, destaca usos e costumes e tem como objetivo principal a história do percurso linguístico dessa comunidade, contemplando, particularmente, os fatores sócio-linguísticos de tal percurso.

A investigação do percurso linguístico dessa comunidade parte de dados de sua história, procurando entender as mudanças sofridas ao longo do tempo. Ao lado disso descreve a situação linguística atual da comunidade, considerando-se sua organização sócio-cultural e suas relações com a sociedade regional envolvente.

PALAVRAS CHAVES

1*Sociolinguística. 2*Cultura. 3*Bilinguismo. 4*Pomeranos. 5*Percurso linguístico. I. Alkmim, Tânia Maria. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Títulos.

INTRODUÇÃO

A BUSCA DO PERCURSO LINGUÍSTICO DOS POMERANOS DE ESPIGÃO D'OESTE - UM RELATO DO COMO O BUSCAMOS

O presente trabalho se propõe a estudar a comunidade de pomeranos estabelecida na região do município de Espigão D'Oeste, estado de Rondônia. Esta comunidade originou-se da migração de pessoas da antiga Pomerânia (hoje dividida entre a Alemanha e a Polônia) para o Brasil, no final do século XIX. Localizando-se inicialmente no Espírito Santo, os pomeranos iniciaram uma nova história que os pôs diante de uma nova realidade linguística, social e cultural. Da condição de estrangeiros, geralmente monolíngues em pomerano e detentores de uma cultura própria, os pomeranos iniciaram um percurso e uma luta pela sobrevivência. Foi assim que se fixaram em algumas regiões do Espírito Santo e daí experimentaram uma série de migrações internas, tanto dentro do Espírito Santo quanto para outras regiões brasileiras. Inicialmente isolados, fechados sobre si mesmos, os pomeranos, necessariamente, terminaram por estabelecer relações com a sociedade nacional envolvente. Orgulhosos de suas tradições, os pomeranos têm mantido sua língua e sua cultura ao longo do seu percurso no Brasil, mas o fato é que a língua portuguesa passou a fazer parte de suas vidas, assim como necessitaram alterar alguns de seus costumes tradicionais.

Esta dissertação pretende abordar a comunidade dos pomeranos, cujos integrantes são, em sua maioria, originários do Espírito Santo, que se estabeleceu na década de setenta no estado de Rondônia. Nosso estudo, de natureza sociolinguística, focalizará o

percurso linguístico dos pomeranos de Espigão D'Oeste, procurando descrever e analisar a questão das relações entre a língua pomerana e a língua portuguesa. Isto é, procuraremos apresentar a comunidade de fala dos pomeranos de Espigão D'Oeste a partir de considerações de natureza sociais, tentando identificar o estatuto das línguas pomerana e portuguesa por ela utilizadas.

Para alcançar o percurso linguístico dos pomeranos que hoje estão em Espigão D'Oeste, combinaremos três perspectivas. Estas perspectivas são de natureza sócio-histórica, etnográfica e linguística.

Na perspectiva histórica procuraremos apresentar a história da comunidade dos pomeranos, iniciada na Pomerânia, passando pela chegada e permanência no Espírito Santo e daí a migração para Rondônia, particularmente para o município de Espigão D'Oeste.

Quanto à perspectiva etnográfica, apresentaremos características sócio-culturais da comunidade dos pomeranos como suas festas, práticas religiosas, hábitos e organização econômica.

Do ponto de vista da linguística, procuraremos focalizar a realidade linguística vivenciada pela comunidade dos pomeranos frente à utilização do português e do pomerano. Nesse sentido, identificaremos a questão dos domínios de uso das línguas, a prática linguística dos grupos sexuais e etários e suas atitudes, e também tentaremos apresentar o percurso linguístico dos pomeranos que, tendo por base a situação de contato entre o português e o pomerano, coloca em discussão o processo de manutenção ou perda da língua pomerana.

A.- ORGANIZAÇÃO DA PESQUISA

Há uma questão básica norteadora de todo este trabalho: “Que fatores atuam no sentido de promover a perda e/ou manutenção da língua pomerana na comunidade dos pomeranos de Espigão D’Oeste, em Rondônia”?

Para responder à questão colocada acima, organizamos a pesquisa em torno dos seguintes tópicos, que serão os capítulos da Dissertação.

B.- ESTRUTURA DO TRABALHO

CAPÍTULO 1 - ESTUDOS LINGUÍSTICOS. O CAMINHO SÓCIO-LINGUÍSTICO DA PESQUISA: LEITURAS RELEVANTES. Neste capítulo serão apresentados alguns textos voltados para leituras de bibliografia sociolinguística relevante, voltadas particularmente para o bilinguismo, etnografia da comunicação, redes comunicativas e outras afins, onde também consideramos trabalhos já feitos sobre comunidades emigradas no Brasil e no exterior.

CAPÍTULO 2 - COLETANDO DADOS - Neste capítulo apresentamos em linhas gerais a natureza do trabalho de campo. Neste sentido relatamos os procedimentos adotados para o estudo de relações entre a comunidade assim como mostraremos os instrumentos utilizados com vista à obtenção de dados relevantes para a pesquisa.

CAPÍTULO 3 - OS POMERANOS DE ESPIGÃO D’OESTE-RO: ESBOÇO HISTÓRICO E ETNOGRÁFICO: neste capítulo apresentaremos a história da constituição da comunidade dos pomeranos de Espigão D’Oeste. Nesse sentido buscamos, em fontes históricas, a chegada desse povo ao Brasil, sua disposição pelo país e a origem da comunidade estudada. No mesmo capítulo está descrita a comunidade dos

pomeranos de Espigão D'Oeste, com destaque para seus traços culturais particulares, como suas festas, sua prática religiosa, seus costumes, sua economia, o ambiente físico, os aspectos históricos e sócio-políticos.

CAPÍTULO 4 - A COMUNIDADE DE FALA DOS POMERANOS DE ESPIGÃO D'OESTE-RO: Este capítulo responde, em linhas gerais, inicialmente, à seguinte questão: - **Quem fala que língua, quando, onde, a quem, sobre o quê?** assim como identifica os processos de aquisição da língua portuguesa e da língua pomerana.

CAPÍTULO 5 - VARIEDADES LINGUÍSTICAS E USOS SOCIAIS: Neste capítulo analisaremos os usos linguísticos de que a comunidade lança mão nas suas relações internas (intra-comunitárias), e externas, (extra-comunitárias), procurando definir o estatuto que o português e o pomerano detêm na comunidade em função dos usos que lhe são atribuídos.

CAPÍTULO 6 - CONTATOS SÓCIOS-CULTURAIS E ATITUDES LINGUÍSTICAS: Este capítulo tem como ponto central as atitudes linguísticas da comunidade pomerana frente às línguas utilizadas: português e pomerano. Abordaremos a questão das atitudes linguísticas tentando responder à seguinte pergunta básica: **Que atitudes os pomeranos de Espigão D'Oeste -RO, manifestam em relação à língua portuguesa e à língua pomerana?**

CAPÍTULO 7 - HISTÓRIA DE UM PERCURSO: do pomerano ao português: Aqui reconstituímos a história do grupo, retomando os dados coletados, analisados e interpretados, relacionando-os do passado ao presente, com o objetivo de

reconstituir o percurso linguístico do monolinguísmo original à presente situação de bilinguísmo em português e pomerano.

CAPÍTULO 8 - OBSERVAÇÕES FINAIS. - Neste capítulo apresentamos a conclusão do nosso trabalho focalizando a questão dos fatores de manutenção e perda da língua pomerana.

C.- INTERAÇÃO E LINGUAGEM: a motivação da pesquisa

Para GERALDI (1991), “a língua (no sentido sociolinguístico do termo) não está de antemão pronta, dada como um sistema de que o sujeito se apropria para usá-la segundo suas necessidades específicas do momento de interação, mas que o próprio processo interlocutivo, na atividade de linguagem a cada vez se reconstrói”. e, “que as interações não se dão fora de um contexto social e histórico mais amplo; na verdade, elas se tornam possíveis enquanto acontecimentos singulares, no interior e nos limites de uma determinada formação social, sofrendo as interferências, os controles e as seleções impostas por esta. Também não são, em relação a estas condições, inocentes. São produtivas e históricas como tais; acontecendo no interior e nos limites do social, constroem, por sua vez, limites novos”. GERALDI (1991), declara ainda que “temos que compreender que nada no universo humano guarda estrita fidelidade à mera aparência de realidade e que a interpretação da realidade se justifica mediante a certeza de se fazer dela uma abordagem que leve em conta sua absurda e infinita complexidade,” e que a linguagem é, sobretudo “um lugar de interação humana e, através dela os falantes e ouvintes se envolvem no círculo da troca de impressões, afetos e relações comunicativas”.

A eleição da língua pomerana como tópico de estudo não é casual. A língua não

tem sido, como declara GERALDI (1991), já citado, “um lugar de interação humana” nas escolas da zona rural de Espigão D’Oeste. Dezenas de crianças nessas escolas, enfrentam até quatro anos de reprovação no primeiro ano de alfabetização escolar porque são, ainda, monolíngues em Pomerano. A escola não dispõe de uma metodologia capaz de integrá-las à aprendizagem de leitura ou aos conteúdos das propostas curriculares de ensino de língua portuguesa. A pesquisadora desta Dissertação de natureza sociolinguística acredita veementemente que, com e por esta pesquisa estará, ainda que indiretamente, abrindo caminhos para novas perspectivas de alfabetização escolar dessas crianças, pois acredita que a língua é o principal elemento da cultura de um povo e que, quando a cultura de um povo é destruída, ele fica desprotegido e facilmente pode desaparecer como povo. Sabe-se que a língua de uma comunidade exposta ou sujeita ao processo de assimilação é, geralmente, a última forma de cultura a ceder terreno e a ser absorvida.

Acreditamos que o presente trabalho, ainda que indiretamente, pode contribuir para novas perspectivas de alfabetização escolar das crianças pomeranas pois, ao eleger a comunidade pomerana como tópico de pesquisa, destaca-se e valoriza-se a realidade cultural e linguística desse povo.

Inicialmente, consideramos de extremo interesse o estudo de comunidades como a dos pomeranos de Espigão D’Oeste. Com um trabalho sociolinguístico como este obtemos não só informações sobre uma comunidade particular no Brasil, como também é possível contribuir para o campo dos estudos sociolinguísticos em geral.

Estudar a comunidade dos pomeranos de Espigão D’Oeste, em Rondônia, representa uma oportunidade valiosa para registrar um pouco da história de um povo que tem vivido um longo processo de migrações junto com uma enorme vontade de sobreviver e garantir sua identidade.

CAPÍTULO I

ESTUDOS LINGUÍSTICOS. O CAMINHO SÓCIO-LINGUÍSTICO DA PESQUISA: LEITURAS RELEVANTES

Há uma vasta bibliografia linguística para descrever situações de bi ou multilinguagem, de contato entre línguas e do como ocorreram tais situações, cujo estudo proporcionam referenciais teóricos e metodológicos importantes. Não pretendemos abranger aqui este vasto material, dado o fato de que esta Dissertação apresenta apenas um estudo inicial sobre a comunidade de pomeranos. Foi nesse sentido, com o compromisso de estudo inicial, que percorremos os trabalhos de FISHMAN (1966) e (1972), DOWNES (1984), FASOLD (1984), GUMPERZ (1982) e (1983), HYMES (1972) e (1974) LABOV (1966), (1972) e (1980), TARALLO (1985), TARALLO e ALKMIN (1987), além de outros que aparecerão no decorrer desta Dissertação.

Os autores supra mencionados incluíram em sua análise aspectos sociológicos e psicológicos ao lado de aspectos puramente linguísticos.

Apresentaremos também trabalhos já feitos sobre comunidades emigradas no Brasil.

Citaremos as idéias principais do trabalho de FISHMAN (1966) e apresentaremos alguns trabalhos publicados sobre a língua alemã em contato com a língua portuguesa no Brasil, tendo em vista a relação histórica entre o alemão e o pomerano.

Com relação ao trabalho a respeito das atitudes linguísticas dos pomeranos, partimos dos trabalhos de FISHMAN (1970), FASOLD (1984) e SCHLIEBEN-LANGE (1993).

Resenharemos as principais idéias do trabalho de OPPENHEIM (1966), sobre a conceituação de “atitudes” e de SHUY e FASOLD (1973), como editores, sobre “atitudes linguísticas”, visto que nesta Dissertação estaremos descrevendo as atitudes linguísticas dos pomeranos de Espigão D Oeste.

1.- LANGUAGE LOYALTY IN THE UNITED STATES, THE MAINTENANCE AND PERPETUATION OF NON-ENGLISH MOTHER TONGUES BY AMERICAN ETHNIC AND RELIGIOUS GROUPS: O TRABA- LHO DE FISHMAN.

Nessa coletânea de artigos publicada em 1966, FISHMAN, NAHIRNY, HOFMAN E HAYDEN e outros descrevem os esforços de manutenção de línguas imigrantes nos Estados Unidos. No prefácio o autor assinala que pouco sabe sobre esse fenômeno. Ele afirma que:

**“No accurate records have
been kept concerning the
non-English language press
or non-English broadcasting.
No systematic or accurate**

data are available concerning the ethnic group schools, camps, choruses, research institutes, or other educational, cultural, and fraternal efforts proceeding by means of or behalf of languages other than English... Silence and disinterest have conspired to make us ignorant of our own past and present”.

(FISHMAN, 1966:16).

O objetivo principal desse estudo de FISHMAN (1966), e os outros citados, é explorar a extensão e o status que os esforços de manutenção de culturas e línguas imigrantes têm nos Estados Unidos dos anos 60.

No primeiro capítulo FISHMAN (1966), descreve os contextos sócio-culturais e sociais nos quais um estudo sobre manutenção de línguas imigrantes se enquadra naquele país.

Do segundo ao sexto capítulo FISHMAN (1966), e os co-autores da coletânea fornecem uma descrição de fatores conhecidos relevantes quanto à manutenção das línguas imigrantes. São eles:

- a distribuição numérica de falantes nativos das várias línguas imigrantes (cap. 2),
- a existência de meios de comunicação de massa para as diferentes línguas imigrantes dos quais são descritos mais detalhadamente a imprensa étnica (cap. 3) e as estações de

rádio em língua estrangeira nos Estados Unidos (cap. 4) e

- a fundação de instituições como escolas e igrejas para os diferentes grupos étnicos com as suas respectivas línguas maternas (caps. 5 e 6).

O capítulo 7 focaliza as organizações étnicas existentes nos Estados Unidos. Distinguem-se dois tipos de organizações:

- 1.- Aquelas que são mais fechadas e que têm como objetivo exclusivo a preservação da cultura e da língua imigrante e
- 2.- Aquelas que são mais abertas e que têm, por exemplo, a difusão de uma religião e de um trabalho caritativo.

A manutenção da língua imigrante como língua materna é muito maior entre os membros do primeiro tipo de organização étnica do que no segundo.

O capítulo 8 contém um estudo comparativo de cinco comunidades de fala diferentes: uma francesa, duas espanholas e duas ucranianas. Foi realizado um trabalho de campo com entrevistas em que se perguntou sobre:

- a necessidade da manutenção da língua imigrante;
- o papel da família na manutenção linguística,
- os usos e preferências da língua imigrante em comparação com a língua inglesa, etc.

Os resultados revelaram estágios diferentes quanto à manutenção linguística dentro dessas comunidades de fala.

Do capítulo 9 a 12 uma descrição minuciosa sobre a manutenção linguística da língua imigrante é fornecida para as línguas:

- alemã
- francesa
- espanhola e
- ucraniana nos Estados Unidos.

Os três últimos capítulos apresentam resumos, recomendações e conclusões.

1.1.- PUBLICAÇÕES SOBRE A LÍNGUA ALEMÃ EM CONTATO COM O PORTUGUÊS NO BRASIL

Há inúmeros artigos e livros publicados sobre a língua alemã em contato com o português no Brasil, mas observa-se que a natureza dessa literatura é muito variada, dado que nem todos os trabalhos sobre este assunto foram produzidos por especialistas em linguística.

Limitar-me-ei a um pequeno número de trabalhos. Apresenta-los-ei em ordem cronológica, resenhando-lhes apenas as idéias principais.

VOCABULÁRIO DE PALAVRAS PORTUGUESAS QUE OS DESCENDENTES DE COLONOS ALEMÃES ACOLHERAM NA LÍNGUA VULGAR (1939): C. H. OBERACKER.

Trata-se de um artigo publicado na revista Sociologia em 1939, enquadrando-se na área da pesquisa lexicográfica. O autor argumenta contra as acusações feitas nessa época, segundo as quais:

**“os colonos sempre tinham
procurado o isolamento recu-
sando-se, obstinadamente, a**

aprender uma só palavra portuguesa”.

(Oberacker, 1939: 66)

OBERACKER (1939), afirma que os colonos de Santa Catarina em geral são bilíngues, usando o alemão na vida doméstica e particular, e o português, na vida política e econômica. OBERACKER (1939) mostra que a língua alemã foi alterada pelo acolhimento de muitas palavras portuguesas e indígenas. Segundo o autor:

“... nos parece ser outra prova incontestável de os descendentes de alemães nunca terem procurado o isolamento e de que, caso se possa observar em algumas colônias solitárias um manejo acanhado do vernáculo, as razões sempre devem ser procuradas não na má vontade de seus habitantes, como observadores malévolos afirmam, mas sim, em circunstâncias de força maior pelas quais a culpa não cabe aos colonos”.

(OBERACKER, 1939: 67).

Em seguida o autor publica um pequeno vocabulário de palavras portuguesas ou indígenas frequentemente usadas nos dialetos dos colonos de descendência alemã e assinala ainda que as palavras portuguesas e indígenas foram muitas vezes germanizadas pelos colonos.

A ACULTURAÇÃO LINGUÍSTICA NUMA COMUNIDADE RURAL (1942): EGON SCHADEN.

Trata-se de um artigo que descreve a transição do monolinguísmo ao bilinguísmo da vila São Bonifácio no município de Palhoça, Santa Catarina. O trabalho é de natureza etnográfica.

A vila São Bonifácio foi povoada em 1864 com imigrantes de zonas rurais de Vestfália, Alemanha. SCHADEN (1942), afirma que:

“O dialeto que falavam sofreu, destarte, consideráveis alterações pela incorporação de numerosos termos portugueses, relativos aos reinos animal e vegetal, ao tamanho da terra, a criação de animais, etc.”

(SCHADEN, 1942:278)

Em 1918 foi inaugurada uma escola pública e a partir dessa data todos os alunos passaram a aprender português. Mesmo assim, a língua alemã continuou a dominar até os anos 30 quando foi construída a estrada de rodagem que ligou a vilazinha de São Bonifácio a Florianópolis e Tubarão. O fato que, segundo o autor, alterou a língua alemã da Vila de São Bonifácio foi a chegada dos trabalhadores que construíram a estrada de rodagem que ligou São Bonifácio a Florianópolis e Tubarão, porque aqueles trabalhadores eram brasileiros e não falavam alemão.

A ACULTURAÇÃO DOS ALEMÃES NO BRASIL (1946): EMI-LIO WILLEMS.

Esse trabalho descreve a imigração e a aculturação dos migrantes alemães no Brasil sob o ponto de vista sociológico e antropológico.

O autor dedica um capítulo inteiro ao fenômeno da situação de contato das duas línguas. Assim, ele retoma e amplia um tópico que ele retoma no artigo "Linguistic Change in German-Brazilian Communities", publicado na Revista Acta Americana, Vol. 1, p. 39, 1943.

No livro WILLEMS (1946), menciona três fontes principais que provocam mudanças linguísticas:

- 1 - O meio ambiente brasileiro diferia muito do europeu e impunha a aquisição de uma terminologia para preencher lacunas existentes no repertório linguístico dos imigrantes.
- 2 - As comunidades teutas se compunham de imigrantes culturalmente heterogêneos.

"O contato entre dialetos e

**padrões provinciais originou
processos de difusão intra-
étnica bastante complicados.”**

(WILLEMS, 1946: 195)

3.- Os imigrantes entraram desde o primeiro dia numa “simbiose” com grupos culturalmente diferentes”. (WILLEMS, 1946: 195)

Para WILLEMS (1946) a língua que os descendentes alemães falam é um linguajar teuto-brasileiro . Esse linguajar é, segundo o autor, uma língua híbrida.

**“A hibridação do alemão não
foi determinada, exclusiva-
mente pela necessidade de
dominar elementos culturais
novos ou diferentes aos quais
os recursos do idioma origi-
nário pareciam inadequados.
Em alguns a necessidade de
adotar termos portugueses é
indiscutível mas inúmeros são
os exemplos em que as pala-
vras novas eram evidentemen-
te dispensáveis”**

(WILLEMS, 1946: 220)

WILLEMS (1946), dá uma lista de 693 palavras do linguajar que ele denominou teuto-brasileiro (2). De acordo com o autor, a motivação principal para o empréstimo de palavras portuguesas é que a língua portuguesa é considerada como língua superior, que dá prestígio ao falante.

**ZUR DEUTSH-BRASILIANISCHEN MISCHSPRACHE-
1953: REINHOLD BOSSMANN.**

Trata-se de um artigo publicado na revista Letras em (1953: 99). Segundo o autor, uma língua imigrante é “penetrada” e “sugada” pela língua nacional num processo de assimilação. Nos termos do autor:

“O produto intermediário desse processo é uma língua mescla, uma miscelânea de duas ou mais línguas, que estão num determinado espaço permanente e que engrenam e interferem uma na outra. O grau de miscelânea sobe com a falta de formação escolar, de inteligência do falante, de disciplina linguística, de descuido na hora de falar, sobe

com a falta para qualquer sentimento para forma e beleza de uma língua; ela cai com a formação escolar, com a auto-disciplina na fala e com a vontade de uma expressão excelente.”

(BOSSMANN, 1953: 99).

E é assim que o autor explica o que ele chama de mescla linguística teuto-brasileira.

Os imigrantes pertenciam a camadas com pouca formação escolar e são, na sua maioria, falantes de um dos dialetos regionais da Alemanha. O alemão padrão era numericamente sub-representado e somente exerceu alguma influência nas igrejas e escolas alemãs.

Para o autor, a penetração linguística tem sido favorecida e promovida “por um lado pela necessidade de os “colonistas” se assemelharem também linguisticamente às condições novas e pelo outro lado por causa do vocabulário restrito na língua materna.”(BOSSMANN, 1953: 98)

DIE DEUTSCH = BRAZILIANNISCHE SPRACHMISCHUNG

(1959): ERICH FAUSEL.

Este é um trabalho sobre a mescla linguística teuto-brasileira e se enquadra na

área da pesquisa lexicográfica.

O livro contém uma pequena parte de reflexões teóricas e uma parte bem extensa que consiste no vocabulário da mescla linguística teuto-brasileira. O autor caracteriza essa mescla linguística teuto-brasileira como se segue:

a) aceitação de palavras de origem portuguesa no vocabulário alemão;

b) surgimento de “mistura lexical” (MISCHWOERTER). Um exemplo é a palavra FUXOCHSE, que vem da combinação do verbo português puxar (FUX) com o substantivo alemão O C H S E (boi);

c) surgimento de “mistura sentencial” (SATZMISCHUNG), isto é, a interferência na sintaxe alemã de fenômenos sintáticos da língua portuguesa.

d) surgimento da chamada “Wort-Satz Mischung” (como o próprio nome indica, trata-se de uma superposição de b e k que é a transferência de uma construção portuguesa para o alemão. Exemplo:

- Es Konvenierr mir. (= Me convém, no português coloquial).

FAUSEL assinala que a “miscelânea” ou mescla é um fenômeno natural. O autor interpreta a situação da língua alemã como momento crítico e vê duas possibilidades de resolução para o contato:

a) a mescla linguística como estágio de transição para a perda da língua imigrante;

b) a manutenção, fixação e cristalização da mescla linguística.

FONOLOGIA DO VESTFALIANO DE RIO FORTUNA (1968):

PAULINO VANDRESEN.

Trata-se da dissertação de mestrado voltada para a fonologia.

O autor analisou o dialeto vestfaliano falado em Rio Fortuna no nível fonológico.

Ele assinala que o vestfaliano é um dialeto regional alemão falado por descendentes de alemães nos municípios catarinenses de Águas Mornas, São Bonifácio, São Martinho, Armazém, Santa Rosa de Lima, Braço do Norte, Grão Pará, São Ludgero e Rio Fortuna, uma colônia alemã fundada em 1881. Lá o autor realizou em 1964 e 1965, uma pesquisa de campo. A coleta de dados se baseou no uso de listas de palavras e gravações de discursos ou conversas informais. Quanto à escolha de informantes, VANDRESEN distingue quatro grupos diferentes.

1.- Os que estavam em idade escolar até 1932 e tiveram somente escola alemã. A língua materna é o vestfaliano, tendo aprendido o alemão padrão na escola. Desses falantes somente alguns sabem falar português. A língua dominante nas interações do grupo é claramente o vestfaliano.

2.- Os que frequentaram a escola entre 1932 e 1944 e que são falantes nativos de vestfaliano, tendo aprendido alemão padrão e português na escola. Entre membros desse grupo fala-se também predominantemente o vestfaliano.

3.- Os que foram escolarizados depois de 1944. Eles são falantes nativos de vestfaliano e aprenderam o português na escola, não tendo mais aulas de alemão. Os membros desse grupo falam exclusivamente português entre si, mas com os grupos anteriores falam o vestfaliano.

4.- A geração escolar é a partir de 1964, quando foi iniciada a coleta de dados. Os imigrantes aprenderam quase simultaneamente o vestfaliano e o português. Falam o vestfaliano com os pais e parentes mais velhos e o português com os irmãos e os amigos. Segundo o autor, neste último grupo o vocabulário vestfaliano é bastante reduzido. O

autor preferiu trabalhar com informantes do grupo 1 e 2, por eles apresentarem, segundo VANDRESEN (1968), maior eficiência de expressão na língua alemã e menor índice de interferência do português. Este não é o caso das gerações mais novas, membros do grupo 3 e 4, em que há fenômenos de interferência linguística mais evidente. VANDRESEN (1968), menciona interferências lexicais em forma de empréstimos de palavras e interferências ao nível fonológico em forma de surgimento de algumas novas oposições fonológicas.

“O contato entre línguas diferentes, particularmente sobre vestfaliano e português, continua e a interferência de uma língua na outra implica necessariamente na reorganização de todas as antigas oposições de sistema. Assim, há falantes, particularmente no grupo 3 e no grupo 4 que distinguem “s” “z” e “š” “z” como fonemas diferentes, o que entretanto não ocorre com os informantes utilizados que pertencem aos grupos 1 e 2. “ (VANDRESEN, 1968: 3)

Nesse trabalho, a opção do autor é analisar somente os dados dos falantes que fazem parte dos grupos 1 e 2, a fim de dar uma descrição detalhada do dialeto vestfaliano no sentido de poder avaliar posteriormente num outro estudo, o índice de interferência do português e a eficiência de expressão no vestfaliano de falantes dos grupos 3 e 4.

OS FALARES ALEMÃES NO RIO GRANDE DO SUL (1972): WALTER KOCH.

Trata-se de um trabalho da área da dialetologia, constituído por três artigos.

No artigo “Contribuição para o estudo dos falares alemães no Rio Grande do Sul”, KOCH busca verificar se há ou não uma Koiné Teuto-brasileira, chegando à conclusão de que:

“...os dialetos não se desenvolveram numa Koiné teuto-uniforme e homogênea”.
(KOCH, 1972: 28)

O segundo artigo publicado sob o título “Idioleto numa colônia vestfaliana” tem por objetivo levantar o respectivo vocabulário usual da colônia “Linha Clara” para determinar:

“...através das isoglossas, de um falar local alemão ele mais

**se aproxima ou mesmo com
que falar ele coincide”.**
(KOCH, 1972: 36)

O autor usa um questionário de 175 frases e palavras isoladas tendo se baseado no Atlas Lingüístico da Alemanha e no Atlas Vocabular da Alemanha. O resultado obtido através dessa pesquisa, segundo o autor:

“... o vestfaliano da Linha Clara (abstraídas as influências do português e de dialetos francônicos) corresponde à variante do vestfaliano falada na região de Ecklenburg, Lengerich e Osnabrueck...” -
(KOCH, 1972: 61)

BILINGUÍSMO E CONSERVAÇÃO LINGÜÍSTICA: UM ESTUDO PRELIMINAR DE DUAS COMUNIDADES EM SANTA CATARINA (1973): HEYE e outros.

Trata-se do trabalho resultante de uma pesquisa que, em 1973, JUERGEN HEYE e alunos do Curso de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Federal de Santa Catarina, realizaram na cidade de Pomerode, cidade essa colonizada por imigrantes alemães da Pomerânia e em Rio dos Cedros, cidade colonizada por imigrantes italianos

de Trento. Os pesquisadores estavam interessados em analisar as atitudes que tais grupos manifestavam para com as suas respectivas línguas imigrantes e a língua portuguesa e determinar diferenças no uso funcional de cada língua imigrante em cada comunidade.

Os dados obtidos por questionários e entrevistas nas duas comunidades mostraram que em Pomerode o conhecimento do alemão é mais valorizado do que o do italiano em Rio dos Cedros. Quanto ao uso funcional das línguas imigrantes, demonstrou-se que o alemão em Pomerode domina no ambiente familiar e o português fora deste ambiente. A situação do italiano em Rio dos Cedros é diferente: o português está numa posição dominante na maioria das situações comunicativas.

PROCESSOS DE INTERFERÊNCIA LINGUÍSTICA ENTRE O PORTUGUÊS E O ALEMÃO (1976): ESTHER ZINK DE SOUZA.

Trata-se da dissertação de mestrado da autora na área da sociolinguística. A dissertação é composta por três partes.

1º- A introdução contém um levantamento bibliográfico sobre a imigração alemã no Brasil e considerações gerais a respeito de aspectos de interferência.

2º- Na segunda parte a autora apresenta a análise linguística, em que ela aponta, através de dados obtidos em gravações de diálogos informais com descendentes de imigrantes alemães, quais aspectos da língua dos informantes apontam evidências de interferência linguística entre o português e o alemão. Nesta parte ela enfoca o fato de que nem tudo o que foge às normas de uma língua pode ser atribuído ao contato entre esta língua e outra.

3º - A terceira parte da dissertação contém a conclusão. A autora afirma que alguns fenômenos podem ser classificadas como sendo de interferência, outros como não sendo interferência, e outros ainda duvidosos quanto à classificação.

VARIEDADES SOCIOLINGÜÍSTICAS ENTRE OS MENO- MITAS DE CURITIBA (1984): JOÃO UDO SIEMENS.

Trata-se da dissertação de mestrado do autor, com enfoque sociolinguístico em que se analisa o grau de frequência do uso de português, alto-Alemão e baixo-Alemão entre os Menomitas de Curitiba, um grupo minoritário de natureza étnico-religiosa. O autor selecionou as seguintes variáveis extra-linguísticas para a compreensão do fenômeno. São elas: sexo, idade, escolaridade, influência do contexto, variações no grau de frequência do emprego das línguas e suas causas prováveis. Além de uma análise do uso em geral de português, alto-Alemão e baixo-Alemão, foram pesquisados três domínios específicos: a esfera da amizade e do lazer, a esfera familiar e a esfera religiosa. Para fins de levantamento de dados o autor utilizou um questionário sociolinguístico, através do qual ele obteve a caracterização da realidade sociolinguística dos menomitas. Após coleta e codificação, os dados foram relacionados com as variáveis estabelecidas, que, comparadas às hipóteses formuladas, revelaram que:

- “quanto mais jovem o falante, maior é o emprego do português, menor o de alto-Alemão e baixo-Alemão, registrando-se no uso do alto-Alemão uma maior insegurança;

- os menomitas do sexo masculino detém um índice superior no emprego de Por-

tuguês e baixo-Alemão quando comparados ao sexo feminino, mas são superados por este no uso do alto-Alemão;

- na esfera da amizade e do lazer predomina o emprego do Português, sendo também frequente o uso do baixo-Alemão;

- na esfera familiar privilegia-se o ensino do alto-Alemão em detrimento da língua tradicionalmente ensinada, o baixo-alemão, que, mesmo assim, continua sendo empregado, inclusive pelos jovens,

- na esfera religiosa o domínio do emprego do alto-Alemão não é mais absoluto, principalmente entre os jovens, mas, quanto maior a formalidade do contexto e a passividade do falante, maior é o emprego do alto-Alemão e menor o do Português;

- a incorporação definitiva dos bairros em que se localiza a comunidade menomita ao perímetro urbano de Curitiba foi acompanhada pelo aumento generalizado do emprego do Português e da consequente diminuição do uso de baixo-Alemão e alto-Alemão, principalmente entre os jovens”. (SIEMENS, 1984: IV, V)

Na conclusão o autor aponta que o fim do isolamento geográfico e cultural na vizinhança, no emprego, na escola e no lar, através da presença maciça de televisores, está acelerando o processo de transformação dos hábitos linguísticos entre os menomitas.(3)

**MANUTENÇÃO E MUDANÇAS LINGUÍSTICAS NO
MUNICÍPIO DE PANAMBI - UM ESTUDO QUALITATIVO E
QUANTITATIVO (1989): UTE BARNERT-FURST.**

Trata-se da dissertação de Mestrado em que a autora descreve uma situação de bilinguismo existente em Panambi (RS), uma pequena cidade rural com cerca de 25.000 habitantes que foi fundada como colônia particular sob o nome de Neu-Wuerttemberg por Hermann Meyer. (4)

É um trabalho de natureza sociolinguística que abrange as áreas: a sócio-histórica, etnográfica e linguística.

Na área sócio-histórica BARNERT-FURST(1989), reconstrói o contexto sócio-histórico tanto da colonização do Rio Grande do Sul, como também da colonização de Panambi e da imigração de pessoas de Wurtemberg, Alemanha do Sul, de 1921 até 1926, que formam o grupo alvo da pesquisa. A autora descreve a situação de contato que se deu entre os membros do grupo étnico alemão e brasileiro e dá uma descrição curta do município de Panambi.

Na área etnográfica analisa basicamente o diário de campo das pesquisas que realiza em Panambi e redondezas. Com base nas observações anotadas nesse diário, a autora descreve os domínios da língua imigrante e da língua nacional na zona urbana e zona rural de Panambi.

Na área linguística a autora caracteriza a língua usada pelos membros da comunidade de fala alemã como sendo tipicamente oral e dialetal. A autora elabora um modelo de análise sintática para os dados que levam em conta descrições sintáticas da língua alemã falada e de dois dialetos regionais alemães, usados pelos informantes (o

dialeto hunsrueckisch e o dialeto sueviano). A autora adota o modelo de análise da teoria da variação para sistematizar os dados dos informantes e trabalha basicamente com duas variáveis:

- a - preenchimento versus queda de sujeito e
- b - sujeito pré e pós verbal.

O objetivo central da dissertação é verificar, através da análise quantitativa, os possíveis efeitos de interferência da sintaxe da língua portuguesa sobre a sintaxe da língua alemã no caso dessas duas variáveis linguísticas.

1.2.- OS TRABALHOS DE OPPENHEIM (1966) E A CONCEITUAÇÃO DE ATITUDES LINGUÍSTICAS EM SHUY E FASOLD (editores) (1973)

A revisão dos trabalhos anteriormente mencionados mostra que a situação de contato do alemão com o português aqui no Brasil tem sido estudada sob o ponto de vista:

- sociológico-antropológico (WILLEMS, (1946))
- fonológico (VANDRESEN, (1968))
- dialetológico (BOSSMANN (1953) e KOCH (1972))
- etnográfico (SCHADEN (1942) e HEYE (1973))
- sociolinguístico com ênfase no fenômeno de interferência lexical e gramatical

(SOUZA (1976))

- sociolinguístico com ênfase na determinação dos domínios da língua alemã e portuguesa (SIEMENS (1984)) e
- sociolinguístico com ênfase para as mudanças sintáticas com interferência da sintaxe da língua portuguesa sobre a sintaxe da língua alemã (BARNERT-FURST (1989))

Além da leitura de obras e trabalhos realizados sobre a língua alemã, assim como dos estudos sociolinguísticos relevantes, parece-nos oportuno resenhar nosso estudo sobre atitudes linguísticas, visto que, como já mencionamos, esta dissertação tentará descrever as atitudes linguísticas dos pomeranos de Espigão D Oeste, Rondônia.

Em FISHMAN e outros (1966), conforme OPPENHEIM (1966) “A maioria das definições parecem concordantes em que uma atitude é uma disponibilidade, uma tendência para agir ou reagir de um certo modo quando confrontada com certos estímulos. Assim, as atitudes de um indivíduo estão sempre presentes porém subjacentes (adormecidas) na maior parte do tempo; elas se expressam na fala ou em outra forma de comportamento somente quando o objeto da atitude é percebido (...) As atitudes são reforçadas por crenças (o componente cognitivo) e geralmente atraem fortes reações (o componente da tendência expressiva).”

Nos termos da concepção de OPPENHEIM (1966), o conceito de atitude reveste-se de uma complexidade que facilmente lhe desconheceríamos, se a considerássemos simplesmente no âmbito da ação. Com efeito, tendo como base a sua linha de pensamento, seria errôneo conceber atitude unicamente como um determinado tipo de ação em relação a um objeto, uma vez que esta seria apenas uma etapa; em outras palavras, o passo final de um processo.

Na verdade, definida como “uma tendência para agir ou reagir de um certo modo

quando confrontada com certos estímulos”, a atitude se caracteriza antes de tudo, por essa “disponibilidade” a que se refere o autor, vinculada necessariamente a três componentes que a conformam. Pensada nesses termos, essa disposição latente, presente nos indivíduos, não se configura unicamente como uma forma de agir primária ante um objeto de sua percepção mas como uma tendência elaborada e fortemente dirigida pelas crenças e valores que subjazem à manifestação ativa do sujeito com relação a esse objeto. O componente cognitivo, como o chama OPPENHEIM (1966), tem, assim, uma influência preponderante no resultado final, que seria a ação propriamente dita. Por outro lado, nesse complexo processo que define a atitude, entre o componente cognitivo e o de tendência expressiva, que configura a ação do indivíduo em relação a um objeto determinado, situar-se-ia o componente emotivo, cuja matéria-prima, se é que assim podemos dizer, provém do primeiro componente, do conjunto de crenças do indivíduo, e cujo alcance se projeta sobre o componente ativo. Em outras palavras, o caráter de relativa passividade que caracteriza, de certa maneira, o componente cognitivo, chegaria ao componente de tendência expressiva ativado pelo componente emocional que, a partir de crenças e valores, provoca reações determinadas, as quais, por sua vez, dão os contornos para a ação final do indivíduo.

Insistimos, portanto, no fato de que a atitude é vista aqui como um processo, dotado de certas etapas, e não simplesmente como um resultado. Ou seja, a percepção do objeto e a demonstração ativa de um indivíduo, a partir dele e com relação a ele, são precedidas e reforçadas por outros procedimentos: o enquadramento do objeto no sistema de crenças e valores do indivíduo e sua eventual reação emotiva a ele. A tendência para um certo tipo de ação torna-se assim o produto, o resultado final desse confronto.

Em SHUY e FASOLD (1973), como editores, encontramos trabalhos sobre

atitudes linguísticas em diferentes direções, entre os quais gostaríamos de destacar:

- WOLFGANG WOLCK (1973) Este trabalho é sobre o bilinguismo quechua e espanhol, no Peru. Após colocações históricas que procuram situar as línguas faladas no Peru, o autor descreve o trabalho realizado com falantes do espanhol e quechua quanto a atitudes que ele rotula hispanicistas e indigenistas, respectivamente. Na amostra testada, uma parcela mostrou-se a favor de uma rapidez na hispanicização da linguagem, enquanto a população não falante do espanhol manifestou atitudes tendentes à retenção da própria linguagem. O trabalho foi montado sobre amostras anteriormente selecionadas de fala, gravadas em fita, que o autor rotulou de “estímulo” às manifestações de fala dos indivíduos amostrados. Os falantes que produziram os estímulos para o teste, foram escolhidos de dois grupos sociais e de dois grupos linguísticos diferentes. As variáveis foram:

- 1.- classe social do falante;
- 2.- capacidade linguística do falante (se monolíngue ou bilingue),
- 3.- a língua usada nos estímulos e
- 4.- tópico discutido na passagem-estímulo (material usado para provocar resposta no informante).

Para o diagnóstico de atitudes, WOLCK (1973), serviu-se de escalas semânticas diferenciais, formadas por pares de palavras, com espaços entre si, que deveriam ser assinaladas com um X após ouvidas as amostras de fala. Como resultado, o autor apresenta dados quanto às atitudes sobre a língua, status social e lealdade linguística dos entrevistados. (WOLCK, WOLFGANG - 1973. “Attitudes toward Spanish and Quechua in Bilingual Peru” In: SHUY & FASOLD, p. 129-147).

- SMITH, DAVID H. (1973), após declarar que as diferenças na fala podem estar entre os maiores indicadores de status social, defende a existência de uma relação entre atitudes quanto à fala e comportamento, quando alguém avalia a fala de outrem: “A avaliação que fazemos da fala de uma pessoa tem efeito sobre como agimos com ela.” Apresenta, esquematicamente, o modelo de um sistema sócio-cultural onde estão presentes sociedade (cultura); grupos sociais (sub-cultura); indivíduos (personalidade); manifestações (comportamentos, instituições culturais, etc), para depois tecer considerações quanto ao modelo. Conclui o trabalho apontando a inter-relação entre língua, fala e atitudes. (SMITH, DAVID M. 1973. “Language, speech and ideology: a conceptual framework”. In: SHUY & FASOLD, pg. 97-112).

- WILLIAMS, FREDERICK .(1973) - Partindo do pressuposto de que as pessoas tendem a empregar conjuntos estereotipados de atitudes como pontos de apoio para a avaliação, quando se lhes apresenta uma amostra de fala, empreendeu trabalho objetivando examinar aspectos de atitudes que entram em jogo quando as pessoas fazem julgamentos de fala. Examinou as atitudes que professores refletiram nas avaliações de fala de crianças brancas, negras e mexicanas, de status social médio e baixo. Com o trabalho objetivou rever métodos e examinar atitudes, sumarizar como as medidas de atitudes devem ser tomadas para medir operacionalmente estereótipos dialetais que parecem entrar nos processos de avaliação da fala. Como medida técnica para atitudes, partiu de escalas semânticas diferenciais que envolveram a avaliação de um conceito ou estímulo através de pares de adjetivos. Apontou o fato de que, mesmo em ausência de estímulos gravados, alguns professores mostraram-se propensos a antecipar atitudes em direção a um tipo particular de crianças. Tais atitudes refletiram, conforme o autor, um estereótipo e a pesquisa se encaminhou no sentido de verificar, através de outras técnicas, que relações as mesmas apresentaram com as fixações das amostras de fala.

(WILLIAMS, FREDERICK. 1973. "Some research notes on dialect attitudes and stereotypes". In: SHUY & FASOLD - pg. 113-128)

- SHUY e WILLIAMS (1973), consideram que "a reação das pessoas em face de um dialeto pode não somente refletir suas atitudes acerca do status social do dialeto mas, também, pode incluir grupos de atitudes relacionadas com aparentes qualidades do dialeto ou de pessoas que falam aquele dialeto". O trabalho em questão descreve os resultados de uma análise estatística de julgamentos subjetivos, realizados sobre 5 tipos de fala que funcionaram como estímulos, rotulados: Detroit Speech, White Southern Speech; British Speech; Negro Speech e Standard Speech. O estudo que serviu de base é de 1969 e foi realizado por SHUY, BARATZ e WOLFRAM. Relataram os autores que, comparando os julgamentos de acordo com as diferentes características dos entrevistados, foram obtidos os seguintes resultados:

"... considerável contraste entre as avaliações dos cinco diferentes tipos de fala; geralmente na direção de Detroit Speech e Standard Speech, de forma aproximadamente similar; a avaliação de British Speech, nas quatro dimensões enfocadas: valor, complexidade, potência e atividade foi mais positiva

que a da Negro Speech,
enquanto esta foi mais
positiva que a da Southern
Speech" (SHUY, ROGER W. &
FASOLD, RALPH W. (eds),
1973).

NOTAS SOBRE O CAPÍTULO 1

1.- Na realidade, foi no fim do século XIX que o fenômeno de línguas em contato recebeu uma consideração mais ampla. As publicações de ADOLFO COELHO (1880), HUGO SCHUCHARDT (1880) e CHRISTIAN HESSELING (1899) podem ser consideradas pioneiras na área de pesquisa de línguas em contato. Esses autores, os três, tentaram descrever contatos causados pela presença de colonizadores europeus na África, nas Américas e na Ásia. Nesse contexto devemos lembrar que foi Schuchardt quem primeiro descreveu em seu artigo situações de contato de língua alemã com línguas eslavas na Áustria. (“DEM HERRN FRANZ VON MIKLOSCH ZUM 20. November 1883 - slawo-deutsches und slawo-italienisches”, publicado em 1884).

2.- O autor quer dizer mistura da língua alemã com o português do Brasil.

3.- Menomitas: Grupo religioso de origem européia, sediado em Curitiba-PR.

4.- Hermann Meyer é editor do léxico de conversação mais conhecido na língua alemã (Meyer 's Konversationslexikon).

CAPÍTULO 2

COLETANDO DADOS

Foi o americano W. LABOV (1972), quem combinou as duas técnicas de trabalho de campo nos estudos sobre variação e mudança realizados em Filadélfia, EUA. O esboço desse método de pesquisa de campo aparece detalhado em “Field Methods Used by the Project of Linguistic Chang and Variation. Philadelphia, 1972-1978”.

Não seguimos o modelo Laboviano citado, porém realizamos uma fase de observação muito extensa (1993-1994), a fim de obtermos impressões sobre as condições de vida dos membros da comunidade de fala pomerana. Trabalhando de forma mais livre, as noções básicas e os princípios teóricos subjacentes ao trabalho vieram de leituras sociolinguísticas variadas, das aulas de pós-graduação, especialmente das disciplinas de Etnolinguística e Variação e Mudança linguística, ambas ministradas pela professora Dra. Tânia ALKMIM e de sugestões advindas nos trabalhos de orientação. De maneira particular, contribuíram para a pesquisa os artigos e livros publicados pelo professor TARALLO, como os livros “A Pesquisa Sociolinguística” (1985), “Fotografias Sociolinguísticas” (1989) e “Falares Crioulos - Línguas em Contato”(1987), este último escrito em colaboração com Dra. Tânia ALKMIM.

Das obras de William LABOV, devem ser destacados os trabalhos básicos como “Sociolinguistic Patterns” (1972) e “Field Methods of Project on Linguistic Change and Variation” (1978).

Dentre as leituras mais importantes destaco as obras discutidas durante os traba-

lhos de orientação com a Dra. Tânia ALKMIM: a obra de PETER TRUDGIL (1974) “Sociolinguistics”, a obra de NORBERT HATTMANN “Sociolinguistics - a critical survey of theory and application” (1976), a obra de Silva-Corvalán, C. (1989), “Sociolinguística”- Teoria e Análises”(1989), a obra de SUZANE ROMAINE “Bilingualism”(1989) e a obra de BRIGITTE SCHLIEBEN-LANGE, “História do Falar e História da Linguística” (1993). O primeiro trabalho aqui citado oferece conceitos fundamentais para se definir a situação de bilinguismo da comunidade. O segundo traz uma orientação geral sobre o trabalho de campo, a organização de dados e os procedimentos para análise e interpretação de línguas em contato. As outras obras citadas ajudaram a orientar a perspectiva sociolinguística da pesquisa, porém, a obra de BRIGITTE SCHLIEBEN-LANGE foi fundamental para a análise conversacional das entrevistas, especialmente o capítulo 5, “Uma proposta para o desvendamento de “Línguas Encobertas”. Muitos outros autores da área de sociolinguística contribuíram de forma mais indireta, ou seja, ajudaram a formar conhecimentos na área, por exemplo G. VERDES e J. BOUTET (orgs) “Multilinguismo”- 1989 e FASOLD, R. (1985), “Language, Society and identity”.

Para melhor avaliação de nossa metodologia de trabalho, vamos descrevê-la detalhadamente.

2.1.- O PROBLEMA DA ENTRADA NA COMUNIDADE DE FALA

Há duas estratégias quanto à entrada de um pesquisador numa determinada comunidade de fala, propostas por LABOV em “Field Methods by the Project on

Linguistic Change and Variation” (1978):

1- Entrar em contato com indivíduos e pequenos grupos de uma comunidade de fala que se propõe a ajudar a estabelecer contatos com outros membros da vizinhança.

2- Entrar na comunidade através de pessoas que pertencem a instituições sociais como, por exemplo, igrejas e escolas.

Fizemos as duas coisas: nosso primeiro contato foi com professores da zona rural que ministravam aulas para crianças absolutamente monolíngues em pomerano, com idade variando entre sete e treze anos de idade. Depois tivemos contato com as famílias daquelas crianças, participamos de seus cultos religiosos e passamos algumas semanas, intercaladas, convivendo com as mulheres da comunidade, participando de seu trabalho doméstico e mantendo uma convivência intensiva, o que nos ajudou a construir contatos pessoais muito bons, que de algum modo foram muito importantes para a realização das entrevistas sociolinguísticas.

2.2.- O PROBLEMA DA APRESENTAÇÃO À COMUNIDADE

Os primeiros contatos com a comunidade, de modo mais geral, foram feitos com pessoas que a conheciam bem. Na maioria dos casos fomos apresentados às famílias através de amigos e parentes.

Entrevistamos todos os informantes em suas casas. Na hora da entrevista houve, na maioria dos casos, outras pessoas por perto que muitas vezes acabaram interagindo e participando da entrevista. Justificamos as entrevistas enfocando que queríamos saber mais sobre a colonização de Espigão D’Oeste, sua fundação, a imigração dos pomeranos

vindos do Espírito Santo e a contribuição dos imigrantes e seus descendentes para o desenvolvimento do município. Explicamos que estávamos interessados em saber como era a vida na antiga Pomerânia e o que eles sabiam sobre isso. Explicamos que estávamos interessados no resgate da cultura pomerana e isto foi fundamental para nossa aceitação por parte da comunidade. Alguns informantes queriam saber o porquê da gravação. Explicamos que tínhamos de gravar tudo para lembrar o que foi falado. Estávamos conscientes do problema ético, mas achamos necessário adotar esse método.

2.3.- INSTRUMENTOS DA PESQUISA

Após as dificuldades naturais de penetração na comunidade, iniciamos um trabalho de campo que se estendeu até fevereiro de 1995, período que, pela nossa constante presença na zona rural, nos facilitou o trabalho de observação e entrevistas sociolinguísticas. Sabemos que a observação, a entrevista e o questionário são absolutamente relevantes para um trabalho de campo na área da sociolinguística, como é o caso desta dissertação. O roteiro de entrevistas e o questionário estão descritos nos anexos.

2.3.1.- OBSERVAÇÃO

Através da técnica de observação, poderíamos observar o informante, quanto ao seu comportamento, nos dois momentos diferentes da aplicação do questionário: em presença de falares gravados e na ausência dos mesmos. Gestos, hesitações, reformulações, etc., anotados paralelamente, poderiam ser úteis para uma análise poste-

rior da(s) atitude(s). Estávamos especialmente interessados em observar o comportamento linguístico das pessoas em situações de interação natural. A descrição etnográfica da comunidade de fala pomerana que conseguimos através da observação, encontra-se no capítulo três (3) da dissertação.

Iniciamos a observação na zona rural de Espigão D'Oeste em diversas instituições como, por exemplo, nas Igrejas e nas escolas da zona rural e em vários lugares públicos aos quais os pomeranos se dirigiam como: rodoviária do colono em Cacoal e rodoviária em Espigão D'Oeste, nas diversas lojas, nos supermercados e nos chamados "buliche" onde se vende de tudo para a comunidade. Frequentamos festas da comunidade Evangélica Luterana nas diversas e pequenas igrejas espalhadas por toda a zona rural de Espigão D'Oeste. Frequentamos batizados e casamentos de membros da comunidade pomerana. Através de contatos estabelecidos durante essa fase da observação obtivemos impressões sobre a realidade linguística da comunidade em estudo. Localizamos também os nomes de imigrantes que chegaram do Espírito Santo como pioneiros para a colonização de Espigão D'Oeste. Nessas observações mantínhamos conversas informais nas quais estávamos sempre interessados em saber mais detalhes sobre o povo pomerano, especialmente os vindos do Espírito Santo para Rondônia. Conversamos, muitas vezes e informalmente, sobre a convivência dos dois grupos étnicos (brasileiros e pomeranos) durante os anos de existência de Espigão D'Oeste e queríamos saber se casamentos interétnicos eram aprovados pelos membros da comunidade. Conversamos ainda sobre o que mudou e o que estava mudando em Espigão D'Oeste, especialmente na zona rural, se mudou para melhor ou para pior. Assim, a situação provocada pelo trabalho de campo no que se refere à observação, fez com que as pessoas com as quais interagimos se tornassem especialistas e nós os aprendizes. Percebemos que, de modo geral, as pessoas não gostavam de serem chamadas de "alemães capixabas", expressão

usada pelos vizinhos não pomeranos, mas gostavam de falar sobre a história local de Espigão D'Oeste. Através da observação pudemos escolher informantes representativos, e isto não foi difícil porque os pomeranos se conhecem muito bem e mantêm contatos constantes entre si. Os objetivos relacionados à observação foram:

- 1.- Obter impressões sobre a vida comunitária e sobre as condições de vida dos membros da comunidade de fala pomerana.
- 2.- Reconstruir o contexto sócio-histórico da colonização de Espigão D'Oeste e da imigração dos pomeranos para Rondônia, através de relatórios de testemunhas da época.
- 3.- Captar as variedades linguísticas e as línguas usadas na comunidade de fala pomerana em situações de interação natural.
- 4.- Determinar, com base nas observações feitas em situações de interação natural, os domínios da língua imigrante e da língua nacional.
- 5.- Observar fatos dentro de núcleos familiares e examiná-los em relação ao uso da língua pomerana e da língua portuguesa.
- 6.- Reconhecer problemas ou assuntos da comunidade que poderiam ser introduzidos como tópicos na entrevista sociolinguística.
- 7.- Selecionar informantes para a constituição da amostra.

Assim, a observação forneceu material para a descrição etnográfica da comunidade de fala pomerana em Espigão D'Oeste e funcionou também como fase preparatória para a realização da entrevista sociolinguística.

2.3.2.- A ENTREVISTA

Acreditamos que, dependendo da natureza da investigação, por vezes é desejável que se obtenha as respostas através de perguntas diretas ao informante. Em tal situação, este estará sendo entrevistado. Além disso, os dados obtidos através de gravação em fitas magnetofônicas, tornam possível, no momento da transcrição, a observação de aspectos ligados à entonação, ritmo, etc., que podem contribuir para confirmar, ou não, uma dada atitude do informante em relação à questão proposta. Mantendo um diálogo com o informante, colocamo-nos diante dele, tendo assim maior flexibilidade na obtenção de informações que desejamos colher. Podíamos observar não apenas o que estava sendo dito pelo informante mas, como era dito. Assim, realizamos questionário que foi roteiro para a entrevista, como também questionário que foi apenas preenchido pelo informante e não gravado. A utilização do roteiro atendeu inicialmente à necessidade de submeter os informantes escolhidos aos mesmos tópicos. Mas, possibilitou também que houvesse uma atitude flexível do pesquisador na situação de entrevista permitindo-lhe:

- repetir questões de modo para ter a garantia de que havia compreensão por parte do informante;
- retomar as questões postas nas situações em que o informante se desviava com o relato de dados não pertinentes;
- avaliar a necessidade ou não de suspender temporariamente a sessão de entrevista, em função do cansaço do informante, retomando-a posteriormente.

As entrevistas gravadas com os informantes foram feitas em diversas etapas; num primeiro momento, como não tínhamos claro o tipo de trabalho a ser desenvolvido, gravamos uma série de conversas informais sobre o povo, seus costumes, suas histórias de vida, o motivo da vinda para Rondônia, como sentiam o clima da região e do que mais gostavam. Num segundo momento, quando já tínhamos claro o tema do trabalho,

as entrevistas foram realizadas a partir de um roteiro. Num terceiro momento fizemos novas entrevistas com o objetivo de confirmar impressões e observações iniciais. Esta foi a fase mais importante do trabalho, pois já havendo conquistado a confiança da comunidade, que é bastante fechada e receosa com estranhos foi possível ter um contato mais próximo com os informantes. Nas entrevistas utilizamos gravadores embutidos, vídeo e fotos. Todos os contatos com os informantes tinham por base questões que envolvessem a vida deles, o que fez com que eles se mostrassem receptivos ao nosso trabalho.

2.3.3.-O QUESTIONÁRIO

O questionário, apresentado em anexo, foi elaborado considerando-se a seguinte divisão:

- a) - Questões objetivando verificar as atitudes que os informantes declaram ter, em relação ao pomerano e ao português;
- b) - Questões objetivando verificar as atitudes que os informantes realmente têm em relação ao pomerano e ao português;
- c) - Questões com respostas alternativas no sentido de facilitar a compreensão de determinados pontos, por exemplo, a área de domínio da língua pomerana ou da língua portuguesa;
- d) - Questões abertas, com as quais objetivamos informações mais ricas e variadas, por darmos ao entrevistado oportunidade de responder com suas próprias palavras (sem que sugeríssemos qualquer resposta), dentro do seu quadro de referências;
- e) - Perguntas no sentido de testar a consistência de determinadas respostas, a fim de que se confirmasse o percurso e a história linguística da língua pomerana na comunidade de

fala.

Dados da história pessoal do entrevistado, como naturalidade, filiação, estado civil, ocupação, religião, etc., foram colocados na Ficha de Histórico pessoal, enquanto que os demais questionamentos buscavam dados para: representação social do pomerano, da preferência pelo uso do pomerano, domínio exclusivo do pomerano e uso de outra (s) línguas (s), importância e valorização relativa das línguas conhecidas, língua para contato, necessidade de aprender outras línguas, capacidade pessoal de aprender línguas, potencialidade do pomerano para expressão, uso de línguas e situações.

Vale destacar que o questionário foi preenchido pelos informantes.

2.4.- OS INFORMANTES - OS DADOS - A INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Para entender melhor o ontem e hoje dos Pomeranos de Espigão D'Oeste, e como a comunidade é formada em relação a seus membros, foi feito um estudo preliminar, consultando-se a bibliografia de que se dispunha inicialmente. Foram de grande importância as obras, artigos e trabalhos ora citados que colocamos em ordem de data de publicação:

- JEAN ROCHE (1968) A Colonização Alemã no Espírito Santo
- WANKE (1972) Pommeranos in Brasilien
- JACOB (1974) A Imigração Pomerana no Espírito Santo
- PIMPÃO (1974) Os 150 anos de imigração Alemã no Brasil
- Boletim das N.A.C. (1976) - Migração, Esperança?
- TRESSMANN (1985) Laranja da Terra - 75 anos de vida comunitária
- Jornal A Ponte (1986) - O que devemos Saber dos Pomeranos

- O Município de Espigão D'Oeste (1988) Sua história, sua gente.
- STROHER. (1988) Trajetória Histórica dos Pomeranos do Espírito Santo
- JACOB (1992) Coleção Memória - 3 - A imigração e aspectos da cultura pomerana no Espírito Santo
- Revista Veja (1994) - Gente de Outro mundo
- Jornal Alto Madeira - PVH (1994) - Serras Capixabas
- Jornal O Cone Sul (1994) - Espigão é a cidade mais Pomerana de RO
- Correio Popular, Cariacica (ES) (1994) - Cultura Pomerana
- Revista Nova Escola N. 51 - Pomeranos - eles chegam à escola sem falar Português.

Através das obras e trabalhos acima citados, foi possível traçar um retrato da situação atual e da história desta comunidade pois, neste estudo preliminar, algumas variáveis se mostraram mais importantes para se entender as relações das pessoas na zona rural de Espigão D'Oeste. Um dos fatores mais importantes é a ligação cultural que a pessoa tem com o lugar de origem. É bem verdade que todos são pomeranos, porém vieram das mais diversas regiões do Espírito Santo, havendo uma minoria que veio de Estados do Sul como Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Há portanto, algumas diferenças entre estas pessoas, as quais estão melhor detalhadas no capítulo 3, onde falamos dos Pomeranos de Espigão D'Oeste.

O fator mais importante na caracterização dos informantes é a sua situação linguística, ou seja, se é monolíngue (em pomerano ou português) ou se é bilíngue (fala português e pomerano). Esta é uma variável muito importante, pois está presente na comunidade independentemente do nível de escolaridade, do sexo, da profissão ou da idade.

A seleção dos informantes foi feita considerando-se, então:

- a) Procedência (Estado),

- b) Proveniência (Capital ou interior do seu estado de origem);
- c) Tempo em que morou em seu lugar de origem (estabeleceu-se que deveriam ter vivido, até a data da imigração para Rondônia, todo o tempo em seu lugar de origem, tendo permanecido fora do mesmo por períodos curtos como viagens, férias, visitas a familiares ou viagens de negócio).
- d) Filiação (deveriam ter como ascendentes diretos (pai e mãe), pessoas do mesmo estado e cidade).
- e) Tempo de estada na zona rural de Espigão D'Oeste (estabeleceu-se que os pomeranos, tanto do Espírito Santo como de outros Estados, residissem na zona rural há pelo menos dois anos contados anteriormente a partir da data da pesquisa).

Estas restrições foram impostas visando-se assegurar o controle de possíveis variáveis que pudessem interferir na descoberta do percurso linguístico da comunidade.

2.5.- A AMOSTRA - CONSTITUIÇÃO DO CORPUS

Tendo escolhido a comunidade para pesquisa deparamo-nos com a questão da amostra da população a ser estudada, dado que é impossível trabalhar a comunidade como um todo e nesse sentido, tornou-se necessário avaliar a amostra de modo que ela pudesse ser projetada ao conjunto da comunidade. Mesmo tendo trabalhado apenas com dados relativos a uma parcela da comunidade dos pomeranos de Espigão D'Oeste, achamos que a relativa homogeneidade da referida comunidade, observada durante o trabalho de campo, permite-nos supor que nossos resultados podem ser considerados representativos. A comunidade estudada se compõe de setenta (70) famílias com aproximadamente 800 pessoas.

Para efeito de análise do estudo da comunidade, baseamo-nos nos dados coletados com cerca de duzentos (200) informantes distribuídos pelas setenta (70) famílias da comunidade. (Usos linguísticos e atitudes linguísticas).

Ao trabalhar com a questão dos domínios públicos e privados selecionamos seis (6) famílias para estudo.

CAPÍTULO 3

OS POMERANOS DE ESPIGÃO D'OESTE-RONDÔNIA:

Esboço histórico e etnográfico

3.1.- COMPREENSÃO HISTÓRICA DA IMIGRAÇÃO

A imigração dos povos é um fenômeno observado ao longo da história da humanidade. Por trás disso há sempre fatores subjetivos. A imigração depende, na maioria das vezes, de condições objetivamente colocadas que produzem fatos merecedores de estudos diversos nas áreas das ciências sociais. O deslocamento provocado pelo processo migratório acaba produzindo mudanças e alterações na organização social do grupo imigrante. Assim aconteceu com o grupo de pomeranos objeto desta pesquisa. Geralmente a migração é um deslocamento forçado, por motivos alheios à vontade de quem migra. Por isso é necessário olhar para as condições objetivas do país de imigração - fator de atração - e do país de emigração - fator de expulsão.

3.1.1.- BRASIL - IMIGRAÇÃO

A imigração de populações estrangeiras para o Brasil iniciou-se a partir de 1808.

Existiu, então, um esforço oficial governamental para trazer imigrantes europeus especialmente da Itália, Alemanha, Polônia, Rússia e Suíça para as áreas de terras tidas como desocupadas. Entre os interesses diversos para esta imigração/colonização, des-

tacam-se:

1º) - Interesse na pequena propriedade: ela deveria ocupar os espaços chamados vazios, promovendo a valorização fundiária e assim criar uma classe intermediária entre latifundiários e escravos que deveria desenvolver a policultura para atender o mercado interno. Não havia interesse, por questões político-ideológicas, em dar terras para os negros, tendo em vista o processo da abolição da escravatura.

2º) - Controle das fronteiras: assegurar o domínio do território brasileiro em áreas de litígio, através da ocupação de terras fronteiriças.

3º) - Mão de obra substituta a do escravo: pressões internas e internacionais diagnosticavam a véspera do fim do tráfico e a abolição oficial da escravatura. Tornou-se necessário prover braços livres para trabalhar nas lavouras de café de São Paulo, como substituição ao trabalho escravo - a partir de 1840.

4º) - Confronto com índios: algumas áreas estratégicas, de posse dos índios, foram colonizadas, causando confronto direto entre colonos e índios.

5º) Mercado interno: a estrutura agrária latifundiária, baseada na monocultura (café, cana-de-açúcar) e pecuária estava voltada para o mercado externo. A diversificação de culturas deveria atender às demandas do mercado interno.

3.1.2.- EUROPA - emigração

O contexto das grandes emigrações europeias deve ser relacionado à expansão capitalista. A época das emigrações coincide com a época do desenvolvimento e expansão capitalista industrial. É em função deste fato que é importante considerar aqui o contexto da Europa no início e meados do século XIX.

No século XIX a Europa ainda era baseada na produção rural, mantendo uma estrutura de trabalho feudal com agriculturas muito rudimentares. A sementeira era feita a mão, a ceifa à foice e a debulha era manual ou pisoteada por animais. Isto acarretava um grande empreendimento de trabalho e pouco rendimento. Os camponeses estavam sob o domínio dos senhores, obtendo apenas a posse condicional da terra em troca de serviço. Além disso, como servos, eram controlados e explorados pelo senhor em quase tudo: trabalho, locomoção, parte cultivada pelo trabalho livre, pastagens próprias, grupo familiar. A produção era voltada para os produtos de subsistência mais consumidos, no caso cereais, centeio, cevada, aveia e milho. Não havia preocupação com a produção para a comercialização devido às próprias deficiências do comércio e dos meios de transportes.

A maioria dos camponeses não possuía nenhuma terra. Eram servos, assalariados, parceiros ou diaristas, sob as condições que lhes eram impostas, o que lhes gerava, quase sempre, uma situação de miséria. Tal situação vem a suscitar várias revoltas no decorrer do séc. XIX. Em 1807 os camponeses prussianos conquistaram o direito à liberdade de locomoção e a possibilidade de adquirir as terras que cultivavam, mas, não conseguindo cobrir o valor da terra a perdiam e se viam obrigados a trabalhar como diaristas. Estes dois direitos e mais os de cidadania, e a abolição da servidão, são propostos pelo Congresso Internacional de Viena, em 1815. As violações continuam acontecendo de forma acentuada. Possivelmente, por trás dessa decisão estava a intenção de desvincular a pequena da grande propriedade. Com a introdução do capitalismo na área rural, era

necessário racionalizar, modernizar a agricultura, aumentar a produção e criar abundância de mão-de-obra sem terra, disponível quando fosse necessário.

A exemplo da Inglaterra, já no séc. XVIII, aos poucos vão se introduzindo os novos avanços técnicos como máquinas, drenagens, irrigação, diques, adubação, controle de pragas, seleção de sementes. A especialização só tem condições de ser aplicada às grandes propriedades. Os camponeses, com suas posses e pequenas propriedades, não possuem recursos financeiros para tal empreendimento. Além disso, oferecem muita resistência ao progresso, especialmente os do leste da Europa.

“A velha policultura, instintiva, prudente, mas de fraco rendimento, resiste quase em toda parte; ela convém ao pequeno proprietário. E o camponês desprovido de terra não se resigna tão facilmente ao desaparecimento dos hábitos comunitários.”

(SCHNER, ROBERT, 1961: 317)

A industrialização avança por toda Europa. No início do século XIX, surge, então, uma classe trabalhadora industrial, provinda do campesinato sem terra e artesãos que perderam o seu ofício diante da técnica. A precária situação dos camponeses os obriga a emigrar para as cidades em franco desenvolvimento capitalista industrial.

“Nas fábricas, operários e operárias, trabalham duramente, sob baixos salários, péssimas condições de trabalho (calor, frio, falta de luz, umidade), sem proteção legal. Crianças de 5-6 anos trabalham sob as mesmas condições dos adultos. O custo de vida é muito alto e a moradia se resume num cubículo para dormir.”

(CARVALHO, 1978: 124)

Na Alemanha, embora de modo mais lento, a expansão do processo industrial se instala. É a região mais rica da Europa pelas suas jazidas em carvão de pedra. Especialmente na Prússia surgem minas e fundições com mão de obra especializada e máquinas da Inglaterra. Cresce a indústria textil, siderúrgica e a metalúrgica. A mão de obra rural excedente vai sendo absorvida, facilitada pelas melhores condições de acesso à cidade através das estradas de ferro. Aos poucos muda o quadro populacional. Segundo GRANZOW (1975), em 1800, 80% da população alemã vivia no campo; em 1870, se reduz a 70%, em 1913 somente 33%.

A industrialização não cresceu de igual modo em toda a região europeia. Quanto mais a leste da Europa, mais demorada foi a industrialização. Algumas regiões não

foram afetadas tão rapidamente. Na Pomerânia, local de origem dos pomeranos, a estrutura feudal e a agricultura tradicional permaneceram por mais tempo.

À época das emigrações, além de toda a situação já exposta, a Europa é invadida por crises e insatisfações gerais. Péssimas condições de trabalho e desemprego dos operários; a complicada situação dos artesãos que perderam o ofício para a divisão racional do trabalho, a expropriação de camponeses das terras e meios de produção geram revoltas. As perseguições, a falta de expectativas, o desejo de melhorar de vida e o sonho por possuir terra, além de convites e propostas do governo brasileiro, influenciaram, finalmente, a emigração para além das fronteiras do próprio país.

3.1.3.- A PROVÍNCIA DA POMERÂNIA - O início da história

A região da Pomerânia foi colonizada por germanos, no século II a.C. Por volta do ano 600 d.C. recebeu imigrantes eslavos que dominaram o lugar de Pomorje, que os pomeranos chamam de “Kustenland”, que, segundo a tradução dos informantes significa “região/terra costeira”. Nesta época a Pomerânia já era conhecida como lugar de comércio. Sendo conhecida por seu comércio e pelo fácil acesso ao mar, a Pomerânia foi disputada por muitos e também foi palco de muitas guerras. Entre 1119 a 1123, Boleslau II, da Polônia, conquista a região. Em 1648, a suserania de Brandeburgo divide o Ducado da Pomerânia com a Suécia, época em que houve muitas lutas entre os cavaleiros teutônicos e a Polônia, quando, ora um, ora outro, colocava o seu domínio sobre a região. Em 1720, a Suécia cede a parte meridional ocupada (Pomerânia Próxima)

para a Prússia, em troca de parte setentrional. Esta parte, porém volta à Prússia em 1815. Além disso continuam as investidas polonesas para o domínio da região. Em 1945, o território, em poder dos alemães, é conquistado pelos soviéticos e cedido à Polônia pela Conferência de Potsdam. (1)

3.1.4.- A POMERÂNIA E OS PRIMEIROS SINAIS DE EMI- GRAÇÃO

Na época dos primeiros passos rumo à emigração, a Pomerânia estava em poder da Prússia. Embora o tradicionalismo ainda estivesse presente em toda a Europa, na Pomerânia, em especial, se verificava a manutenção de uma estrutura agrária com um modo de produção bastante feudal. Os camponeses ainda viviam uma relação de dependência ao senhor feudal. A maior parte do tempo trabalhavam para o senhor. No trabalho livre tinham que pagar taxas e impostos regionais e imperiais. Pouco ou nada sobrava para a própria manutenção. A industrialização e a modernidade vão se instalando a passos lentos. Como no resto da Europa, inicia-se a transformação do proletariado rural em urbano. A província da Pomerânia se descaracteriza em função da exploração do capitalismo industrial. Ocorre o choque entre a agricultura tradicional e a mecanizada, entre a atividade do artesão e a máquina industrial. Isso tudo, além da miséria, traz profundas crises na vida do povo pomerano. Diante da possibilidade de emigrar anunciada por propagandas otimistas, esta pareceu ser a melhor perspectiva, como fica claro na citação de GRANZOW (1975):

“Da sie in der Heimat Keine Aussicht

**hatten zu eigenem Grund und Boden su
Kommen, lockte sie das Angebot der
Agenturen und Kolonisationgesellschaften
nach Uebersee". (GRANZOW, 1975: 208)**

Inicialmente o Brasil aparece como possibilidade para os primeiros imigrantes pomeranos. Estes primeiros pomeranos não foram para o Espírito Santo primeiramente. Foram para São Paulo, trabalhar nas lavouras de café, juntamente com outros imigrantes europeus, alemães, italianos e suíços. Faziam parte da primeira experiência de utilização de mão-de-obra imigrante em substituição à mão de obra escrava, integrando o projeto idealizado por Nicolau Campos Vergueiro, que faz de sua fazenda, em Ibicaba (SP), o centro de instalação desse projeto, num sistema chamado de parceria. (HOLLER, 1987: 47). A promessa era de trabalho à meia, moradia e mantimentos ou terra à parte para a produção de alimentos.

Logo que chegaram à Ibicaba, (SP), os pomeranos se deram conta de que já não eram escravos, porém, estavam sob o domínio do fazendeiro e se achavam numa situação pior do que na Pomerânia. O pagamento pela colheita não era satisfatório e as mercadorias repassadas pelo fazendeiro eram de alto custo. Muitos tentaram fugir, mas eram caçados por cães, presos como escravos como forma de punição. Tal situação provocou, em 1856, uma revolta de imigrantes, em Ibicaba, por causa da péssima situação de vida e trabalho a que estavam submetidos. Uma delegação Suíça chega para averiguar a situação dos imigrantes. Diante da gravidade encontrada, a delegação denuncia o fato ao governo brasileiro. O Império se vê pressionado e transfere os imigrantes para o Espírito Santo, onde vão plantar café em terra própria. (2)

3.1.5.- A POMERÂNIA E A ÉPOCA DAS GRANDES MI- GRAÇÕES

Segundo GAEDE (1978), na época das grandes imigrações, final do século XIX a Alemanha era dividida em 38 províncias. Entre elas estava a Pomerânia, que ficava ao norte da antiga Alemanha, ao sul do Mar Báltico, limitada a leste com a então Prússia Ocidental nas terras que hoje pertencem à Rússia, ao sul com Brandeburgo, cujo solo é hoje da Polônia e a oeste com a então província de Neckenburgo, parte que atualmente pertence à antiga Alemanha Oriental, em sua maioria, e, uma pequena porção, à antiga Alemanha Ocidental. A superfície da Pomerânia era de 30.235 quilômetros quadrados e a população aproximada era de dois milhões de habitantes. Era dividida ao meio pelo Rio Oder. De um lado ficava a Pomerânia Anterior, que ficava à beira do Mar Báltico e era mais desenvolvida, e de outro lado ficava a Pomerânia Posterior, conhecida como “Hinterpommern”, distante do mar. A Pomerânia posterior era muito atrasada, totalmente agrícola e com técnicas muito tradicionais. A população da Pomerânia Posterior era muito pobre. Os homens trabalhavam como pastores de ovelhas, pescadores, empregados de latifúndios, meeiros, parceiros, servos, ferreiros, alfaiates e sapateiros. As mulheres, em sua maioria, eram servas domésticas. Segundo informantes pomeranos a Hinterpommern, como é conhecida por eles, ou Pomerânia Posterior, foi um dos últimos lugares a desaparecer do sistema feudal. É da Pomerânia Posterior que vieram os pomeranos para o Espírito Santo, segundo GAEDE (1978).

3.1.6.- OS POMERANOS NA POMERÂNIA

A literatura pertinente à história dos pomeranos muitas vezes é bastante contraditória quanto à descrição da questão da luta e posse pela região. Essa luta é descrita por vários autores, porém, todos ora citam a Pomerânia como pertencente à Alemanha, ora como pertencente à Polônia. Apesar dessa contradição, a história de luta e perseguição sofrida pelo povo pomerano é sempre a mesma.

Os habitantes da Pomerânia sofreram muitas influências da Alemanha e da Polônia, mas ao mesmo tempo foram bastante discriminados por seus povos. Segundo GAEDE (1978), os pomeranos antigos não são poloneses, mas germânicos que migraram do leste. “O grupo étnico era eslavo, não polonês”, segundo GAEDE (1978). A Alemanha e a Polônia, ainda segundo GAEDE (1978), tiveram domínio político e econômico, mas não cultural sobre os pomeranos. Essas duas nações, a Alemanha e a Polônia, tentaram aculturar o pomerano, proibindo sua variedade de língua nativa e manifestações típicas, mas sem sucesso. O pomerano era obrigado a aprender a língua Alemã clássica, isto é, o “Houchdeicht” e o polonês, nas escolas, mas em suas casas o pomerano continuava praticando seus costumes e a língua pomerana. Através de sua língua o pomerano perpetuava, de geração a geração, em meio aos conflitos dos quais sua terra era palco, seus hábitos, suas festas, sua música, sua arquitetura, sua vestimenta, seus casamentos típicos e sua culinária, entre outros. Eles não tinham muita noção dos momentos em que pertenciam à Alemanha, à Polônia ou à Suécia, e, muitas vezes, entravam numa guerra sem saber de que lado deveriam lutar. A sua localização geográfica favorecia a entrada nesses conflitos e, também, a sua história passada de ter sido o “Celeiro Europeu” e ser privilegiado por sua costa marítima e seus rios chamados “Correntes de Pérolas”. Acrescentam ainda que, a partir de 1933, a antiga Pomerânia passou a ser conhecida como o “Corredor Polonês” para que Hitler alcançasse o Oriente com o objetivo de aumentar seu sonhado Império Ariano. Nessa época muitos pome-

ranos já estavam no Espírito Santo.

Hoje a grande maioria dos pomeranos vive no território da antiga Alemanha Ocidental. Muitos foram para os Estados Unidos e Canadá. Alguns foram para a Colômbia e para o Paraguai. Somente uma pequena parte veio para o Brasil. Aqui destacamos as comunidades de Pomerode, em Santa Catarina; Pelotas, São Lourenço do Sul, Santa Cruz do Sul e Nova Petrópolis, no Rio Grande do Sul; Domingos Martins, Santa Tereza, Afonso Cláudio, Aimorés, Baixo Guandu, São Gabriel da Palha e Nova Venécia (Vila Pavão), no Estado do Espírito Santo. As mais novas comunidades são de Pimenta Bueno, Cacoal e Espigão D'Oeste, em Rondônia, a partir da década de 1970.

3.1.7.- DA POMERÂNIA PARA O ESPÍRITO SANTO

Os primeiros pomeranos no Espírito Santo se instalaram na colônia de Santa Izabel, atualmente Domingos Martins, a 40 quilômetros de Vitória, no ano de 1847. Em 1859, outros pomeranos foram para Cachoeiro, hoje Santa Leopoldina. Santa Izabel e Porto Cachoeiro foram, então, as duas primeiras colônias de pomeranos no Espírito Santo. A partir desses municípios ocorreu a vinda de pomeranos para Santa Tereza, distrito de Alto Santa Maria e para Vinte e Cinco de Julho, mas ainda não eram em número significativo. Só depois de 1870 é que vem um contingente maior da Pomerânia. A maioria chegou entre 1872/73. Partiram do porto de Hamburgo e aportaram em Vitória. A viagem de veleiro levava de 60 a 120 dias e era acompanhada de dificuldades e perigos, segundo ROCHE (1968):

“A comida era ruim, a água escassa e contaminada, com mau cheiro e cheia de vermes; faltava espaço e acomodação. Doenças atacavam, especialmente a Seekrankheit (mal-do-mar), como chamavam os imigrantes, que se caracterizava por um mal estar geral e muito vômito, resultando na desidratação. Nem todas as pessoas conseguiram sobreviver à tamanha prova, principalmente as crianças.”
(ROCHE, 1968: 368).

Chegando em Vitória ficavam hospedados na Hospedaria Pedra D'Água, (atual presídio com o mesmo nome). Dali eram levados para Cachoeiro, em canoas, e eram alojados em barracões, condenados pelas próprias autoridades públicas de saúde como locais de surgimento de epidemias, até serem encaminhados para os seus lotes de terra. Os lotes se localizavam distantes dos pequenos centros urbanos o que lhes acarretava dificuldades inesquecíveis para os mais antigos: falta de medicamentos, alimentos e ferramentas para o trabalho, além do isolamento, (SCHNERB, 1961: 317)

3.2.- OS POMERANOS NO ESPÍRITO SANTO

O Estado do Espírito Santo começou a ser colonizado por portugueses desde o século XVI. Na primeira fase da sua história, a produção estava voltada para a monocultura de cana-de-açúcar, com utilização de mão-de-obra dos escravos a partir do século XVII. Mais tarde tornou-se forte a cultura do café, que chegou a dar à região a importância de terceiro produtor nacional, especialmente após a vinda dos imigrantes. (SILVA, 1986: 48).

A região montanhosa do Espírito Santo só começou a ser colonizada no final do século XIX pelos pomeranos. As terras montanhosas não eram do interesse da população já instalada no estado do Espírito Santo. Segundo SROUR (1978):

“se tratava, em bloco, de terras não apropriadas, porque desprezadas pelos lusobrasileiros, e desprezadas porque inacessíveis, seja para quem vem do sul, por causa da serra do Castelo, seja para quem vem do oeste, por causa da Serra do Caparaó, confinando no rio Doce, que era em fins do século XIX e limite do

Espírito Santo conhecido.”

(SROUR, 1978: 540)

O início da colonização se deu na região montanhosa iniciando-se pela parte central nos vales superiores dos rios Jucú e Santa Maria de Vitória, em terras com grande altitude e clima mais frio, a chamada Terra Fria.

Para chegar aos lotes de terra designados, os pomeranos precisavam abrir picadas com foice e facões, para afastar taquaras, gravatás, espinheiras e cipós, comuns na região. Iam contornando os morros e barrancos de rios, tendo, muitas vezes, que atravessá-los a pé com todos os seus pertences. E quando chegavam a primeira coisa a fazer era começar a derrubar a mata, abrir uma primeira clareira para instalar uma chopana, geralmente na fachada do lote e/ou perto da água. Mas nem todas as famílias conseguiam isso. Segundo WAGEMANN (1949):

“às vezes, eles ficavam morando debaixo das raízes de uma árvore gigantesca”.

(WAGEMANN, 1949: 104)

Depois de instalados, iniciavam a derrubada para a roça. Como não havia ainda a exploração comercial da madeira, também não havia critérios para a derrubada; todas as árvores eram derrubadas para queimar. Acidentes fatais não deixaram de ocorrer nessa empreitada complicada. Depois da queimada surgia a roça. Plantavam milho, mandioca, arroz, feijão, cana-de-açúcar, batata doce, cará e outros, para garantir, em primeiro

lugar, a alimentação. Plantavam o café para a comercialização. O preparo da terra, o plantio e a colheita eram feitos manualmente, assim como estavam acostumados na Pomerânia. A enxada era, então, o instrumento de trabalho por excelência. Segundo WILMEN (1978):

“Nos primeiros tempos, precisavam comprar os mantimentos: arroz, sal, feijão, farinha de mandioca e, às vezes, carne seca. E mesmo depois da roça plantada não havia garantias de colheita. Pássaros, macacos, porcos do mato, pacas e outros animais acabavam, muitas vezes, com toda a roça. Era preciso começar tudo de novo. Mas, e a preciosa semente? conseguida com sacrifício... E se alguém conseguia uma vaca, porco ou galinha, estes também eram ameaçados pelos animais da mata (onças, gatos do mato, raposas).”

(WILMEN, 1978: 161-172)

A propriedade só ficava mais organizada após três a seis anos de trabalho. Nos primeiros anos praticamente não havia excedente de produção, ou seja, tudo o que produziam também consumiam. Quando as lavouras de café começaram a dar resultados as famílias tinham então o que vender. Mas, segundo os imigrantes, as estradas eram de difícil acesso e o transporte era feito ou nas costas dos agricultores ou através de mules, para que as mercadorias chegassem até aos comerciantes. Apesar das dificuldades que o meio lhes oferecia a sua coragem, ou "Courasch", como dizem em sua língua, advinha do fato de serem, no Brasil, proprietários de suas terras. Eram porém, pequenos proprietários, não possuindo mais que 50 hectares de terra.

Os pomeranos no Espírito Santo enfrentaram doenças absolutamente estranhas para eles, como a malária, a febre amarela e também o tifo. Quando alguém ficava muito doente, improvisavam macas e caminhavam através da mata a procura de socorro. Muitas vezes não conseguiam chegar ao destino esperado. Às vezes tiveram confrontos diretos com os índios Aimorés, habitantes das serras do Espírito Santo naquela época.

Enfrentando as dificuldades que surgiam, os pomeranos aos poucos foram se tornando auto-suficientes. Passaram a ter café, arroz, feijão, galinhas, algum gado, porcos, mandioca, batata doce, cará, inhame, frutas, hortas, leite, queijo, manteiga, banha, ovos, carne, rapadura e farinha de mandioca. De vez em quando iam até a cidade para vender o café, animais e cereais, e então compravam sal, querosene, ferramentas e roupas. Tinham o seu moinho, sua farinheira, seu forno, sua canjiqueira, seu engenho, sua junta de bois, seus cavalos ou sua charrete. O isolamento os unia cada vez mais. O que um possuía era de todos. A distância dos centros maiores e o isolamento geográfico,

proporcionavam uma forma de organização caracterizada pelo sistema de mutirão para o trabalho. O mutirão tornou-se uma prática comum e após as colheitas realizavam o que eles chamam de “Ajuntamentoz Ball”, que é o Baile do Ajuntamento para comemorar o sucesso da produção.

Os pomeranos, mesmo no Espírito Santo, também tiveram problemas com a posse de suas terras. Na demarcação dos limites os agrimensores sempre beneficiavam os mais poderosos em troca de gorjetas vindas na forma de peru, cabrito e porco. Na Terra Fria houve conflitos que culminaram com expulsão e até morte de pomeranos. Mas o pior de tudo, segundo informantes pomeranos era o isolamento que se tornava a cada dia mais problemático. Longe dos centros administrativos não tinham qualquer assistência profissional, nem qualquer política de agricultura, assim como não tinham escolas para os filhos, sempre numerosos. O ensino público capixaba não os alcançava e muitas das crianças pomeranas não frequentavam escolas por três principais motivos: a escola era longe de casa, o filho fazia falta ao pai na roça; a escola estava fora da realidade desse imigrante. Tudo isso, sem dúvida, os leva a uma nova emigração, buscando as novas áreas de colonização, ou como atualmente vem acontecendo com os jovens, procuram nova vida nas cidades.

3.2.1.- AS MIGRAÇÕES INTERNAS NO ESPÍRITO SANTO

- Os ciclos dos pomeranos

Segundo KLAUS GRANZOW (1975), a primeira questão a chamar a atenção no processo de imigração interna dos pomeranos no Espírito Santo, é o fato da derrubada da mata. As dificuldades que as primeiras famílias tiveram em se fixar à terra,

dificuldades essas advindas do fato de, muitas vezes, não conseguirem tornarem-se proprietários, conduzem os pomeranos a novos processos migratórios. Estas migrações se deram no sentido sul-norte, em três regiões: Na Terra Fria, na Terra Quente ao Sul do Rio Doce, na Terra Quente ao norte do Rio Doce, caracterizadas por Ciclos diferenciados.

3.2.2.- O CICLO DA TERRA FRIA

A região da “Terra Fria”, como já vimos, localizava-se na região mais alta e montanhosa do Estado do Espírito Santo, daí receber o nome de Terra Fria. Na Terra Fria, além das primeiras colônias surgem outros núcleos constituídos pelos novos contingentes vindos da Europa, e também por novas migrações locais, a partir de colônias mais antigas do Espírito Santo, de onde vêm os pioneiros ou os descendentes dos mesmos. Estes novos núcleos se localizam pelo vale dos rios Jucú e Santa Maria em Vitória: Campinho, Califórnia, Santa Leopoldina, Jequitibá, Alto Jucú, Melgaço, Alto Santa Joana e Posmoser. A partir da Terra Fria a imigração ocorreu nos últimos trinta anos do século XIX e é considerada por ROCHE (1968):

**“... um processo de migração,
causado pela necessidade de
obter, para seus descendentes,
terras que os pioneiros
não encontram mais nos limites
da comunidade.”**

(ROCHE, 1968: 131)

3.2.3.- O CICLO DA TERRA QUENTE-SUL

A partir da Terra Fria, como vimos, em fins do século XIX e início do século XX, os pomeranos saem em busca de outros lugares e levam consigo os seus descendentes. O novo local de instalação seriam os atuais municípios de Afonso Cláudio, Itaguaçu, Baixo Gandu, parte de Santa Tereza e de Colatina, os distritos de Itarana, Laranja da Terra, Lagoa Serra Pelada e Sobreiro. Dentro desse ciclo ocorre também a migração para além dos limites do Estado do Espírito Santo. Alguns pomeranos se deslocam para Minas Gerais, especialmente para Santo Antonio, Itueta, Aimorés e Resplendor, região próxima a Baixo Gandu.

3.2.4.-O CICLO DA TERRA QUENTE-NORTE

Na época em que ocorre o ciclo de migração na terra-quente norte do Espírito Santo, o rio Doce já é transponível e é em direção ao norte deste Rio que os pomeranos novamente migram. Este ciclo migratório ocorre após a I Guerra Mundial, na região de Lajinha, Pancas, Alto Mutum Preto, Marilândia, Novo Brasil, São Domingos, São Gabriel da Palha, Bananal e São Rafael.

**“... os imigrantes vêm da terra
fria e, em boa parte, da terra
quente-sul.”**

(ROCHE, 1968: 138)

3.2.5.- ZONA PIONEIRA MAIS RECENTE

A partir de 1930 inicia-se no Espírito Santo novo processo de migração interna. Os migrantes são, na maioria, da própria “terra-quente norte”, da região de Nova Venécia, Córrego Bley, Vila Pavão, Córrego Grande e Barra de São Francisco. Por exemplo, Córrego Bley fornece 2/3 de migrantes para Córrego Grande. Podemos observar aqui uma forte característica do povo pomerano; esse povo não realiza migrações apenas da região norte para a região sul ou vice-versa; migram também dentro da própria região, de uma vila para outra, de um lugarejo para outro. Segundo ROCHE (1968):

“... a migração, inclusive, continua avançando em direção ao norte do Estado.”

(ROCHE, 1968: 142)

3.2.6.- NOVAS FRONTEIRAS AGRÍCOLAS

A última e mais recente etapa do processo migratório dos pomeranos é aquela em direção às novas fronteiras agrícolas. Ela se dá de maneira mais intensificada na década de 60 para o Paraná e na década de 70 para o norte do país, particularmente para o Estado de Rondônia. A etapa referente à Rondônia será detalhada num item próprio.

3.2.7.- CAUSAS DA MIGRAÇÃO DOS POMERANOS NO BRASIL: a questão da terra, as condições da terra e a estrutura agrária

Parece-nos que o desejo de ter uma propriedade para viver e trabalhar tem sido a mola propulsora e o motivo gerador de novas migrações dos pomeranos. Mesmo que, a princípio, todos tivessem a mesma chance de serem proprietários, a superfície da propriedade, em torno de 50 hectares, a estrutura agrária e o próprio crescimento demográfico criaram, já na primeira geração de imigrantes, contradições e falta de terras. Muitas famílias se tornaram, então, meeiras. Neste contexto, da opção de migrar para outras regiões, surge para o pomerano a possibilidade de possuir terras.

Muitas vezes o chefe da família pomerana quer migrar para aumentar a propriedade a fim de poder dar um pedaço de terra para cada filho. As famílias, em geral, têm muitos filhos e isso é entendido como sendo necessário para o trabalho. A terra possuída nem sempre era suficiente para repartir. Muitas vezes nem toda a família migrava. Apenas compravam terras em áreas pioneiras para dar aos filhos.

Os imigrantes pomeranos não tinham instruções adequadas para o preparo de sua agricultura nas novas áreas de colonização. A queimada destruíu o húmus da terra. Em pouco tempo a terra fraca sofria o processo da erosão. Os pomeranos não faziam rotatividade no uso do solo e não tinham consciência da causa do enfraquecimento dessa terra. Por isso, logo que a terra começava a enfraquecer partiam à procura de novas áreas de floresta, onde a terra ainda era forte e disponível.

A característica geral do Estado do Espírito Santo era de pequena propriedade,

mas aos poucos vai diminuindo a superfície média. Segundo ROCHE (1968), em Baixo Gandu, a média em 1940 era de 60 hectares; em 1950, 57 hectares, em 1960, 52 hectares. Nos municípios de colonização mais recente, como Nova Venécia, a média era de 49, 4 hectares, em 1960; Colatina possuía em 1950 a média de 58 hectares, passando depois para 50, 5 hectares; Afonso Cláudio vai de 45, 3 hectares, em 1950, para a média de 39, 4 hectares em 1960. Nas antigas colônias, como Domingos Martins, da média de 51 hectares vai para 47 hectares; Santa Leopoldina, de 47 para 44 hectares, no período de 1950-1960. A média das superfícies são consideravelmente baixas e isso é um forte motivo para que os pomeranos realizem novas migrações. Segundo ROCHE (1968):

“... ora, só tendo a seu alcance a meação ou o salário agrícola, serão levados à competição com os que não têm terra nenhuma. Teríamos, aí, um novo fator de empobrecimento ou de êxodo rural.”

(ROCHE, 1968: 144-131)

3.2.8.- CARACTERÍSTICAS DAS MIGRAÇÕES INTERNAS NO ESPÍRITO SANTO

Como dissemos, a necessidade de derrubadas de mata é uma constante no proces-

so migratório dos pomeranos. As famílias têm de começar tudo outra vez nas novas zonas de colonização; derrubar a mata, fazer a queimada, preparar o roçado, construir a casa, abrir picadas. Segundo ROCHE (1968):

“O pomerano desmata a ferro e fogo...pouco a pouco a paisagem vai se desfigurando e as matas vão se acabando. Percebe-se, então, a cada novo ciclo, a universalidade persistente de um procedimento funesto.”

(ROCHE, 1968: 96)

Para o povo pomerano há sempre um motivo para justificar o movimento de retorno das pessoas que migraram; movimento contrário ao processo migratório. Dentre os motivos os pomeranos enumeram alguns:

- nem todos se tornaram proprietários nas novas áreas de colonização;
- muitas famílias proprietárias se tornaram meeiras;
- às vezes a terra era menos fértil que no lugar de origem;
- o calor e a seca prejudicavam o cultivo ao qual estavam acostumados;
- a difícil adaptação ao novo clima mais quente e ao tipo de água;

- doenças desconhecidas, como a malária;
- a distância dos familiares e de outras pessoas do grupo de identificação;
- No Paraná, tiveram que deixar a terra para os latifundiários que iam mecanizá-la; então, ao invés de migrar para novas áreas de colonização paranaense, voltavam para o Espírito Santo.

Na década de 60 um número considerável de famílias pomeranas migram do Espírito Santo para o Paraná. Eles se deslocam motivados pela propaganda de terra fácil e fértil do oeste do Paraná e se estabelecem nas regiões de Toledo, Assis Chateaubriand, Bragantina, Umuarama, Campina de Lagoa, Campo Mourão, Corbélia, Nova Aurora, Iretama, Roncador, Boa Esperança, Apucarana, Engenheiro Beltrão e Marechal Rondon. Alguns permanecem lá mas muitos voltam para o Espírito Santo, e, ali, ao início da década de 70, se intensifica a propaganda dos projetos de assentamento e propaganda do governo militar rumo à Rondônia.

3.3.- OS POMERANOS EM RONDÔNIA

Na década de 70, especialmente, a Amazônia se tornou a nova fronteira agrícola dos pomeranos. É como se fosse a terra prometida, o Eldorado, o clímax de todas as esperanças. Aliás, não só pomeranos vieram nessa época. Sob a insígnia de “Integração Nacional”, muitas famílias, seguiram o slogan que dizia: “Gente sem terra para a terra sem gente” (BOLETIM DAS NAC. pg. 16).

Em 1969, chegam à Rondônia os primeiros pomeranos, quando Rondônia era ainda o Território do Guaporé. Os primeiros pomeranos eram um grupo de 40 pessoas,

entre as quais estavam as famílias Hollander e Braun. Vieram de São Gabriel da Palha, no Estado do Espírito Santo, em um caminhão coberto com lona, conhecido como “pau-de-arara”, consagrado meio de transporte dos migrantes.

Em Rondônia, estabeleceram-se em Pimenta Bueno, pois o Rio Melgaço não permitia ir mais adiante. Era a barreira natural. Improvisaram barracas de palmito ou de lona e se alimentavam da caça e pesca da região, assim como da colheita de palmito e de frutos do mato. Enquanto isso esperavam pelo INCRA (Instituto Nacional de Reforma Agrária), que lhes deveria designar as terras onde iriam construir sua vida futura, derrubar a mata e fazer a roça depois da derrubada. A viagem, o acampamento e a espera não eram as únicas dificuldades. Ocorriam muitas mortes de crianças, devido às doenças tropicais que as atacavam.

Em 1970-71, muitas outras famílias chegavam do Espírito Santo e todas iam se estabelecendo ao longo do rio Melgaço. Mas Pimenta Bueno, de início de colonização passa a ser apenas o ponto de chegada dos migrantes. A terra não era fértil como se prometia nas propagandas. Assim como não era fácil consegui-la. O testemunho de muitos informantes registra o fato de ter sido necessário, muitas vezes, dar gorjeta aos fiscais do INCRA para que fosse conseguida a liberação e a marcação de um lote de terras. Além do mais, dada a procura e a especulação, aos poucos a terra torna-se escassa. Era necessário lutar pela sobrevivência. Hoje há pomeranos em muitos municípios de Rondônia, como Pimenta Bueno, Alta Floresta, Rolim de Moura, Nova Brasilândia D'Oeste, Costa Marques, Alvorada D'Oeste e Presidente Médici, mas a grande concentração deles é em Espigão D'Oeste, região localizada entre Cacoal e Pimenta Bueno. A colonização foi acontecendo mais ou menos como no Espírito Santo: no sentido Sul-Norte do Estado de Rondônia.

Em Rondônia a história dos pomeranos se repete de modo muito semelhante àquela vivida no Espírito Santo. Primeiro o deslocamento por grandes distâncias, viagens difíceis em busca da terra. Após o trabalho de desmatamento ou derrubada vem as queimadas, a construção do barraco, a roça. As primeiras dificuldades estão na aquisição de sementes para o plantio, na adaptação ao clima muito mais quente e a terra que começa a ficar fraca. (3). Os pomeranos que foram para vários municípios de Rondônia, citados anteriormente, realizaram novas migrações internas. Os que não realizaram esse processo de migração interna são os que se estabeleceram definitivamente em Espigão D'Oeste, por razões que mostraremos mais adiante.

Em alguns lugares, novamente ocorre o confronto com índios. A terra que vêm ocupar é de posse de outra gente, dos povos indígenas que moram ali há séculos. Doenças, especialmente a malária, atacam e deixam as famílias debilitadas. O analfabetismo continua sendo um grave problema.

Os pomeranos cultivam, em primeiro lugar, as culturas para a subsistência própria: arroz, feijão, milho, mandioca, cará e, ao lado, o café ou outras culturas perenes para a comercialização. O próprio governo dava pouco incentivo para a cultura destinada à alimentação, pois sua prioridade era a exportação. Hoje esses pomeranos são o maior número de habitantes da zona rural de Espigão D'Oeste e estão divididos em: bóias-frias, meeiros, colonos e pequenos proprietários. É interessante observar que essas categorias os diferencia sobremaneira, apesar da aparente homogeneidade do grupo de pomeranos como um todo. As diferenças são, principalmente, linguísticas, pois, a inserção social tem sido relevante na decisão das famílias pomeranas de proporcionarem ou não escolaridade para os filhos, como veremos. No capítulo 5, quando descreveremos as variedades linguísticas e os usos sociais nas diádes familiares e nos domínios das línguas portuguesa

e pomerana, apontaremos a relevância dessas variáveis.

3.3.1.- EM RONDÔNIA, O ELDORADO DOS POMEFANOS:

Espigão D'Oeste

O município de Espigão D'Oeste localiza-se na região a leste do Estado de Rondônia e limita-se:

- ao norte: com a fronteira do Estado de Mato Grosso;

- ao sul: com o município de Pimenta Bueno (RO);

- ao Leste: com o município de Vilhena (RO) e

- a Oeste: com o município de Cacoal (RO).

3.3.2.- ASPECTOS HISTÓRICOS

Em 1966, na cidade de Andradina-SP, durante uma reunião familiar na casa de João Tranquilo Melhorança, os irmãos José Cândido Melhorança e Romeu Melhorança, ouviram no rádio uma nota do governo que convidava os brasileiros para a integração da Bacia Amazônica. Segundo histórico da Secretaria de Educação e Cultura (SEMEC) (1988):

**“... Desbravadores que eram
os Melhoranças, decidiram lo-**

go empreender uma viagem para o Acre, e, assim depois de uma longa jornada de sacrifícios, chegaram a Pimenta Bueno. E no dia 13 de abril do mesmo ano, quando estavam às margens do Rio Barão de Melgaço, tiveram um encontro histórico com o Sr. Raimundo Euclides Barbosa, que, sabedor das suas intenções, os convidou para ficarem, mudando assim, o rumo de suas vidas. Assim decididos retornaram à Andradina, onde organizaram uma firma colonizadora a qual recebeu o nome de Itaporanga (Ita=pedra, Poranga= dura) e, em Fevereiro de 1967, deram início à tão sonhada colonização. Partindo de Pimenta Bueno, deixaram a BR-29 e iniciaram um caminho de 28 Km., e,

apesar das dificuldades, chegaram ao alto de uma colina, a qual foi chamada Espigão. Surgiu em seguida um núcleo civilizado, com a construção de pequenas casas de palha e paredes de coqueiros para os colonos que recebiam lotes na vila para morar e áreas demarcadas no setor rural".
(Espigão D'Oeste - Sua história - sua gente. 1988: 26 - Secretaria de Educação e Cultura - SEMEC)

No ano de 1969 Espigão D'Oeste já era uma vila e em 12 de agosto de 1970, foi plantado um cruzeiro pelo Pe. Vicente Vanin Martins e, junto a este uma garrafa, contendo em seu interior um papel com os nomes das pessoas que participaram do evento. Na ocasião não foi celebrada a 1ª missa por falta de vinho; esta ocorreu no dia 07 de setembro do mesmo ano, celebrada pelo Pe. Adolfo Rool. Nos anos seguintes, especificamente em 1975, vários acontecimentos marcaram tragicamente o povo que lutava por um futuro melhor, entre eles os primeiros pomeranos. A Colonizadora Itaporanga dividia os lotes em 2.000 hectares e cobrava dos colonos apenas o trabalho de topografia, isto é, a demarcação dos mesmos; no entanto, o INCRA (Instituto Nacional

de Reforma Agrária) só regularizaria as terras se os lotes fossem reduzidos a 100 hectares e se os colonos retirassem um interdito probatório que eles haviam impetrado contra o Instituto do INCRA como medida de garantia da posse das terras. Porém, essa proposta foi acolhida com desagrado pelos colonos e houve revolta geral quando receberam a notícia de que funcionários do INCRA (Instituto Nacional de Reforma Agrária) viriam dividir as terras. Indignados, os colonos decidiram serrar a ponte sobre o Igarapé Amola Faca, para impedir a passagem dos tais funcionários, mas, nesse mesmo dia, 28 de abril de 1975, policiais armados invadiram a Vila de Espigão e espancaram os trabalhadores. Várias pessoas, entre elas os Melhoranças, foram presas, sendo libertadas após muita luta e muito esforço. Em compensação a tanto sofrimento, conseguiram, logo em seguida a esses incidentes, os documentos de posse das terras.

A organização administrativa de Espigão D'Oeste só começou em 1974, quando foi criado um Conselho Comunitário, tendo como presidente e responsável pela administração o Sr. José Salla, que permaneceu até o ano de 1977. Após esta data assume a administração o Sr. Dilson Rodrigues Bello. Em 03 de março de 1977, é criado o Sub-Distrito de Espigão D'Oeste, ligado a Pimenta Bueno, e, em janeiro de 1978 foi estabelecido o núcleo administrativo, ficando oficializado como 1º administrador o Sr. Dilson Rodrigues Bello, já citado, que exerceu esta função até 1980, passando suas funções para o Sr. Félix José da Silva, que administrou o Sub-Distrito até sua emancipação em 1981.

Espigão D'Oeste foi desmembrado do Município de Pimenta Bueno passando a município. Foi criado pela Lei N° 6.921, de 16 de junho de 1981 e instalado em 13 de novembro do mesmo ano, sendo nomeado para prefeito, na época, o Sr. Levino Dias Parmejiani.

O Município de Espigão D'Oeste possui hoje uma área de 4.900 Km², dos quais 22,94 Km² pertencem ao perímetro urbano e 4.877,06 Km² à zona rural. É nesta zona rural que os pomeranos, em sua grande maioria, se estabeleceram.

O clima, em Espigão D'Oeste, é menos quente que em outros municípios de Rondônia, devido a influência de relevo que apresenta ondulações e morros. A altitude do município é de 543m - na Serra Azul, (Altitude Norte), Latitude Sul de 11° 31' 40" e Longitude W. Gr. de 61° 00' 33" . Nos meses de maio a agosto os ventos passam a vir do sul, tornando o clima mais frio, provocando a friagem, um fenômeno do clima nessa região. A área urbana do Município é um conjunto de terras altas e baixas, ligeiramente onduladas, enquanto que a área rural apresenta ondulações mais acentuadas, como morros altos e serras.

Em Espigão D'Oeste, como em todo o Estado de Rondônia, predomina a Floresta Equatorial (ou Amazônica), com uma pequena parte de cerrado. O solo de Espigão D'Oeste é constituído, na maioria, por texturas leves; é arenoso e argiloso, porém favorecendo uma agricultura sustentável, mas que propiciam culturas temporárias e permanentes. Dentre as culturas temporárias estão: arroz, milho, feijão, mandioca. O arroz ocupa o primeiro lugar entre as culturas anuais; em seguida estão o milho e o feijão. Estes produtos são comercializados dentro e fora do município, até mesmo do Estado. A mandioca é cultivada com a finalidade de manutenção dos próprios agricultores. Entre as culturas permanentes, a do café é bastante explorada para a comercialização; a bananeira é plantada como produto extra e é também utilizada no sombreamento da lavoura cacaueteira, sendo o seu produto consumido na propriedade ou através de feiras livres.

3.3.3.- UM PERFIL DOS HABITANTES DA ZONA RURAL DE ESPIGÃO D'OESTE

Muitos dos pioneiros de Espigão D'Oeste, ainda ali residentes, incluindo-se aí os pomeranos, participaram do famoso episódio denominado na História de Rondônia de "A Revolta da Ponte do Amola Faca", citada anteriormente e onde muitos dos pomeranos que formam a colonização do município relembram a história da busca por um pedaço de terra para plantar e sobreviver. O Jornal "O Cone Sul", de Espigão D'Oeste, de 14 de abril de 1994, pg 03, publicou um artigo denominado: "ESPIGÃO É O MUNICÍPIO MAIS POMERANO DE RONDÔNIA", onde detalha a história de muitos imigrantes que hoje são nossos informantes para esta pesquisa.

Com relação ao episódio da "Revolta da Ponte do Amola Faca", os pomeranos o relembram como um dos acontecimentos marcantes que lhes dá, segundo os informantes, uma característica de identidade do município de Espigão D'Oeste com as regiões do Espírito Santo pois, lá como aqui, sempre estiveram envolvidos em questões de disputa por terras. Segundo os pomeranos, Espigão D'Oeste apresenta outros fatores de identidade com o Espírito Santo: o clima denominado "friagem", citado em 3.3.2., os morros e vales da chamada "Terra Fria" do Espírito Santo.

Em 1976 e em abril de 1987, o Boletim das N.A.C. (Novas Áreas de Colonização), da Igreja Luterana, fez um levantamento no Encontro de lideranças de comunidades do DERN (Distrito Eclesiástico Regional Noroeste), com a finalidade de fornecer ao Departamento de imigração da ECAM (Encontro de Coordenação e Atualização da Amazônia), que reúne pastores das igrejas luteranas, técnicos em agricultura e saúde das

Novas Áreas de Colonização, um perfil dos habitantes da zona rural de Espigão D'Oeste. A finalidade maior da pesquisa da NAC era avaliar como estaria a situação do povo imigrante e da sua vida em geral, a fim de verificar se a Igreja Luterana estaria correspondendo às expectativas dos mesmos em relação ao papel que deveria desempenhar. O resultado da pesquisa prova que a população de Rondônia, que somava 141 mil habitantes em 1970, passou para 560 mil em 1980, a maior taxa de crescimento populacional do país e que, em 1976, a zona rural de Espigão D'Oeste já contava com 400 famílias de pomeranos no município.

Estes dados estatísticos levantados pela Igreja Luterana foram relevantes para nossa pesquisa uma vez que nos forneceram parâmetros da quantificação de habitantes pomeranos da época de maior fluxo migratório em Rondônia. Nossa coleta de dados nos permite afirmar que hoje o total de pomeranos em Espigão D'Oeste, ultrapassa de 3.000 pessoas.

Escolhemos 10 famílias para que pudéssemos ter um perfil desses pomeranos. Nós os buscamos em nossa área de pesquisa, entre os pioneiros, os participantes do conflito do "Amola Faca", pais de família que vieram com mulher e filhos para Espigão D'Oeste:

1) K.W. nasceu em São Gabriel da Palha-ES; migrou somente duas vezes, uma no Espírito Santo e outra para Rondônia. O motivo: a família tinha terra mas precisava aumentar a propriedade para que todos os seus membros tivessem herança.

2) F.K. nasceu em Alto Mutum Preto-ES; migrou treze vezes: do Espírito Santo para Minas Gerais, volta para o Espírito Santo, onde realiza mais migrações internas, volta para Minas Gerais e depois novamente para o Espírito Santo; repete outra vez esta última trajetória e então vem para Rondônia, onde migra mais duas vezes na seguinte

ordem: (MG, ES, ES, ES, ES, MG, ES, MG, ES, RO, RO, RO). O motivo: busca de terra. Finalmente conseguiu um “pedacinho”.

3) W.F. nasceu em Afonso Cláudio-ES, migrou oito vezes: cinco vezes dentro do Espírito Santo, passa por Mato Grosso, vem para Rondônia onde migra mais uma vez (ES, ES, ES, ES, ES, MT, RO, RO). O motivo: mais terra para os filhos. Alcançou o objetivo.

4) K.K.. nasceu em Vila Pavão-ES e migrou duas vezes: para Minas Gerais e depois para Rondônia. Em Rondônia migra mais uma vez até se estabelecer em Espigão D'Oeste. Motivo: conseguir terra. Não conseguiu.

5) F.N. nasceu em Pancas-ES; migrou quinze vezes; 12 vezes dentro do Espírito Santo; vai para o Paraná e volta para o Espírito Santo; migra para Rondônia. Motivo: ter terra. Ainda não conseguiu.

6) L.W. nasceu em Linhares-ES; migrou quatro vezes: do Espírito Santo para Rondônia e mais três vezes em Rondônia. Motivo: ter mais terra produtiva. Conseguiu adquirir 7 hectares.

7) S.R. nasceu em Colatina-ES; migrou seis vezes: cinco vezes dentro do Espírito Santo e uma vez para Rondônia. Motivo: ter mais terra produtiva. Conseguiu 7 hectares.

8) V.W. nasceu em São Gabriel da Palha-ES. Migrou duas vezes: uma no Espírito Santo e uma para Rondônia. Motivo: ter mais terra produtiva. Alcançou o objetivo.

9) R.T. nasceu em Boa Esperança; migrou treze vezes: nove vezes dentro do Espírito Santo; veio para Rondônia, onde migrou mais três vezes. Motivo: terra. Não tem terra.

10) H.W. nasceu em Colatina-ES; migra somente uma vez, do Espírito Santo para Ron-

dônia. Objetivo: ter mais terra para a família. Conseguiu.

As famílias pomeranas que moram na zona rural de Espigão D'Oeste, como vimos, em sua grande maioria já passaram por várias migrações. Estas dez famílias representam o perfil do grupo de 70 famílias com que trabalhamos. Os membros destas 70 famílias se espalham, hoje, também pela zona urbana, através dos filhos, genros e noras que, com certeza, estão contribuindo para dar uma identidade cultural e histórica a Espigão D'Oeste, bastante diferentes daquelas contribuições trazidas por imigrantes não pomeranos.

3.4.- ASPECTOS DA CULTURA E DA VIDA DOS POMERANOS DE ESPIGÃO D'OESTE: olhando o Espírito Santo.

Na fala de Delma Discher (1994), temos uma observação sobre os pomeranos do Espírito Santo:

“... é uma sensação muito gostosa poder pegar uma caneta e papel e escrever sobre os Pomeranos. Escrever a verdade sobre eles, sobre a vida que levam, pois na maioria das vezes quando

alguém se interessa em escrever alguma coisa, pouco do que escrevem é realmente verdade, pois os pomeranos são vistos como selvagens ou então como gente do outro mundo. A vida do pomerano é de luta e vontade de crescer, mas vencer com o próprio suor, sem pisar ou roubar de ninguém e por causa dessa sede de crescer é que muitas vezes se afastam das escolas e muitos, em consequência disso, são analfabetos e por causa da ignorância é que muitas vezes são taxados de silvícolas. O que é de admirar é que muitos jovens pomeranos têm vergonha de falar o pomerano porque acham feio, cafona e fora de moda. É muito bom saber que ainda existem pais que fazem questão de ensinar primeiro o pome-

**rano e só depois o português
aos seus filhos.”**

**(Jornal Correio Popular, Cariacica/ ES, de 06 a 09/09/94 -
Coluna OS POMERANOS -
AUTORA: Delma Discher.**

Os elementos da cultura pomerana, que apresentaremos a seguir, têm acompanhado o povo pomerano através dos tempos. Os pomeranos mantêm tradições que os identificam como tal. À margem da estrutura consumista, isolados ou marginalizados pelo sistema, eles se encontram para viver momentos que lhes são peculiares. Este modo de ser tem sido, vez ou outra, manchete da imprensa falada ou escrita:

**“... as montanhas da região
serrana do Espírito Santo
guardam uma gente muito es-
pecial. São estrangeiros, vin-
dos de um país que já não
existe, que pararam no tempo
e conservam em seu compor-
tamento alguns traços da Eu-
ropa rural do século passado
(grifo nosso) ... isolaram-se e**

ainda vivem como seus antepassados... falam o pomerano... constroem casas em estilo renano e frequentam cultos luteranos. Conservam costumes tão anacrônicos que acabam transformando os lugares num verdadeiro laboratório cultural, um museu vivo. Eles formam a colônia mais fechada do Brasil... eles se apegam aos costumes dos antepassados mesmo sem saber o que significam.”
(Revista Veja - 09/06/94 pg.80)

3.4.1.- A RELIGIOSIDADE DOS POMERANOS

A Pomerânia, colonizada desde o século II a.C., foi, ao longo de sua história, área de disputa de outros povos que tentavam dominar a região. Cada dominador impunha também a sua religião ou ideologia. Assim, a religião cristã entrou na Pomerânia quando ela foi conquistada por Boleslau II, da Polônia, que instalou ali um bispado, em 1124. (BROOCKMANN, 1984: 423). Em 1125 foram batizados os primeiros pomeranos.

Nos primeiros tempos da migração, as famílias se reuniam para encontros de culto, onde cultivavam aquilo que tinham aprendido antes. Muita coisa, porém, mudou com a chegada dos pastores religiosos, mesmo que, por princípio, tivessem boas intenções e enfrentassem muitas dificuldades para realizar o trabalho pastoral. Os pastores só falavam alemão e implantaram a liturgia que era pregada na Igreja alemã, impondo um comportamento a que os pomeranos não estavam acostumados. A maior das características desses pastores, segundo os imigrantes, era o autoritarismo. Os membros da Igreja tinham de se submeter aos pastores e tinham muito medo deles. Na fala de um velho pomerano:

**“Quando veio o cachorro do
pastor, já tiramos o chapéu.”**

(H.M.)

O pastor era visto como alguém de classe superior - ele próprio se sentia superior. Com ele só se podia falar em alemão e, em alguns casos, era preciso ir acompanhado de um membro do presbitério. Em Rondônia, uma mulher ainda lembra que os membros tinham mais medo do pastor do que da polícia. Quanto à questão moral, os pastores eram extremamente moralistas e exigentes. Um casal que esperava uma criança antes de se casar, era discriminado juntamente com a criança. No dia do casamento não se batia o sino, o que é uma tradição, e nem se acendiam velas. Para o batizado de uma criança, cujos pais já a haviam gerado antes de se casarem, o pagamento era maior do que para uma outra criança de situação diferente. O casal que não contasse ao pastor, antes do casamento, que esperava uma criança, teria de mais tarde, retratar-se publicamente perante a comunidade. Era comum, entre os primeiros pastores, apalpar a barriga de uma moça, um pouco mais gorda, antes do casamento, na presença da própria comunidade, a

fim de verificar se ela não estava grávida.

Os pastores sempre condenaram a superstição e a benzedura, consideradas, por eles, práticas demoníacas. Mesmo assim estas não deixavam de acontecer, especialmente a benzedura, por uma questão de necessidade. Segundo DROOGERS (1984):

“Benzedura, na linguagem dos membros, abrange as mais diversas formas de medicina popular, a oferta de uma alternativa para a medicina oficial e a produção desta oferta por pessoas que pertencem ao povo e falam a sua língua... durante muito tempo... a única medicina de fácil e geral acesso para as pessoas.”

(DROOGERS, 1984: 65)

Um elemento bastante presente entre os pomeranos, apesar da resistência dos pastores, que vêem nisso apenas uma superstição, é o “Patenzettel”, ou seja, um cartão de batismo. Junto com este cartão, onde estão expressos alguns desejos para o afilhado ou afilhada, como saúde, honra, fé, humildade, benção, prosperidade, são colocados alguns elementos simbólicos da demonstração destes desejos: sementes de cereais, para

boas colheitas; farelo de pão, para não haver fome; um pouco de terra, para que se torne proprietário de terras; pêlos de animais, para que tenha animais; agulha e linha, para que tenha dom de artesão ou artesã; dinheiro, para ter riqueza. Há também o uso de um hábito muito antigo, que é a introdução, no envelope do Batismo, de certas mensagens chamadas “cartas do céu”, ou Himmelebriefe, muitas antigas, e, eventualmente, de livros antigos trazidos da Pomerânia como o “Starckes Gebetbusch”, de Ludwig Starcke. (DROOGERS, 1984: 33).

Nos cultos, a presença da comunidade é maciça, mesmo que tais cultos sejam vistos, antes de mais nada, por alguns dos imigrantes, como ponto de encontro entre as pessoas, especialmente para as mulheres, que praticamente não têm outra oportunidade de sair e se encontrarem. Homens e mulheres sentam-se separados nas igrejas - mulheres à esquerda. Somente as mulheres cantam e são elas, inclusive, as responsáveis pela educação religiosa da família.

Embora sejam praticantes da religião Luterana, DROOGERS (1884) tem uma conclusão particular sobre a religiosidade pomerana atual:

“A religiosidade pomerana é resultado de um processo de reprodução de uma tradição religiosa trazida da Pomerânia, de produção de inovações religiosas em reação ao desafio de um contexto novo no país de imigração, e de se-

**leção e reinterpretação da
religiosidade oficial represen-
tado pelos pastores.”(os grifos
são do próprio autor).
(DROOGERS, 1884: 91)**

3.4.2.- A HABITAÇÃO

O estilo das construções da Pomerânia é mantido até hoje. Espalhadas pelos lugares mais altos, as casas têm telhado triangular, feito com pequenas tábuas em lugar de telhas, uma varanda no centro e janelas pintadas de azul e branco - as cores da bandeira da Pomerânia. Mesmo com a abundância de madeira, esta não é usada para toda a construção, por falta de serrarias nos lugarejos. As casas são construídas com armação de paus, cujos vazios são preenchidos com taipa ou tijolo cru, os quais são jogados simultaneamente por duas pessoas: uma do lado de fora e outra do lado de dentro da construção. Depois se alisam as paredes com uma prancha, sendo em seguida pintadas com cal. As fachadas geralmente têm varandas circundadas com grades de madeira, bem elaboradas. Essas casas sempre são diferentes das habitações da população rural brasileira, desde seu aspecto arquitetônico até ao mobiliário e decoração. É no seu estilo que podemos perceber aspectos da identidade cultural desse povo.

Os pomeranos tiveram uma influência maior dos germânicos do que dos eslavos. Nos fundos das casas, fica a cozinha, sempre construída num plano inferior ou até mesmo separada do corpo da casa por um corredor avarandado. Essa é uma medida historicamente herdada que tinha a sua explicação na segurança da família. Em caso de

incêndio na cozinha, provocado pelo fogão à lenha que deve estar sempre aceso, existe uma menor possibilidade de toda a casa ser incendiada. No assoalho da casa sempre encontramos grandes fendas. Segundo a consulta que fizemos a alguns construtores disseram que tais fendas servem para refrescar a casa e que, por isso também as casas são construídas bem acima do solo, sendo o espaço localizado entre o solo e o assoalho utilizado para guardar as selas de animais, charretes, ferramentas, carroças e bicicletas.

O mobiliário é bastante simples. Na sala de visitas há sempre uma pequena mesa, a máquina de costura (herança da mãe), um ou dois baús, que eles chamam de Tushkasta, que serve para guardar as roupas e também serve como banco para sentar. Nesta sala sempre há também um ou dois guarda-louças, onde são guardadas louças de estimação, geralmente antigas. Muitos costumam enfeitar a sala de visitas com bandeirolas coloridas e ramos de árvores, retratos da família, quadro de seus avós e, não raro, um relógio de parede muito antigo, trazido da Pomerânia por seus antepassados. Os quartos de dormir são muito simples: rústicas camas com colchões enchidos com palha de milho, cobertores e travesseiros de pena, tudo feito pelos próprios colonos.

A cozinha é o lugar de maior convivência da família. Ali são tratados todos os problemas. É na mesa que os mais antigos, depois das refeições, fazem as suas meditações. Há sempre uma mesa grande, de madeira rústica, ladeada por bancos compridos, onde se realizam as refeições especialmente à noite e nos finais de semana ou feriados. Durante o dia come-se nas roças. Ao contrário dos brasileiros, a sala de visitas não é propriamente de visitas. É um lugar para eventos especiais, especialmente os de recordação do passado. A cozinha é o lugar da intimidade e ser convidado para conversar ali é sinal de ser bem aceito na família.

O pátio da casa é sempre muito grande. Além do terreiro para secar café, há

também um pomar com frutas diversas, especialmente as da região. Há um anexo chamado paiol, onde se guarda o café e outros produtos de primeira necessidade. Nesse paiol há sempre um “puxado” onde se encontra o forno para assar alguns alimentos tradicionais, assim como para cozinhar comida para animais.

3.4.3.- A ALIMENTAÇÃO

Um povo que na Pomerânia plantava e consumia trigo, batata inglesa, produtos de clima frio, tanto no Espírito Santo como em Rondônia precisou adaptar seus hábitos alimentares ao mudar para o Brasil. Tanto no Espírito Santo como depois em Rondônia tiveram que reinventar quase tudo, segundo eles próprios, especialmente em Espigão D’Oeste. No começo da colonização no Brasil, tiveram que fazer algumas experiências para encontrar os substitutos de certos costumes alimentares. O pão, que na Pomerânia era feito de trigo, aqui foi testado e substituído pelo pão de farinha de mandioca. Mas este pão logo ficava azedo. A melhor substituição foi pelo “Mihabrou” (4), o pão de milho e pelo “Bananabrou”, pão de banana. Nos primórdios da imigração, o fubá, para fazer o pão de milho, era socado no pilão e isso dava muito trabalho até que o milho se transformasse em fubá:

“mas de repente alguém descobriu uma pedra ideal, puxa água e constrói um moinho, como aqueles da Pomerânia. Agora as mulheres estavam contentes. Podiam fazer pão à

**vontade.”- (JACOB - Coleção
Memórias 3, 1992: 48)**

O “Mihabrou” ainda hoje é um dos principais elementos da alimentação dos pomeranos de Espigão D’Oeste. “Ick mach mehr mihabrou. Is sterka”. “Eu gosto mais de pão de milho. É mais forte”, dizem os pomeranos mais tradicionais). (Tradução dos informantes). Nesse pão de milho é misturado cará, inhame (planta rica em amidos e comum em regiões quentes) e farinha de mandioca, ou farinha de trigo quando se pode comprar. Essas misturas dão o gosto especial do pão. “Wara waika” (ficam mais macios), afirmam as senhoras. Também é costume assar, paralelamente, alguns pães de banana, o “Bananabrou”, já citado. Nesse pão acrescenta-se apenas algumas bananas maduras em parte da massa de pão de milho. O “Vibrou”, pão de trigo, passou pelo “Farinbrou”(pão de farinha de mandioca) e chegou ao “Mirabrou” (4). O pão de farinha de trigo só é consumido entre os pomeranos em épocas especiais como casamentos, batizados, natal, páscoa e, em algumas e raríssimas casas, nos finais de semana. Sempre nos finais de semana as mulheres mais velhas juntam-se às mais novas e preparam a alimentação para a semana, tanto para as famílias como para os animais.

A famosa batata inglesa, principal produção e integrante da alimentação dos pomeranos na Europa foi substituída pela batata doce e pela mandioca. Da mesma forma que se frita e cozinha a batata inglesa, faz-se com a batata doce e a mandioca. A batata inglesa é de difícil produção no clima quente e muito cara nos supermercados. A batata inglesa só está sendo consumida em ocasiões especiais, como o pão de trigo.

Os pomeranos podem estar em sérias dificuldades financeiras, porém sempre têm uma alimentação farta, pois a produção de sua pequena propriedade visa, principalmente,

ao sustento da família.

Os horários das refeições pomeranas são bastante diferentes dos horários de outros imigrantes na zona rural. Entre cinco e seis horas da manhã é servido um café quente e já adoçado, acompanhado de leite e pão de milho com manteiga, que eles chamam de “Botta”, feita pelos próprios pomeranos, e de doces de frutas da época que os pomeranos chamam de “Schmia”(5). O almoço é servido entre 8:30 e 9:30 da manhã e constitui-se basicamente de: arroz, feijão e farinha de mandioca, acompanhados de salada, banana frita, linguiça frita, palmito, todos produtos da propriedade do pomerano, e de carnes de caça. Ao meio dia, é servido outro café quente e adoçado, agora acompanhado de “Mirabout”, que é o pão de milho, e “Schima”(5), carne requentada, banana da terra cozida e “Keis” ou queijo e “Udjilektakeis”, que é um queijo pastoso para passar no pão. O jantar é servido entre 16:30 e 18:00 h. e o cardápio é praticamente o mesmo do almoço, aproveitando-se tudo o que sobrou. Dorme-se muito cedo, pois não há eletricidade rural. Muito poucos têm uma TV à bateria, mas todos possuem um rádio à pilha, onde ouvem a Hora do Brasil e acompanham as notícias do Jornal Nacional pela Rádio Amazonas, na cozinha, após o jantar. Os mais jovens, que já vão à escola, procuram traduzir tudo com detalhe, durante as propagandas no rádio, para os mais velhos.

O almoço do domingo é um prato feito à base de frango. Desse frango se tirará todos os ingredientes para a tradicional “sopa de macarrão com frango”, acompanhada de uma mandioca enxuta cozida e socada. Como sobremesa é servido um arroz doce, conhecido como “Melkris”, ou uma sopa de frutos semelhante à uma geléia, ou ainda um canjicão, que é feito com milho e melado de cana.

Talvez seja na alimentação que podemos perceber as maiores adaptações e trans-

formações dos hábitos desse povo. Não assumem, de modo algum, por completo, o hábito dos brasileiros, mas procuram adaptar e transformar a sua condição de pomerano, neste item.

3.4.4.- FAMÍLIA E TRABALHO

As famílias geralmente são numerosas, com muitos filhos e filhas. Nos primeiros tempos da imigração, os filhos eram necessários, pois significavam abundância de mão de obra barata. Depois a terra começou a ficar escassa e passou a significar mais pobreza e miséria.

A relação familiar é fortemente hierárquica e patriarcal. O homem é o senhor absoluto sobre a mulher, filhos e filhas. Os filhos e filhas são empregados sem remuneração na propriedade do pai. Trabalham arduamente e não têm direito a recompensa. Apenas os filhos do sexo masculino recebem um pedaço de terra quando se casarem. As filhas não o recebem, porque pressupõe-se que com o casamento o marido trará terra que recebeu do pai dele. Filhos e filhas recebem tratamento diferenciado. Em situações de opressão os homens são privilegiados entre as mulheres.

3.5.- A MULHER POMERANA

A mulher pomerana é objeto de posse do marido ou do pai, submissa às suas vontades. Não participa da administração, não decide, não administra dinheiro, dificilmente vai à cidade, pois o marido é quem faz as compras que precisar. A mulher

não é proprietária e dentro da estrutura familiar não tem poder de decisão. Com relação à migração a mulher apenas acompanha. No entanto, como verificamos durante o trabalho de campo, é a mulher, comprovadamente, quem mais trabalha. Na roça, do único trabalho que não participa é o da derrubada. É ela quem faz todo o trabalho doméstico. Se tiver filhas terá ajuda. Se não as tiver, cabe à mulher cuidar da comida, da casa, da costura, fazer sabão, torrar café, cuidar dos animais domésticos, preparar a horta. Geralmente ela fica debilitada pelo trabalho excessivo, especialmente, o trabalho de recomeço da imigração, pela geração de filhos em condições de saúde precárias, sem assistência e sem descanso, pela opressão e violência, inclusive física, dentro da família. Fora da presença da família ela confessa ser contrária ao processo migratório. Mesmo assim a mulher demonstra uma força e persistência incomparáveis com a de seus companheiros homens que, geralmente, se entregam ao alcoolismo quando as coisas vão mal. E é ela, a mulher, em grande parte, quem traz ânimo para a continuação da vida no novo lugar.

Os pastores reclamam muito quando convocam assembléias da comunidade e as mulheres não aparecem. Os pastores tentam mostrar que as mulheres estão sendo, além de submissas, omissas. Mas elas reagem geralmente ao pastor dizendo que os homens decidem e elas acatam.

A herança do pomerano geralmente é dividida em vida. A metade do terreno é desdobrada em partes iguais ao número de filhos homens. A outra metade vai para o filho caçula, se for do sexo masculino, que terá a incumbência de cuidar dos pais. O único dote que a mulher pomerana recebe é no momento do casamento: um baú com artigos de necessidade, normalmente feitos pela mãe, para facilitar sua vida de casada.

A morte, na comunidade pomerana, é recebida com bastante tranquilidade. Não há

choros e um dos hábitos que se tem é cumprimentar o defunto na hora em que o caixão é fechado. Achamos necessário registrar aqui que os pomeranos têm um cemitério só para os seus mortos. Eles não são enterrados no cemitério de outros povos.

Como a mulher não decide nada em casa e o pai está sempre preocupado com a terra, as crianças terminam não indo à escola, o que é agravado, ainda, pela constante migração do povo. A cada nova migração, visto que sempre procuram as florestas, acompanha também a falta de infra-estrutura: estradas, igreja, escolas. Com a falta de escola, ou o funcionamento precário destas, na zona rural, as crianças pomeranas quando vão a escola falam apenas o pomerano. Atualmente o município de Espigão D'Oeste possui muitas escolas na zona rural e os pais estão empenhados em fazer seus filhos estudarem. Agora a comunidade está consciente de que aprender o português e fazer contas serão instrumentos fundamentais na negociação das produções agrícolas fora da cidade. Os jovens, sempre muito obedientes ao pai, sentem-se estimulados a estudar ao menos até a 4ª série, porque só após completar o antigo primário, poderão, pelas novas normas da Igreja Luterana da qual são adeptos, ser crismados e considerados adultos. Mas é muito comum encontrar-se famílias inteiras que não sabem nada da língua portuguesa.

Para a mulher da comunidade rural pomerana, é indiferente se os filhos querem ir à escola ou não. Ela sabe que, se conhecerem um mundo diferente, poderá perdê-los. Uma jovem informante, escolarizada após a morte do pai, sintetiza sua condição de mulher na comunidade, com esta poesia:

“Calada

quase se escondendo...

parece que tem medo

da gente, da vida!

Só não tem medo de

TRABALHAR.

Mulher de faz-de-tudo;

é o café, é a criança,

é o almoço,

é a galinha, é a casa,

**é a roça, é o marido (ou o
pai)...**

**não há pausa, não há
descanso,**

não há carinho

sua vida é

trabalhar

é servir...

Mulher pomerana,

se te deixassem falar!...”

(MARGA STROHER- fevereiro.

1995)

3.6.- O CASAMENTO

Um velho ditado alemão, repetido entre os pomeranos diz que, ao casar, não se deve olhar para cima nem para baixo, mas para os lados. Ou seja, a pessoa deve casar com alguém de seu próprio meio. “Para se casar é preciso prestar atenção nos costumes, observar o comportamento e a boa fama da pessoa”, dizem os pomeranos. O problema dessa regra é que há pouca gente no universo dos pomeranos sediados no Brasil, se compararmos com a população não pomerana. Com a limitação, tornaram-se comuns os casamentos entre parentes. “A comunidade é pequena e nós conhecemos pouca gente”, explica Isidoro Plastes, casado há dezessete anos com sua prima em primeiro grau. Entre os pomeranos há sempre tendência ao casamento entre parentes. Há também muitos celibatários. Primeiro porque não encontram parceiros. Depois porque as tradições dificultam o casamento. Como vimos, o filho caçula tem a obrigação de cuidar dos pais até que eles morram. Como frequentemente a morte dos pais ocorre muito tarde, muita gente fica solteira. Outro grande problema emperra a vida dos jovens: se o filho mais jovem, que cuida dos pais, for mulher, alguns adiam esse momento ao máximo, para não ter que dividir o patrimônio, para não abrir mão desse patrimônio com muita facilidade. O homem que resolve se casar, tem de se mudar da casa dos pais, instalando-se por

conta própria na terra que recebe, enquanto os irmãos solteiros continuam desfrutando do patrimônio da família.

O tradicional casamento pomerano é cheio de detalhes, uma verdadeira liturgia. Começa com a ceva dos animais e na reserva de outros complementos alimentares para a festa. Mesmo as famílias mais pobres não dispensam essa festa, pois as famílias convidadas ajudam nas despesas da mesma, trazendo manteiga, galinha, ovos, cereais, leite, gordura e até porco. O noivo trabalha para o próprio pai até no dia do seu casamento e a festa, por tradição, é sempre na casa da noiva.

O convite para o casamento é feito de forma oral, em forma de poema. Um dos irmãos da noiva, o “Hochditsbira”, (encarregado de fazer o convite), sai à cavalo ou de bicicleta, todo enfeitado com fitas e flores coloridas, portando uma garrafa de aperitivo (mistura de todas as bebidas alcóolicas da região), igualmente enfeitada com fitas e ramos, para convidar os festeiros. Este aperitivo é feito com água ardente, cerveja, licor alcóolico e outras bebidas disponíveis na ocasião. O “Hochditsbira” quando avista a casa da família a ser convidada, dá um tradicional grito, aviso de que está chegando. Toda a família, ao ouvir o grito dirige-se à sala de visitas. O “Hochditsbira” entra na sala, e caminhando em círculo na mesa, declama o convite. Não conseguindo um deste em língua pomerana, transcrevemos, em língua alemã, um convite conforme anotado por KLAUS GRANZOW (1975):

**“Ich komme hierher
 angeritten und in diese Stube
 reingeschritten und lasse
 mein pfero vor der Ture**

sthehn Un will hier herin zu
Fusse genn. Liebe Freunde
insgemein, Herr und Frau,
und gross und klein, alle, die
hier zusammensein: Ich bin
ein ausgesandter Bote vom
Hausherrn... doch nicht nur
von ihm allein, sondern auch
von seiner Frau, und nicht
nur von diesen beiden,
sondern auch von Braut und
Brautigam, hier anzusagen,
dass sich alle mogen
einfinden bei der christlichen
Vermahlung an der Kirche
und hernach wieder umkehren
in das frohliche
Hochzeitshaus. Und nehmet
dort vorlies mit dem, was der
liebe Hergott an Essen und
Trinken bescheret hat. Denn
ich bin noch jung an Jahren.
Ich habe noch viel erfahren.
Ich habe noch viel erfahren.
Ich bin noch dumm in meinen

**Sachen, viele Kompliment
hab'ich nicht gemlerat zu
machen"**

(GRANZOW, 1975: 208).

Apresentamos a seguir a tradução aproximada do convite de casamento feito por Carmem ZINK, do Departamento de Linguística Aplicada-IEL-UNICAMP, a quem agradecemos a especial gentileza.

Vale acrescentar que a tradução é aproximada uma vez que o texto inicial apresenta rimas, não possível de serem mostradas na tradução corrente.

**"Eu venho para cá cavalgando, e entro nessa
propriedade, e deixo meu cavalo em frente à
porta, e venho a pé para dentro. Queridos
amigos, meu Senhor e minha Senhora, e
grandes e pequenos, todos que estão aqui
reunidos: eu sou um mensageiro do
proprietário... mas não apenas dele, porque
também o sou de sua esposa, mas não apenas
deles dois, porque também o sou do noivo e da
noiva. Venho para anunciar que todos estão
convidados a ir à cerimônia religiosa na igreja,
e depois retornar à feliz residência, para
compartilharem com o que o bondoso Deus**

Nosso Senhor presenteou em comidas e bebidas. Pois eu ainda sou jovem. Eu ainda tenho muito que aprender. Eu ainda sou tolo em minhas coisas, muitos elogios eu não aprendi a fazer.”

Assim que termina de declamar o convite, o “Hochtitsbira” toma um gole do aperitivo e também o oferece às pessoas mais velhas da família, dando sinal de que a festa já começou. Ao sair, recebe uma fita colorida, retirada de um baú da sala, que lhe é presa nas costas ou no ombro, e algum dinheiro pelo serviço prestado.

O local da festa começa a ser preparado alguns dias antes, assim como a comida. Para isto, amigos e amigas do casal são convidados a auxiliar. Todos os detalhes são cuidadosamente observados: a limpeza do local, a construção de mesas, instalação do bar, o abate de animais, a confecção de bolos e os enfeites. Tudo é enfeitado com fitas e bandeirolas azuis e brancas, lembrando, mais vez, as cores da bandeira da Pomerânia. Até a cancela de entrada da propriedade recebe enfeites, acrescida de uma guirlanda de ramos de flores. Um mastro bem alto, chamado de “Fonstanga”, com uma bandeirola no topo, é erguido para que, de longe, as pessoas avistem o local da festa.

Tradicionalmente, a festa dura três dias, ocorrendo na quinta, sexta e sábado. No primeiro dia é servida uma sopa de miúdos e pés de galinha, abatidos para a festa e depois acontece o “Puldraowand”, que é o nome que se dá ao baile do quebra-louça, com a presença dos vizinhos, ajudantes, pessoas da família dos noivos e outros convidados.

“... é um baile onde, na primeira dança, uma senhora de idade, ligada à família da noiva, enche o avental de louça velha e, diante do casal de noivos, faz votos de felicidade aos dois e, em seguida atira toda a louça ao chão, espatifando-a.”

(JACOB, 1976: 17)

Acredita-se que os cacos de louça são para o casal ter sempre muita felicidade, renovando-se por toda a vida. Sobre estes pedaços de louça quebrados, começa o baile.

O ponto alto da festa é o segundo dia, ou seja, a sexta-feira, dia da cerimônia do casamento. Os convidados são recepcionados na cancela de entrada da propriedade da noiva. Os “Brutdeina”, (rapazes) e as “Brutmeka” (moças) são os responsáveis pelo atendimento aos convidados. Junto a esses rapazes e moças está o “Hochditsbira”, aquele que foi fazer o convite para o casamento. Lá também estão os tocadores de concertina, os quais irão animar a festa e o baile. Ao lado destes tocadores está um prato para doações, pois os convidados é que pagam os músicos.

Antes do almoço, grande parte dos convidados acompanha os noivos até a cidade para a oficialização do casamento. O noivo e a noiva vão na frente e em seguida vão os pais e os padrinhos. Na ida a noiva leva o noivo na garupa do cavalo e, na volta, o noivo

traz a noiva na garupa. Quando chegam de volta ao local da festa, são recebidos aos gritos e o aviso é dado às pessoas que preparam a comida.

O casal e os convidados sentam-se à mesa para o almoço. O lugar dos noivos é enfeitado com um arco de ramos e flores. É servido sopa de macarrão, aipim, batata doce, batatinha, cará, carne de galinha, suco de gengibre e, como sobremesa, arroz doce. Os noivos só podem levantar-se da mesa depois de todos os convidados terem terminado de comer, pois o contrário traria má sorte para os recém-casados.

Ao entardecer, começa o outro baile, conhecido entre a comunidade como o “Kranzafiftanz”, que é traduzido para nós como a dança da grinalda. A noiva, em seu traje preto com grinalda de alecrim é perseguida pelos homens que tentam lhe tirar a grinalda, e, ao mesmo tempo, é protegida com lenços pelas mulheres. O noivo dança com todas as mulheres e moças, e a noiva com todos os homens e rapazes da festa. Só depois disso é que os convidados podem dançar entre si.

No sábado o noivo desmonta o mastro colocado para mostrar que a festa acabou. Isto sempre acontece ao anoitecer. Logo organiza-se um mutirão para a limpeza do local da festa e também, quando tudo está em ordem consomem-se os alimentos que sobraram da festa.

A festa de casamento é a festa mais importante para os pomeranos. É a mais significativa, pela oportunidade de extravazamento de todos. É uma festa onde todos são alegres, inclusive as mulheres. O retiro para a lua-de-mel não é tradição entre os pomeranos. A virgindade da noiva está demonstrada em sua grinalda. Ela veste-se de preto, como dissemos, com uma faixa amarela na cintura e a grinalda de ramos de alecrim. Se a grinalda murchar rápido é porque ela não é mais virgem. Hoje eles discutem muito sobre

isso, pois o clima quente faz com que os galhos murchem rápido. O noivo sempre usa terno escuro.

Há alguns anos atrás, todos os pomeranos, pequeno ou grande colono, conseguia oferecer uma festa neste estilo. Hoje, por várias razões, inclusive pela não aceitação por parte dos mais jovens da família, entre outros motivos, já existe alguma família realizando casamento nos padrões brasileiros. Mas ainda é uma festa muito forte, bastante esperada e significativa.

3.7.- O MUTIRÃO

A prática do mutirão já era muito comum na Pomerânia e era praticado na colheita das roças, na abertura de estradas, defesa na guerra e fabricação de armas. No Brasil, a prática do mutirão entre os pomeranos tornou-se uma questão de sobrevivência. É chamado pela comunidade, de “juntamento” ou “Juntamentz”, sendo seus pontos fortes o trabalho em conjunto e a convivência. Na época da colheita de café, começa-se pela lavoura mais madura, ou pela cabeceira do córrego, ou da “linha”, como são conhecidas as estradas rurais em Espigão D’Oeste, e se desce até o último vizinho. Mas também se faz mutirões para a preparação das festas de casamento, construção de casas, pontes ou estradas, derrubadas e queimadas, mudanças, transporte de madeiras, construção de capelas e para muitas outras atividades. O mutirão pode ser feito para beneficiar uma família específica ou em função de ser útil para toda a comunidade. É sempre um trabalho gratuito, comemorado ao final da tarefa para a qual foi organizado, com o baile do “juntamento”, onde se comemora o sucesso do trabalho.

O mutirão foi a solução para o desmatamento, a queimada e a abertura de picadas que eram transformadas em estradas. No início da colonização, a maioria dos pomeranos não possuía cavalos de montaria e animais de carga. Para vender seus primeiros frutos da terra carregavam tudo nas costas, em sistema de mutirão, até a vila de Espigão D'Oeste, assim como faziam no Espírito Santo, até o Porto do Cachoeiro, de onde traziam produtos manufaturados, como informa FRITZ (1924), em referência ao que ocorria no Espírito Santo:

“À noite saíam de casa para que pela manhã pudessem estar na cidade e se possível ainda regressassem em pleno dia para casa. Levavam tocha de fogo feitas de Jacarandá (que queimava com facilidade) para iluminar as escuras picadas e espantar animais da floresta. Para essa caminhada juntavam-se vários vizinhos.”
(FRITZ, 1924: 71)

Nos mutirões há uma espécie de pacto moral entre os pomeranos. Ninguém cobra nada pelos serviços prestados, mas o mais beneficiado é quem oferece o baile do “Juntamentz Ball”, que já explicamos anteriormente. Ninguém briga nesses bailes. Tudo

é alegria

O dinheiro, em muitas ocasiões é desnecessário para aqueles que realizam troca de todo tipo, por exemplo, gordura de porco por feijão que foi colhido em demasia. Durante os mutirões também combinam a ordem para as famílias abaterem animais todas as semanas. Muitos pegam emprestados leitões para devolver quando sua porca der cria. Nas construções, também combinam, de modo que uma propriedade tenha um engenho, outra tenha casa de farinha, outro possua a farinheira, que é o depósito de farinha mais ou menos comunitário. Dizemos mais ou menos porque, se um vizinho começar a fazer tudo por conta própria, ele deixa de fazer parte dos mutirões e, com certeza, não receberá ajuda dos outros em situações de necessidade, como por exemplo, nos casos de doença. Quando alguém da família adoece e é preciso ser transportado para a cidade, é confeccionada uma maca de bambu, ou se amarra uma rede num bambu para se realizar o transporte. Muitas vezes o doente morre antes de chegar ao hospital, mas se chegar ao socorro necessário e alguém da família tiver que lhe fazer companhia, os vizinhos todos oferecem sua ajuda; uns cuidam da casa e dos animais, outros da alimentação, com muita solidariedade entre eles. Muitas vezes, quando alguém possui uma terra na várzea, própria para o plantio de arroz, empresta parte dela para alguém em troca de uma área na chapada, propícia para plantar milho ou mandioca, conforme informações do Sr. Adolfo Tressmann, vindo de Vila Pavão, (ES), com 51 anos de idade.

3.8.- O PAPEL DA “VENDA” ENTRE OS POMERANOS

No começo da imigração, os pomeranos resolviam seus problemas de abaste-

cimento praticamente todos entre si, como vimos anteriormente. De vez em quando os homens faziam uma viagem para a cidade em busca de produtos manufaturados e também para vender o seu excedente agrícola. Mas, com o decorrer do tempo, alguém de fora do grupo ou um pomerano que não se dera muito bem como agricultor, resolve investir no comércio. Surgiu assim a tradicional “venda” da colônia, entre as comunidades pomeranas. Longe da cidade, o vendeiro (6) tem dois papéis fundamentais: comprar o excedente agrícola na comunidade e introduzir os produtos industrializados. A venda, assim, ou a casa de comércio, é um verdadeiro centro de trocas. Normalmente o vendeiro vende fiado, para receber na época das diferentes colheitas. Muitos vendeiros estão se transformando em grandes comerciantes, aproveitando-se de situações como seca ou excesso de chuvas, em que o colono nada produz e muitas vezes tem que vender um pedaço de sua terra para pagar sua dívida. Hoje é muito comum que funcionários públicos, farmacêuticos e até bancários, sejam proprietários de terras que antes pertenciam a pequenos colonos pomeranos.

A função político-social do vendeiro também se destaca. Longe dos poderes públicos, muitos desses donos de “vendas” ocupam um papel de intermediação entre os colonos. Muitos vendeiros realmente fazem muito pelos colonos, agindo como se fossem advogados, delegados e interpretes. De certa forma esses vendeiros são oficialmente autorizados pela omissão dos representantes dos órgãos oficiais que não querem enfrentar a dificuldade de acesso à zona rural de Espigão D’Oeste. Nas épocas de eleições, sem acompanhar as campanhas eleitorais, os pomeranos têm nos donos de venda verdadeiros cabos eleitorais, defendendo seus interesses. Muitos colonos recebem a cédula pronta do vendeiro para, segundo os informantes pomeranos:

“... chegar à rua, ir à urna,

passar os nomes para a cédula oficial e nem olhar para os lados.” (Família Krustz - depoimento - novembro de 1994).

Quando interrogados sobre sua opinião sobre os vendeiros, a comunidade diz que os mesmos desempenham dois grandes papéis: um negativo, no sentido de que, se quiser, “os engana porque é mais desenvolvido, sabe mais como conversar”, um positivo: “traz as novidades das cidades.”

Os mais velhos acham que os vendeiros têm sempre um papel negativo, porque comprando tudo o que eles produzem, impedem uma organização cooperativista entre os pomeranos, como acontece com os mutirões e também introduzem, segundo os idosos, a concorrência. Assim, segundo os velhos da comunidade, o pomerano começa a ver o vizinho como um adversário e não mais como um companheiro.

3.9.- O VESTUÁRIO

O que mais caracteriza a mulher pomerana é o seu lenço branco na cabeça, um elemento de adaptação ao clima quente de Rondônia. Outra peça tradicional é o vestido preto da noiva, com uma faixa amarela na cintura e a grinalda confeccionada com galhos de alecrim.

Quando vieram da Pomerânia os homens usavam, nas ocasiões especiais, um chapéu preto de feltro com uma pena vermelha, uma camisa branca ou clara listrada, uma calça escura e um par de sapatos escuros. Durante suas várias migrações, tiveram que adaptar suas roupas ao clima das regiões onde viveram.

A vestimenta da mulher é mais tradicional: vestido de chita até a canela e sapatilhas pretas. Como vimos, a mulher adaptou o lenço à cabeça para proteger-se do sol.

O sol tem sido o grande fator de alteração nos trajes do povo pomerano. É muito alto o índice de câncer de pele entre esse povo. Segundo informação do jornal “O Estado de São Paulo” (01.10.84):

“... detectou-se um certo tipo de câncer em 90 de cada 100 pessoas examinadas. O câncer ecológico... surgiu... quando desapareceram os últimos vestígios da floresta que encobria a região - Peroba e Jacarandá - com o desmatamento. A pele clara e fina dos pomeranos não suporta a exposição a fortes raios solares. Quando vão para o campo, as mulheres cobrem o corpo cui-

**dadosamente, buscando proteger-se: usam calças compridas sobre os vestidos, casacos e chapéus). (FRAGA, MAURA, in: "História da gente que o sol condenou à morte"-
Jornal O Estado de São Paulo - 1.10.84: 27)**

3.10.- A CONCERTINA

Os informantes desta Dissertação chamam de concertina o instrumento musical básico do pomerano. É com a concertina, e só com ela que o pomerano anima todos os bailes. Muitos desses instrumentos ainda trazem cravado a metal, o nome do primeiro pomerano imigrante, seu possuidor, vindo da Pomerânia.

3.11.- A LÍNGUA POMERANA

As informações a respeito da língua pomerana não são muito claras. Esta Dissertação não se propôs a analisar esta língua profundamente, pois, o que nos interessa é o percurso linguístico desse povo e os fatores da manutenção e/ou perda da língua pomerana na comunidade de Espigão D'Oeste-Ro.

Do ponto de vista dos informantes pomeranos, a comunidade se refere à sua variedade linguística como língua pomerana. Eles vêm na memória que são pomeranos. Rejeitam a identidade de alemão ou polonês. Portanto, levando-se em consideração as atitudes dos informantes, eles não são poloneses nem alemães; são pomeranos.

Em literaturas que tratam da imigração pomerana, encontramos, por exemplo, estas informações:

“... Esse dialeto é fruto da convivência de eslavos orientais e germânicos ocidentais na região onde ficava a Pomerânia. É uma mistura dessas línguas. Esse dialeto foi aperfeiçoado pelos pomeranos servos na época do Feudalismo, para dificultar a compreensão pelos seus senhores, reis e príncipes. Nessa época foi muito mudado para que os senhores feudais não entendessem os seus planos. Para facilitar isso era importante que não fosse escrito. Até

hoje ele não é escrito. É, por isso, considerado uma língua subversiva. Na Pomerânia o dialeto pomerano foi muito perseguido, tanto pelo Estado Alemão como pelo Polonês. Os pomeranos capixabas são os únicos que ainda falam o seu dialeto. Os outros que ficaram na Alemanha, os que foram para os Estados Unidos e Canadá e até mesmo os que foram para Santa Catarina e Rio Grande do Sul, logo perderam sua língua nativa.” (JACOB, 1987. In: A imigração pomerana no Espírito Santo)

“... com relação à sua origem não temos muitas informações: tudo que podemos dizer é que esse dialeto surgiu da confluência de várias línguas e dialetos eslavos e germâ-

nicos. Pela própria localização geográfica da Pomerânia poderíamos concluir que tem grande influência germânica (europeus, polacos, tchecos, eslavos e eusácios (eslavos ocidentais), russos (eslavos orientais) e dos búlgaros, sérvios, croatas e eslavenos (Eslavos meridionais)”

(JACOB, 1992: 3)

“... com essa convivência de germânicos e eslavos formou-se um novo grupo que são os pomeranos, com dialetos distintos e com palavras semelhantes ao idioma alemão. Durante a Idade Média os pomeranos não entendiam a língua germânica e até a Bíblia teve que ser traduzida para esse dialeto.”(Revista Pomero-de, 1985, N° 9)

Duas dessas Bíblias podem ser vistas hoje em museus do Espírito Santo, berço da colonização pomerana. Além disso, há um jornal quinzenal com uma coluna em língua pomerana, que já citamos, circulando entre as comunidades, com edição da IECLB. (Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil).

Em Espigão D'Oeste, na comunidade estudada, a língua pomerana é o maior meio de comunicação utilizado pela comunidade. Há muitas famílias que só conseguem se comunicar em pomerano e há, ainda, muitas outras com sérios problemas com a língua portuguesa.

Por causa da língua os pomeranos enfrentaram sérios problemas com as autoridades brasileiras. Muitas vezes, segundo os mais antigos, os pomeranos foram enganados pelos agrimensores nas demarcações de suas terras. O tão criticado isolacionismo do povo pomerano tem relação com esse tratamento recebido no passado, pelas autoridades brasileiras:

“... desde que o juiz de direito de Santa Leopoldina, Geraldo Plínio Rocha, resolveu prender dois pomeranos por só se expressarem em seu dialeto, o temor domina uma comunidade de pomeranos que vive no município de Santa Maria a 78 quilômetros de Vitória.” (MEDEIROS, 1981: 03).

Do ponto de vista linguístico, as informações disponíveis nos permitem apontar a língua pomerana como um dialeto do baixo-Alemão. Segundo VANDRESEN E STEINER (1987: 56 a 67) - Anais do VI encontro do estudo do bilinguismo e variação linguística da Região Sul (UFPR) - Curitiba, (Mapeamento das áreas de colonização alemã em Santa Catarina), tratam como comunidades de fala alemã, as comunidades dos municípios de Teresópolis, Águas Mornas, São Bonifácio, São Martinho, Armazém, Santa Rosa de Lima, Braço do Norte, Grão Pará, São Ludgero e Rio Fortuna. JACOB (1992), trata tais comunidades como de fala pomerana. Nossos dados de fala apontam para a evidência de dialeto do baixo-Alemão.

Os filhos de pomeranos, na maioria, vão aprender o português na “rua” ou na escola. Influências de fora do grupo pomerano, estão fazendo com que, pouco a pouco, a língua pomerana vá-se perdendo e seja substituída pelo português.

NOTAS SOBRE O CAPÍTULO 3

1.- Enciclopédia Brasileira Mérito, V.15, pp.623-640

2.- Documento do 11º ECAW, Várzea Grande, 1986, p.3 - OBREIRAS E OBREIROS
DAS NAC.

3.- Tecnicamente a terra da Amazônia tem como destino a floresta e não a agricultura.

4.- Mihabrou / mirabrou.

Transcrevemos estas duas formas porque encontramos estes dois usos na comunidade. Os idosos e as mulheres registram “mihabrou”, enquanto os jovens registram “mirabrou”.

5.- Schmia/ schima

Encontramos as duas formas de uso na comunidade. “Schmia” é o registro dos mais velhos e Schima foi encontrado, durante a pesquisa, em uso pelas crianças.

6.- Vendeiro: também conhecido como “bulicheiro”, denominação esta que advém do dialeto do português do gaúcho que imigrou para Rondônia.

CAPÍTULO 4

A COMUNIDADE DE FALA DOS POMERANOS DE ESPIGÃO D'OESTE-RO

Neste capítulo, pretende-se, basicamente, caracterizar a comunidade de fala dos pomeranos de Espigão D'Oeste-RO. Sabemos que essa questão é bastante ampla e nesse sentido procuraremos destacar dois aspectos principais a saber:

- 1.- Buscaremos responder, em linhas gerais, à questão “Quem fala que língua, quando, onde, a quem, sobre o quê?”
- 2.- Tentaremos identificar o processo de aquisição da língua portuguesa e da língua pomerana, usadas pela comunidade.

Os pomeranos de Espigão D'Oeste-RO, como vimos anteriormente, são originários da Pomerânia Posterior, região atualmente dividida entre a Alemanha e a Polônia. De um modo geral, os brasileiros os classificam como “alemães-capixabas”. É interessante observar que eles não falam alemão. A classificação de alemão está relacionada ao aspecto físico, como se pode verificar em um texto do jornal “A Ponte”, abaixo citado:

“... hoje esses pomeranos claros, loiros, altos e fortes estão por todo mundo. Uma grande

parte deles achou na Alemanha Central (hoje república Democrática Alemã) um novo alojamento, outros imigraram pelos oceanos afora.”(Jornal A Ponte. ed. 126. Ano 9: 22, Nova Petrópolis).

Os pomeranos de Espigão D’Oeste rejeitam a denominação de alemão e também a identificação com a de poloneses: consideram-se pomeranos da Pomerânia - hoje desaparecida.

Os pomeranos de Espigão D’Oeste têm como língua materna a língua pomerana, usada na vida tradicional das famílias. Dentro da família, a língua pomerana é falada por todos os membros, mas vale destacar o papel das mulheres na garantia do aprendizado e da manutenção da língua. São as mulheres que vão ensiná-la às crianças. São ainda as mulheres que se preocupam em conservar a língua pomerana dentro dos lares, no preparo das refeições dos mutirões de trabalho, nos ensinamentos da organização da casa, nos trabalhos divididos entre os filhos pequenos. Em geral a mulher é a grande usuária da língua pomerana e só um pequeno número delas é fluente em português. Entre as mulheres com idade entre trinta e cinco a sessenta anos, encontramos apenas duas com um bom desempenho em português. Por serem normalmente monolíngues em pomerano, as mulheres são discriminadas dentro da comunidade. Vale observar que os pastores, de origem alemã, sempre as forçaram a aprender, além do alemão, a língua portuguesa, atitude que as amedrontava e fazia com que estas mulheres se isolassem com

seus filhos pequenos.

A língua pomerana era confundida com a “língua clássica do Fuhrer”, na expressão dos informantes, ou seja, o alto-Alemão. No depoimento de um pomerano:

“... os “bate-paus”, que diziam ser mandados por Getúlio Vargas, vinham aqui e quebravam tudo o que tinha marca ou escrita alemã. Nós conseguimos salvar a Bíblia, enterando-a. As louças eram atiradas no solo. Roubavam máquinas, relógios, navalhas, concertinas, armas e até cavalos encilhados. Comiam e bebiam: levavam linguiças, carne seca, latas de carne frita e todo o pão de milho. Em muitos lugares as mulheres tinham que tirar a roupa e dançar sobre as latas de melado por eles derramado na sala e daí cortavam as cobertas de penas e jogavam por cima delas. O nosso so-

frimento era a festa deles. A cruz da catacumba do meu avô foi quebrada. Meu tio apanhou tanto que, depois de três dias ainda vomitava sangue. Em Vitória, Guilherme Mayer estava doente e não pode fugir; no outro dia foi encontrado morto na rua.” (ROMLOW,FRANZ. Depoimento).

Por causa dos problemas com os pastores de origem alemã no início da colonização no Brasil e também pelos problemas com as autoridades brasileiras, as mulheres fizeram como que uma parada no tempo não só participando do isolamento que a comunidade como um todo buscava, mas principalmente reforçando um isolamento linguístico que tem garantido a manutenção da língua pomerana entre as famílias.

As jovens pomeranas, hoje como ontem, são menos numerosas na escola. Quando sabem falar português o fazem pelo aprendizado com os irmãos, tendo, portanto, menor fluência nesta língua.

Quanto aos homens, muitos são bilíngues, ou seja, praticam a língua portuguesa e a língua pomerana, reservando esta última para as relações familiares. Os homens acham muito mais fácil a comunicação em pomerano. Entretanto, a necessidade de vender os

produtos da lavoura, a necessidade de contato com bancos e com o comércio da cidade, faz com que os homens usem o português com maior frequência e fluência.

Alguns homens idosos revelam conhecimento do alemão. Segundo informantes, esse fato se explica porque o culto religioso na Pomerânia era, frequentemente, em alemão. No entanto, esses informantes manifestam uma atitude negativa em relação à língua alemã.

Se de um lado é raro o bilinguismo, português e pomerano entre as mulheres, de outro lado essa prática é frequente entre os homens. Os homens aprenderam a língua portuguesa nas mais diversas situações de suas vidas, mas, especialmente, o aprenderam como segunda língua com os filhos homens que mandaram às escolas da zona rural. A aprendizagem da língua portuguesa sempre esteve ligada à questão de convivência com o mundo externo à comunidade, tais como: negócios em bancos, empréstimos, vendas de suas colheitas e até mesmo a questão de melhor proteção para os interesses das famílias. Para os homens dessa comunidade, falar a língua portuguesa é uma das maneiras de proteger a família de possíveis perseguições e discriminações. Segundo MEDEIROS (1981):

“Desde que o juiz de direito de Santa Leopoldina, Geraldo Plínio Rocha, resolveu prender um casal de pomeranos por só se expressarem em seu dialeto, o temor domina uma comunidade de pomeranos que vive no município de

**Santa Maria, a setenta e oito
quilômetros de Vitória.”
(MEDEIROS, 1981: 03)**

Os jovens do sexo masculino destacam-se, particularmente pelo comportamento bilíngue, com tendência maior à prática da língua portuguesa.

O repertório linguístico da comunidade dos pomeranos de Espigão D'Oeste-RO, é constituído pela língua portuguesa e pela língua pomerana. Para descrever os usos linguísticos da comunidade, foi necessário organizar os dados a partir de dois critérios básicos: sexo e idade. Nesse sentido consideramos inicialmente o grupo feminino e o grupo masculino. E posteriormente, os grupos dos idosos, adultos e jovens (incluídas aí as crianças).

4.1.- GRUPOS BASEADOS NO CRITÉRIO DE SEXO

A organização da comunidade, com vistas à questão que nos interessa aqui, com base nos fatores sexo e idade nos pareceu relevante em função, de um lado, do nítido contraste entre os papéis masculinos e feminino, dado o forte predomínio masculino, e de outro lado, da estrutura hierarquizada do grupo de idade, dominado pela geração mais idosa.

4.1.1.-A MULHER

O grupo das mulheres pomeranas caracteriza-se por uma forte incidência de

monolinguísmo em pomerano.

O processo migratório, com relação à mulher pomerana, fez com que essa mulher percebesse necessidades de comunicação geral que a vida tradicional não lhe exigia. Apesar das limitações ainda existentes, a mulher pomerana tem passado por experiências novas, conhecido lugares e pessoas diferentes, recebido idéias e informações que antes da migração não chegavam ao seu conhecimento. Essa mulher precisou enfrentar situações difíceis de adaptação. Dentro de casa a cozinha ainda é o mundo da mulher pomerana, seu único espaço de autonomia, onde decide, governa, administra, executa e distribui o necessário para a sobrevivência da família. Mas, aos poucos, a mulher pomerana manifesta uma compreensão maior da necessidade de integração com a nova situação pela qual a comunidade, como um todo passa e, vai deixando, muito lentamente, o modo tradicional da vida da mulher pomerana do Espírito Santo. Segundo depoimentos de mulheres pomeranas:

**“... quando a gente quer sair,
não tem tempo de tanto que
tem de trabalhar.”**

**“... não pode sair porque não
deixam...”**

Podemos apontar que da Pomerânia à instalação em Espigão D'Oeste, o comportamento monolíngue em pomerano era predominante. A abertura para a participação da mulher em domínios fora de sua cozinha e da roça, surge em Espigão D'Oeste e vem se manifestando em encontros de mulheres, especialmente nos trabalhos de grupo promovidos pela Igreja. Em Rondônia existem as mulheres pastoras,

normalmente esposas de pastores das igrejas Luteranas, que exibem um comportamento mais liberal que no Espírito Santo e inclui a participação das mulheres pomeranas em geral. Em função disso é possível perceber mudanças no comportamento feminino: as mulheres pomeranas começam a se preocupar com o seu lugar dentro da comunidade. E como veremos mais adiante, a liberação das mulheres passa pela aquisição da língua portuguesa.

Em depoimentos recolhidos nas reuniões específicas de mulheres, promovidas pela Igreja, algumas informantes relatam:

**“... os pequenos juntos têm
força e formam comunidade.”**

(Depoimento: A.W.)

**“... enquanto que o pequeno
só aceita a mentira, a gente
só sofre, só sofre, só sofre....”**

(Depoimento: C.K.)

**“... Sem o trabalho da mulher
não dá pra viver, mas só o
trabalho na roça que o homem
faz é contado, porque é este
que vai trazer dinheiro. Não**

**so pode vender um saco de
louça lavada.”**

(Depoimento: M.G.)

Nestes depoimentos a mulher nos mostra que se dá conta de que as relações de trabalho homem-mulher não são igualitárias, e na verdade são injustas. O trabalho da mulher não é valorizado, nem sequer contado. Tal trabalho, aparentemente, não gera dinheiro, por isto é tido como improdutivo. Há discriminação na divisão de trabalho tanto assim que existem duas categorias: “trabalho de homem” e “trabalho de mulher” e no dizer de uma pomerana:

**“... a mulher pega no trabalho
do homem mas o homem não
quer pegar no serviço de
mulher.”**

Nos referidos encontros específicos de mulheres as mesmas também são estimuladas para a participação no sindicato rural, pois as mulheres também trabalham na roça. Os depoimentos também sugerem que a mulher pomerana percebe discriminação por ser trabalhadora rural. Na fala de uma pomerana:

**“... a mulher só recebe
aposentadoria aos 70 anos...
ninguém atinge esta idade
com toda esta trabalhadeira; o**

pior serviço que tem é o da roça; nem pro homem esta aposentadoria é justa.”

Segundo as mulheres pomeranas, no atendimento médico-hospitalar e no sindicato, o tratamento é discriminatório:

“... é só falar que é da roça que é mal atendida. Só porque é da roça que tem que ser mal atendida? No sindicato também é assim...”

Essas mulheres também nos perguntam porque acontece esta discriminação contra a gente da roça:

“muitas vez acontece essas coisa porque o povo abaixa a orelha e fica quêto.”

“...é que a gente desde pequena bota isto na cabeça porque quando chega na cidade todos ficam rindo do jeito de vestir, andar, falar... (grifo nosso).”

Também do jeito delas, as mulheres pomeranas discutem religião. Essas mulheres hoje consideram uma teologia que está acrescentando considerações novas, diferentes da tradição patriarcal. Segundo as mulheres, o modo de ver a religião hoje faz com que descubram que “Deus não precisa ser um homem” ou que “Deus não é uma experiência só de homem”. Tais descobertas podem ser visualizadas em seus depoimentos. As mulheres estão vendo a religião numa ótica feminina que não existia na comunidade pomerana tradicional. Essa ótica feminina aponta reflexões como:

“... o homem pensa que Deus quis escravizar a mulher, mas Deus escolheu justamente Maria, uma mulher, para ser mãe do filho dele; senão ele podia ter nascido direto do céu.”

Quando entrevistamos uma das pastoras da comunidade, questionamos se ela considera positiva a mudança observada através dos depoimentos das mulheres pomeranas. A pastora nos respondeu:

“Não queremos colocar uma visão otimista da situação da mulher pomerana. A opressão existe, é dura, machuca, muitas vezes, até fisicamente. Mudanças concretas ainda estão por acontecer e vão levar

algum tempo. Romper os grilhões, ensaiar novas relações não é algo que aconteça a nível individual ou mesmo comunitário, apenas. As mulheres estão acostumadas a gerar e parir, sabem que um parto não acontece de uma hora para outra e que ele pode ser difícil. Apesar disso não podemos deixar de contar as pequenas mudanças, as esperanças, mesmo ínfimas, que começam a se concretizar.”

Na comunidade pomerana tradicional do Espírito Santo e no início da colonização de Espigão D'Oeste, havia a tradição dos “cultos familiares”, em que as famílias se encontravam para rezar e compartilhar um lanche composto de café com pão de milho. Atualmente essa tradição desapareceu em Espigão D'Oeste, tendo ocorrido a expansão das capelas construídas na região, onde os encontros não se limitam mais apenas à pregação, mas às conversas e questionamentos informais, a troca de experiências, troca de falas em pomerano e português. Vale destacar que nestes cultos se observa a convivência da língua pomerana e da língua portuguesa estimuladas pelos pastores, representantes da igreja, para que todos os participantes entendam a língua portuguesa.

Os religiosos incentivam as famílias para falarem português estimulando particularmente as mulheres a se interessarem dentro das casas pelas conversas dos homens, seja em pomerano, seja em português. Portanto, embora seja a mulher o instrumento e veículo principal de manutenção da língua pomerana na comunidade, ela começa a integrar a língua portuguesa à sua realidade cotidiana. Nesse sentido é possível apontar que a mulher pomerana vive duas situações aparentemente contraditórias: de um lado ela é o agente principal de uso e difusão da língua pomerana, e de outro lado a mulher pomerana representa a entrada da língua portuguesa em um espaço que lhe era inteiramente vedado: o lar e as relações familiares.

4.1.2.- O HOMEM

No contexto geral da comunidade dos pomeranos de Espigão D'Oeste-RO, o poder decisório está na mão dos homens.

Cabe ao homem pomerano lutar para conquistar, seja através de aquisição com recursos próprios ou de doação, terra para serem divididas entre os filhos homens da família. Em razão disso, muitas vezes o homem pomerano permanece por longos períodos ausente de sua residência, procurando novas florestas e novas áreas de colonização, especialmente se esse homem possuir muitos filhos do sexo masculino, aos quais deve dar um pedaço de terra.

Nos períodos de ausência do pai, os filhos e especialmente as filhas do sexo feminino, sentem-se auto-liberados para frequentarem as escolas da zona rural ou para ampliar o círculo de amizades com pessoas que não sejam da comunidade pomerana. De certa forma estas ausências do pai têm promovido o acesso dos filhos ao aprendizado

informal da língua portuguesa.

O traço marcante do homem da comunidade pomerana de Espigão D'Oeste é ser bilingue em português e pomerano. Porém o homem pomerano faz uso dessas línguas do seguinte modo: a língua portuguesa é utilizada nas relações de negócio, compra, venda, feiras livres e assuntos financeiros e econômicos em geral; a língua pomerana é reservada para os contatos pessoais em casa, na roça, com a família, com os parentes e amigos das relações cotidianas.

4.2.- GRUPOS BASEADOS NO CRITÉRIO DE IDADE

4.2.1.- IDOSOS

Dentro da comunidade dos pomeranos, a categoria dos idosos é marcada não só pelo critério da idade cronológica, mas também pela história e experiências pessoais. Nesse sentido, são considerados idosos ou velhos, os membros pioneiros da comunidade, as pessoas que sempre exerceram atividades ligadas à agricultura e que de um modo geral têm raro contato com o mundo externo à comunidade. É assim que vemos pessoas com idades distintas, por exemplo, trinta, quarenta e sessenta anos, apontadas como idosos. Na verdade, o traço comum a esse grupo é o monolinguísmo em pomerano e, portanto, um forte apêgo à cultura tradicional pomerana.

A quase totalidade dos idosos é monolingue em pomerano. Alguns destes idosos, manifestam um conhecimento passivo do português, pelo contato com os filhos adultos, que discutem negócios diante deles e também pelo contato com os netos escolarizados. Muito raramente, essas pessoas exibem o conhecimento de termos ou expressões da língua portuguesa. Em termos concretos, os idosos não falam português. Vale observar

que os idosos pomeranos rejeitam os cultos religiosos atualmente ministrados em português.

Em função do seu monolirguísmo, os idosos sempre se mostram reservados nos contatos com pessoas de fora da comunidade. No caso da presente pesquisa o contato com os idosos foi sempre mediado pelos filhos adultos e netos, que ainda assim se apresentaram sempre cautelosos e desconfiados. De um grupo de cem idosos, apenas uma informante de oitenta anos de idade, monolíngue em pomerano, mostrou-se receptiva ao nosso trabalho.

4.2.2.- ADULTOS

Na comunidade pomerana a categoria de adulto é marcada pelo casamento. Enquanto solteiro, residindo com os pais, o filho é submisso ao pai e ninguém é considerado adulto, não importando a idade, enquanto vive essa situação.

Normalmente esses adultos são bilíngues em português e pomerano. Mas deve-se apontar que há uma diferença entre o comportamento bilíngue de homens e mulheres. A incidência de bilinguismo é maior entre os homens que entre as mulheres. As mulheres são menos bilíngues que os homens, valendo destacar que o português das mulheres é considerado de qualidade inferior (têm um domínio pior do português).

As mulheres usam pomerano na maioria das suas relações sociais e usam português nas oportunidades de contatos externos que são bem menores que as dos homens, por exemplo, nas reuniões específicas de mulheres, no sindicato rural e em pequenas compras na cidade.

Os adultos do sexo masculino, bilíngues em português e pomerano, reservam o uso

dessas línguas da seguinte maneira: a língua pomerana é reservada para as relações dentro da comunidade e a língua portuguesa para as relações comerciais, normalmente fora da comunidade, quando então tratam principalmente de assuntos de interesse financeiro e econômico.

4.2.3.- OS JOVENS E AS CRIANÇAS

Os jovens pomeranos em geral são bilíngues em pomerano e português. O pomerano é utilizado nas relações familiares e no contato com os membros da comunidade em geral. O português é adquirido a partir do ingresso na escola.

Muitos jovens não têm oportunidade de frequentar a escola por determinação do pai. A situação de repressão familiar provoca numerosas fugas dos filhos que saem em busca de trabalho fora do domínio do pai ou para casar com pessoas não pomeranas. Esse tipo de situação é responsável pelo contato de alguns jovens pomeranos com a sociedade de fala portuguesa. O falecimento do pai representa também uma outra possibilidade de aquisição do português por jovens submetidos ao autoritarismo paterno, que se sentem, então, liberados para ter contato com pessoas de língua portuguesa e viver situações que lhes eram proibidas. Algumas vezes, a morte do pai significa o abandono completo da língua pomerana pelos jovens de uma família.

Os jovens utilizam o pomerano nas relações familiares, especialmente com os membros mais idosos. Dentro da comunidade só falam o pomerano no contato com os mais velhos. Quando alguém lhes dirige a palavra em pomerano, os jovens fazem questão de responder em português.

Os jovens manifestam uma atitude de rejeição às tradições pomeranas, culturais e

religiosas. No entanto, os jovens pomeranos se mostram receptivos com os aspectos mais liberais da Igreja Luterana atual. Considere-se a esse respeito, o trabalho dos pastores religiosos que promovem reuniões de jovens para discussão de assuntos religiosos, educacionais, políticos e outros, e, principalmente, a necessidade e importância da língua portuguesa.

Com relação à cultura tradicional os jovens não valorizam mais, por exemplo, o mutirão e a partilha de bens que privilegia os filhos homens. Eles não acham bonitas as festas tradicionais e se são forçados a participar o fazem de modo frio, com visível insatisfação, como se pode ver no depoimento de um jovem pomerano de quinze anos:

“... a gente vai na festa dos velhos só por causa da mãe, coitada. Ela é simples e pensa que isso é importante.”

(Depoimento: R.T.)

Com relação à língua tradicional, os jovens se referem a ela como “dialeto”, que consideram “feio”, “antigo”.

Como dissemos, os jovens são bilíngues, mas a marca de seu comportamento é o prazer de falar português. Concretamente o português predomina nas relações sociais desses jovens. O pomerano ocupa um lugar secundário nos seus usos linguísticos. Os jovens se consideram brasileiros - não assumindo o estatuto de pomeranos - daí a prática de privilegiar o uso da língua portuguesa. Em resumo, os jovens pomeranos embora bilíngues em português e pomerano como os adultos, distinguem-se destes pelo uso preferencial do português.

No repertório bilingue dos jovens pomeranos, a língua pomerana é usada para relações comunicativas restritas com os idosos. Consequentemente, as relações de amizade, as relações sociais em geral são em língua portuguesa.

As crianças pomeranas são monolíngues em pomerano até a fase que antecede a frequência à escola. Conforme avançam no sistema escolar, as crianças aumentam o domínio e o uso da língua portuguesa. Como característica geral, podemos apontar que as crianças usam a língua pomerana nas relações familiares, particularmente com a mãe e avós. Dentro da família, utilizam o português com os irmãos. Nas relações fora do grupo familiar utilizam o português com amigos da mesma faixa etária e com adultos em geral, falantes de português.

4.3.- O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DAS LÍNGUAS EM USO PELOS POMERANOS.

Como descrito anteriormente, a língua pomerana é a língua de uso da família pomerana; é a língua da roça, da agricultura, das relações familiares. São as mulheres que a ensinam aos filhos e a procuram manter na comunidade, especialmente dentro de seus lares. A língua pomerana é adquirida por todos os membros da comunidade em situações naturais de interação verbal. Em outras palavras, o pomerano é adquirido informalmente através do contato intenso e contínuo entre os membros das famílias e da comunidade.

A aquisição do português é feita de maneira distinta. O contato com o português é feito a partir da escolarização ou com membros escolarizados da comunidade. Os pome-

ranos da comunidade de Espigão D'Oeste frequentam as escolas que se localizam no espaço onde está a comunidade. Em geral, o ingresso à escola se dá entre os sete e treze anos de idade. Vale observar que a frequência à escola é bastante interrompida pelas ocorrências de colheitas durante os períodos de aula. Com todos esses problemas, porém, as crianças conseguem praticar a fala, trocar experiências, ouvir e responder aos colegas e irmãos, o que faz com que passem a dominar, com facilidade, a variedade do português da região. O período de frequência à escola propicia o aprendizado formal, porém, concretamente, o aprendizado da língua portuguesa se faz a partir do contato com outras crianças na escola.

Os adultos que não frequentaram a escola passaram a aprender português a partir da atuação da Igreja Luterana que promove cultos, reuniões e lazeres diversos nos quais o português é a língua utilizada. Esses membros adultos passam a ter algum domínio do português através das crianças que frequentam a escola.

O lazer não é privilegiado na cultura pomerana, portanto, a prática de lazer não é comum entre as crianças da comunidade pomerana. A vida dessas crianças é de trabalho junto aos pais. Antes de seu ingresso na escola rural, as crianças não participam de folguedos ou lazer em grupo. O brincar aparece na escola da zona rural. A partir do momento em que ingressam na escola, passam a frequentar também as recreações oferecidas pela Igreja, onde se privilegia o uso da língua portuguesa. As recreações, competições e jogos são incentivos para que as crianças passem a usar a língua portuguesa com maior fluência, o que realmente acontece.

Em resumo, podemos apontar que o processo de aquisição das línguas pomerana e portuguesa ocorre como se segue:

- **POMERANO:** - Em toda a história da comunidade pomerana a língua pomerana sempre foi adquirida a partir das relações familiares. Cabe à mãe educar os filhos na língua pomerana que é a língua da tradição desse povo. Segundo os informantes, nas famílias constituídas nos últimos dez anos, a língua pomerana foi adquirida com menos fluência, no contato com a avó, avô, primos e tios que não frequentaram a escola. Nossos dados apontam que, nos últimos anos, os pais, a priori, não são mais os únicos transmissores da língua pomerana, tarefa esta que tem sido realizada também pelos idosos da comunidade.

- **PORTUGUÊS:** As crianças aprendem formalmente a língua portuguesa a partir do ingresso à escola da zona rural. Simultaneamente adquirem a língua portuguesa de modo informal em contato com os colegas da escola. Um outro modo de aquisição da língua portuguesa entre crianças e jovens se dá na ausência da figura paterna, seja pelo falecimento desse, seja por ausências prolongadas, motivadas por viagens longas ou por migrações transitórias. Os adultos adquirem o uso da língua portuguesa a partir da atuação da Igreja Luterana e através das crianças que frequentam a escola.

Com o objetivo de apresentar, resumidamente, as questões discutidas neste capítulo, estabelecemos o seguinte quadro:

QUEM?	QUE LÍNGUA?	QUANDO?	ONDE?	A QUEM?	SOBRE O QUÊ?
1.- Homens	-Pomerano	- Sempre	- em casa, na roça.	-Família, parentes, amigos.	- cotidiano
	-Português	- Sempre	- Fora de casa, Igreja, sindicatos, associações, bancos e firmas.	-amigos, estranhos, conhecidos, pastores, gerentes, professores.	- negócios, compra e venda, escola, comércio, feiras livres, assuntos financeiros e econômicos em geral.
2.-Mulheres	-Pomerano	- Sempre	- em casa, na roça, Igreja.	-Família, parentes, amigos, conhecidos, pastores e pastoras.	- Todos os assuntos de suas relações.
	-Português	- raramente	- Sindicatos, reuniões específicas, hospitais.	-Pastora, líderes da comunidade.	-Sobre suas reivindicações e direitos.
3.- Velhos	-Pomerano	- Sempre	- em casa, roça, igreja, reuniões, festas	- Família, parentes, amigos, conhecidos.	-Lembranças do passado, cotidiano, futuro, agricultura, casamento, religião, trabalho, família, progresso, lembranças da terra natal, assuntos gerais.
	-Português	-Raramente	-Casa, roça.	- Netos mais novos	- Lembranças passadas e 2ª Guerra

4.-Adultos	-Pomerano	-Sempre	- festas, reuniões com pomeranos.	- amigos, parentes, idosos.	-cotidiano, negócios de interesses familiares.
	-Português	- sempre	-conhecidos, estranhos, parentes falantes da língua portuguesa.	-pessoas em geral, pessoas que preferiram falar português ou que não sejam pomeranas.	-cotidiano, escola, negócios em geral, assuntos gerais, comércio.
5.- Jovens	-Pomerano	-Raramente	-Casa, roça, eventos da comunidade pomerana	- Pai, mãe, avós, idosos	- Assuntos familiares, respostas curtas a questionamentos.
	-Português	- Sempre	- Demais lugares	-Pessoas em geral.	- Cotidiano, escola, negócios em geral, assuntos das relações de amizade.
6.- Crianças	-Pomerano	- antes de frequentar à escola.	-casa, roça, Igreja.	- Família e amigos pomeranos ; pai, mãe, avós.	-assuntos gerais.
	-Português	-Quando passam a frequentar à escola.	-em casa , na roça.	-irmãos, amigos, conhecidos , pastor.	- Escola, brinquedo, lazer, trabalho, religião

CAPÍTULO 5

VARIEDADES LINGUÍSTICAS E USOS SOCIAIS

Neste capítulo analisaremos os usos linguísticos de que a comunidade de pomeranos estudada lança mão em suas relações internas, que denominamos intra-comunitários ou privados, e externas, que denominamos extra-comunitárias ou públicas, ou seja, procuraremos definir o estatuto que o português e o pomerano detém na comunidade em função dos usos que lhe são atribuídos. Para tanto coletamos dados a partir do questionário número cinco (5), em anexo, além de gravações em áudio e vídeo e através da participação em diversos eventos, bem como de entrevistas realizadas conforme o roteiro no anexo seis (6). Para o estudo das díades familiares escolhemos seis famílias caracterizadas pelo fato de terem, pelo menos, um dos membros nascido na Pomerânia. Como veremos a seguir uma das famílias contrasta com as demais pelo fato da língua portuguesa ser a língua dominante das relações familiares. Na verdade são cinco famílias que representam o modelo familiar típico pomerano. A partir de nossas observações podemos considerar típicas as famílias em que todos os membros são de origem pomerana. Para finalizar o capítulo, observaremos que a família 6 pode ser considerada não típica porque inclui um membro de origem não pomerana. Na verdade é o único caso existente na comunidade.

5.1.- UMA OBSERVAÇÃO SOBRE “DOMÍNIO LINGUÍSTICO”

Segundo FISHMAN (1971) o conceito de domínio foi elaborado nos anos 30 pelo linguísta alemão Schimidt-Rohr, para descrever comunidades de fala bilingues. FISHMAN (1971), estudou a manutenção e mudança linguística em comunidades de fala de colonos alemães que moravam em comunidades multilíngues, fora da Alemanha, antes da Segunda Guerra Mundial.

FISHMAN (1971), retomou este conceito em seus trabalhos, especialmente no artigo “The relationship between Micro - and Macro - sociolinguistics in the study of who speaks what language to whom and when”, publicado na coletânea de artigos “Bilingualism in the Barrio”(1971). A definição de FISHMAN sobre domínio linguístico, transcrevemos a seguir:

“Domains are defined, regardless to their number, in terms of institucional contexts and their congruent behavioral co-occurrences. They attempt to summate the major clusters of interaction that occur in clusters of multilingual settings and involving clusters of interlocutors”.

(FISHMAN, 1971: 586)

Pela definição de FISHMAN (1971), é que podemos contrastar a língua de um subgrupo - no caso desta Dissertação, os imigrantes pomeranos e seus descendentes -

com aquela do grupo dominante, representado pela sociedade regional envolvente.

Neste capítulo, pretendemos determinar os usos das interações verbais entre pessoas da mesma comunidade étnica, nos domínios públicos e privados.

Com relação à comunidade pomerana distinguimos dois grandes domínios para o uso das línguas portuguesa e pomerana: **o domínio público e o domínio privado**.

Entendemos como:

- **Domínio privado** - as interações verbais ocorridas nas relações familiares;
- **Domínio público** - as interações verbais ocorridas fora do núcleo familiar.

Esta nossa colocação tem por base o trabalho de FISHMAN (1971), que nos orienta:

“A domain is a grouping together of recurring situation types in such a way that one of the languages or varieties in a repertoire, as opposed to the others, normally occurs in that class of situation. And members of the speech community judge that the use of that variety, and not the others, is appropriate to that domain.”

(FISHMAN, 1971)

Com relação aos domínios, vale também apontar as questões apresentadas por DOWNES (1984), que trabalhando com os domínios de uso da linguagem nos orienta dizendo:

“The number and nature of the domain in any given society are determined by what is necessary for an account of the distribution of the varieties within the society. Now imagine an analyst who is observing individual interactions in some context. He notes that a certain participant switches between the varieties in the community’s repertoire. The source of puzzlement is. “Why did he switch”if the classes of situation in which each variety normally appears, and is adjudged to be appropriate, is known, then individual switching is explicable and interpretable in these terms.

**The 'domain Analysis' explains
the individual switching in
terms of the overall social
distribution of the varieties.
(“DOWNES WILLIAM, 1984: 49)**

DOWNES (1984), não descreve apenas o uso individual da linguagem em um determinado domínio, mas também nos fala do significado social das variedades linguísticas usadas nesses domínios.

“...But the allocation of varieties to domain also involves the social meaning of the variety. This is the set of values which the variety itself encodes or symbolizes, and which its use communicates. The notion is very important in sociolinguistics, and we will be coming back to it again and again. Any human group or community can in one sense be defined as

a communication network. It follows that the variety of languages employed by that network for its various functions will 'take on' and thus conventionally convey the meaning - X conveys the social identity of the group. This identity also entails not only the "who we are" of the group, but the system of values, beliefs and patterns of culture which are part of 'who we are'."

(DOWNES, 1984: 51)

Para esclarecermos melhor o que ocorre nos domínios de usos da língua pomerana, nos parece relevante citar DOWNES (1984), novamente, quando ele se refere à mudança de código:

"... But there is a difficulty in applying this sort of explanation alone to social facts; for the collective phenomenon is made up of

regularities which are individual choices. More on this later, but at this stage, it must be noted that 'a type of social situation' is a complex idea, and one part of it is that the choice of the variety is part of the definition of the situation itself. This means that in choosing a give code, a speaker can be enacting an intention to redefine the situation in wich they are participating. He may be saying, "I want what we are doing to count as an instance of a given situation". In other words, the choice of code can be tactical. This depends, in turn, on the larger social norm of appropriateness of variey to situation type."

(DOWNES, 1984: 63)

5.2.- OS USOS LINGUÍSTICOS NOS DOMÍNIOS PRIVADOS

Como dissemos anteriormente, chamamos de domínios privados as relações ocorridas no círculo familiar. FISHMAN (1972) considera que a observação das relações familiares são relevantes para a compreensão de comunidades bilíngues. Segundo FISHMAN (1972):

“Multilingualism often begins in the family domain and depends upon it for encouragement if not protection. In other cases, multilingualism withdraws into the family domain after it has been displaced from other domains in which it was previously encountered.”

(Fishman, 1972: 587)

Segundo FISHMAN (1972), a descrição de díades dentro do núcleo familiar leva o pesquisador a uma descrição minuciosa do comportamento linguístico familiar. Díades dentro da família, são, por exemplo, avô com avó, pai com filho, avô com neto, etc.

Este método, segundo FISHMAN (1972):

“... not only recognizes that interacting members of a family (like the participants in

most other domains of language behavior) are hearers as well as speakers i.e. that there may be a distinction between multilingual comprehension and multilingual production), but it also recognizes that their language behavior may be not merely a matter of individual preference or facility but also a matter of relation.”

(FISHMAN, 1972: 588)

Assim sendo, a descrição do comportamento linguístico dentro de núcleos familiares através de estabelecimento de díades possibilita que se observem as escolhas que cada falante faz quando interage com diferentes membros da família.

Para observar e analisar adequadamente a questão dos usos linguísticos nas relações familiares da comunidade dos pomeranos de Espigão D'Oeste-RO, é preciso retomar alguns dados da história dessa comunidade. No capítulo 3, vimos que os membros da comunidade de Espigão D'Oeste viveram no Espírito Santo um processo migratório interno, sempre em busca de pessoas da mesma origem. Nesse processo de migração, por permanecerem sempre entre iguais, permaneceram isolados da sociedade brasileira. No Espírito Santo não frequentaram escolas, nem sofreram a ação da Igreja Luterana atual, voltada para o português. De um modo geral, viviam em isolamento geográfico e lingüís-

tico, o que garantia o predomínio exclusivo da língua pomerana.

A comunidade de pomeranos de Espigão D'Oeste apresenta uma situação diferente da observada anteriormente. Depois de tantas migrações, os integrantes da comunidade de Espigão D'Oeste passaram a viver uma situação de estabilidade em que o contato com a sociedade envolvente tornou-se constante. Nesse sentido as relações de comércio, econômicas, pessoais, a escola provocaram alterações relevantes nos núcleos familiares. Concretamente, o português e a realidade da vida brasileira tornaram-se parte integrante da vida da comunidade.

Nossas leituras nos deram o conhecimento de que, no Espírito Santo, o uso da língua pomerana trouxe problemas a esse povo e, muitas vezes, comprovou-se a recusa em usar a língua portuguesa. Segundo ROCHE (1968):

“... nas colônias fundadas no tempo do Império, centros importantes hoje em dia, o governo do Espírito Santo vê se reproduzirem os mesmos fatos observados nas colônias de Santa Catarina. Localidades inteiras ignoram completamente a Língua Portuguesa e embora a maior parte dos habitantes tenha nascido no Brasil, no próprio Estado, conservaram seus usos e costu-

**mes, sua religião, sua língua e
as tradições de seus pais de
origem.”**

(ROCHE, 1968: 280)

Como comprovação dessa situação temos o relato de uma informante com cerca de oitenta anos de idade:

**“... em Mata fria (ES) todo
mundo só fala pomerano. O
português é falado aqui por
causa da escola.”**

(Depoimento).

Pelos dados coletados, podemos afirmar que há uma espécie de saudosismo, por parte dos mais velhos, da época em que só falavam e só ouviam a língua pomerana.

Confirmando os depoimentos de nossos informantes, TRESSMAN (1985), declara que:

**“... numa festa da Igreja em
Alto Limoeiro, a língua
empregada nos leilões por
todos os colonos é o
pomerano; entre Jequitibá e
Jetibá encontramos um mulato**

que falava pomerano, e cujo caso mereceria, por si só, longa referência: foi ele um dos raros roceiros que ouvimos defender o vendeiro e até mesmo fazer-lhe uma espécie de elogio; não era ele, ademais, marido da professora de Jetibá? Em zona de terra quente, entretanto, de Vinte e Cinco de Julho a Laranja da Terra, do sul ao norte do Rio Doce, em Lajinha como em Pavão, encontramos colonos que não sabem nem mesmo o que é língua portuguesa. Que poderíamos então concluir?"

(TRESSMAN, 1985: 112)

Procuraremos, agora, fazer uma descrição dos usos da língua pomerana e da língua portuguesa nos domínios que denominamos privados. Realizamos nossas observações e colhemos questionários, além das gravações, em outras cinco famílias, além daquelas dez das quais tivéramos o perfil enquanto habitantes da zona rural de Espigão D'Oeste. Seguimos sempre a orientação de FISHMAN (1971) na questão dos estudos das diádes

familiares.

5.3.-O ESTUDO DAS DÍADES FAMILIARES

Para a observação das díades familiares estudadas, apresentaremos o perfil de cada família, representada pela história linguística pessoal de cada membro. Em seguida apresentaremos o quadro das interações verbais que os membros de cada família mantêm entre si. Para efeito de identificação, cada família recebeu um número (no caso de 1 a 6), e seus membros são representados por suas iniciais. Utilizaremos os símbolos abaixo:

Pom - língua pomerana;

Por - língua portuguesa;

Pom > Por - domínio da língua pomerana;

Por > Pom - domínio da língua portuguesa;

Por-Pom - indicativo de “code-switching”;

Pom/Por - uso equilibrado

FAMÍLIA 1

F.K. - 85 anos, viúvo, aposentado pelo Sindicato Rural, nasceu na Pomerânia e tem como língua materna o pomerano. Foi agricultor juntamente com seus pais e com a idade de 19 anos e imigrou para o Brasil, para o Espírito Santo. Realizou treze imigrações dentro do Espírito Santo e sempre trabalhou como colono. Casou-se no Espírito Santo com uma pomerana. Está aprendendo português com os netos que estão na escola em

Espigão D'Oeste. Não frequentou escola. Não conseguiu ser proprietário de terra.

R.K. - 50 anos, casado, filho de F.K., nasceu em Vila Pavão no Espírito Santo e tem como língua materna o pomerano. Sempre acompanhou o pai nos processos migratórios. Hoje é proprietário de uma pequena área de terras em Espigão D'Oeste. Não frequentou escola e sempre foi agricultor junto com sua família. Casou-se no Espírito Santo também com uma pomerana. Aprendeu português para tratar de negócios. Mandou os filhos para a escola logo que abriu escola na zona rural de Espigão D'Oeste. Fala pouco português, mas nas suas interações verbais diárias usa tanto a língua pomerana como também a língua portuguesa.

K.A. - 40 anos, casada com R.K., dona de casa, nasceu e cresceu em Vila Pavão no Espírito Santo e tem como língua materna o pomerano. Não frequentou escola. Há dois anos está aprendendo português nas reuniões específicas de mulheres que ocorrem na Igreja mas, dependendo do interlocutor, faz uso das duas línguas, apesar de não ter fluência na língua portuguesa.

H.K. - 13 anos, neta de F.K., solteira, nasceu em Espigão D'Oeste e tem como língua materna o pomerano. Aprendeu português desde que começou a frequentar a escola aos 7 anos de idade. Foi reprovada durante 3 anos na 1ª série do 1º grau. Está hoje na 4ª série. Não gosta de dizer que fala a língua pomerana, mas nossas gravações provam que H.K. faz uso das duas línguas em questão.

K.K. - 10 anos, neta de F.K., nasceu em Espigão D'Oeste. Aprendeu português quando entrou na escola mas já “sabia um pouquinho”, segundo ela, que aprendera com a irmã. Está na 1ª série do 1º grau desde os 7 anos, mas já fala português fluentemente. Nas suas atividades diárias usa tanto a língua pomerana quanto a língua portuguesa, dependendo do interlocutor.

Na família 1 observamos as seguintes díades familiares:

- F.K./R.K. (pai/filho);
- F.K./K.A. (sogro/nora),
- F.K./H.K./K.K. (avô/neta/neta);
- R.K./K.A. (esposo/esposa);
- R.K./H.K./K.K. (pai/filha/filha);
- K.A./H.K./K.K. (mãe, filha, filha);
- H.K./K.K. (irmã/irmã).

A língua pomerana domina nas interações entre F.K. (avó, pai, sogro) e todos os outros membros da família 1; a língua pomerana domina também nas situações de comunicação entre R.K. e K.A. (esposo/esposa). Já nas interações verbais entre R.K. e K.A. com suas filhas K.K. e H.K. (irmã/irmã), o português entra através de mudanças de códigos nestas díades familiares.

A língua pomerana perde a sua posição dominante nas situações comunicativas entre os membros de 13 e 10 anos de idade. A descrição fornecida para a díade H.K. e K.K. (irmã/irmã) mostra que elas preferem interagir entre si em português e que a língua pomerana entra somente através de situações de mudança de código.

Com base nos dados acima apresentamos o seguinte quadro:

FAMÍLIA 1 - QUADRO 1

	F.K.	R.K.	K.A.	H.K.	K.K.
F.K.	/	Pom	Pom	Pom	Pom
R.K.	Pom	/	Pom	Pom-Por	Pom-Por
K.A.	Pom	Pom	/	Pom-Por	Pom-Por
H.K.	Pom	Pom	Pom-Por	/	Pom-Por
K.K.	Pom	Pom-Por	Pom-Por	Pom/Por	/

FAMÍLIA 2

T.L. - 50 anos, nasceu na Pomerânia e veio para o Espírito Santo e lá realizou 8 processos de migração interna; sempre foi colono e tem como língua nativa o pomerano. Não frequentou escola. Casou-se no Espírito Santo com uma prima-irmã que também tem o pomerano como língua materna. Mudou-se para Rondônia há 10 anos e hoje é pequeno proprietário. Está aprendendo português com os filhos que estão na escola e nas relações comerciais que mantém na zona urbana. Em suas interações verbais com os membros da família prefere usar a língua pomerana, pois, segundo ele, tem domínio precário em língua portuguesa

S.L.- 45 anos, nasceu no Espírito Santo, tem como língua materna o pomerano, casada com T.L., dona de casa e também trabalha muito na roça. Nunca foi à cidade, não assiste à televisão e sabe poucas palavras em português. Não frequentou escola.

K.L. - Filha de T.L. e S.L., 20 anos, solteira, nunca frequentou a escola. Sua língua materna é o pomerano. Trabalha muito com a mãe na roça e também nunca vai à cidade. Sabe um pouco de português que está aprendendo com os irmãos, mas nas suas interações verbais utiliza somente pomerano.

M.L. - 19 anos, solteiro, irmão de K.L., nasceu no Espírito Santo e sua língua materna é o pomerano. Sempre acompanha o pai nos negócios da cidade. Está aprendendo português com os irmãos menores e com os colegas das reuniões de grupos de jovens da Igreja. Com a família utiliza apenas a língua pomerana em suas interações verbais.

B.L. - 17 anos, nasceu no Espírito Santo, irmão de M.L., sua língua materna é o pomerano, começou a aprender a língua portuguesa com 13 anos de idade quando entrou na escola da zona rural de Espigão D'Oeste. Trabalha na roça após ou antes das aulas semanais e não tem muito tempo para sair com amigos. É ele quem se ocupa dos negócios da roça na zona rural e dá mais assistência à mãe e às irmãs, pois o pai e o outro irmão sempre precisam ir à cidade. Em suas interações verbais prefere a língua pomerana.

J.L. - 15 anos, solteira, nunca frequentou a escola. Tem como língua materna o pomerano. Trabalha na roça com os irmãos e auxilia a mãe nos trabalhos da casa nos finais de semana. Está aprendendo a língua portuguesa com os irmãos, mas em suas interações verbais utiliza sempre a língua pomerana.

W.L. - 13 anos, solteira, entrou na escola com 7 anos mas ainda está na 1ª série do 1º grau. W.L. gosta da escola e das brincadeiras das aulas educacionais na Igreja. Ela diz gostar muito de falar português mas só o faz quando está longe do pai e próxima dos irmãos mais novos. Não sai nunca da zona rural. Sua língua materna é o pomerano. Em suas interações verbais utiliza a língua portuguesa com pessoas de sua idade, mas com os membros de sua família muda do português para o pomerano ou vice-versa dependendo de com quem está interagindo verbalmente.

L.L. - 10 anos, irmão de W.L., está na escola junto com a irmã e há três anos está na 1ª série, mas, segundo ele, é mais inteligente que ela porque já saber ler e escrever um pouco em português. A língua materna de L.L. é o pomerano. L.L. utiliza tanto a língua portuguesa quanto a língua pomerana em suas interações verbais, dependendo do interlocutor na família.

N.L. - 7 anos, está na 1ª série do 1º grau juntamente com seus irmãos W.L. e L.L. mas já fala um pouco de português que havia aprendido com os irmãos, antes de entrar na escola, mas N.L. prefere sempre falar a língua pomerana em suas interações verbais com os membros da família. Com o pai e com a mãe sempre interage na língua pomerana.

Na família 2 observamos as seguintes díades familiares:

- T.L./S.L. (esposo/esposa),
- T.L./K.L./M.L./B.L./J.L./W.L./L.L./M.L. (pai/filha/filho/filho/filha/filha/filho/filha);
- S.L./K.L./M.L./B.L./J.L./W.L./L.L./N.L. (mãe/filha/filho/filho/filha/filha/filho/filha);
- K.L./M.L./B.L./L.L. (irmã/irmão/irmão/irmão);
- K.L./J.L./W.L./N.L. (irmã/irmã/irmã/irmã).

O Estudo a respeito da família 2 nos aponta que a língua pomerana tem domínio predominante nesse núcleo familiar. Podemos observar também que nesta família as crianças que frequentam a escola é que estão introduzindo a língua portuguesa com mais força no núcleo familiar, pois, apesar do pai e do irmão M.L., que não frequentaram a escola, terem aprendido a língua portuguesa em suas relações extra-familiares, tal aprendizado não alcançou a maioria dos membros da família. A língua pomerana tem domínio nesse núcleo familiar.

Apesar do domínio da língua pomerana nas díades familiares descritas podemos observar que a língua portuguesa é bastante preferida nas seguintes díades: W.L./L.L./N.L.; estes irmãos interagem entre si usando ambas as línguas, português e pomerano.

O estudo das díades familiares na família 2, nos aponta o seguinte quadro:

FAMÍLIA 2 - QUADRO 2

	T.L.	S.L.	K.L.	M.L.	B.L.	J.L.	W.L.	L.L.	N.L.
T.L.	Pom	Pom	Pom	Pom	Pom	Pom	Pom	Pom	Pom
S.L.	Pom	/	Pom	Pom	Pom	Pom	Pom	Pom	Pom
K.L.	Pom	Pom	/	Pom	Pom	Pom	Pom	Pom	Pom
M.L.	Pom	Pom	Pom	/	Pom	Pom	Pom	Pom>Por	Pom>Por
B.L.	Pom	Pom	Pom	Pom	/	Pom>Por	Pom>Por	Pom>Por	Pom>Por
J.L.	Pom	Pom	Pom	Pom	Pom	/	Pom>Por	Pom>Por	Pom>Por
W.L.	Pom	Pom	Pom	Pom	Pom	Pom>Por	/	Pom>Por	Pom>Por
L.L.	Pom	Pom	Pom	Pom	Pom>Por	Pom>Por	Pom>Por	/	Pom>Por
N.L.	Pom	Pom	Pom	Pom>Por	Pom>Por	Pom>Por	Pom>Por	Pom>Por	/

FAMÍLIA 3

W.C. - 80 anos, viúvo, proprietário de uma pequena área de terras, nasceu na Pomerânia e tem o pomerano como língua materna. Ele diz ter aprendido Alemão com seus antepassados, mas de fato só sabe orações em alemão. Emigrou dezoito vezes no Espírito Santo e cinco vezes em Rondônia, onde ficou viúvo. Chegou ao Brasil com 18 anos e casou-se com uma mulher que também era imigrante. Não sabe falar português. Não frequentou escola.

W.I.C.-50 anos, filho de W.C., casado, colono, nasceu no Espírito Santo e sempre acompanhou o pai nos processos de migração. Não frequentou escola. Aprendeu português com os contatos frequentes fora da zona rural, vendendo produtos agrícolas na zona urbana e cuidando da área financeira da família em instituições da cidade. Sempre cuidou dos negócios do pai e nessas ocasiões usa a língua portuguesa.

I.C. - 45 anos, casada com W.I.C., é dona de casa e trabalha na roça. Nasceu no Espírito Santo e tem como língua materna o pomerano. Não frequentou escola. Está aprendendo português com os filhos que estão na escola. Só vai à cidade duas vezes por ano, quando acompanha o marido nas compras de épocas de colheita. Tem pouca fluência em língua portuguesa.

H.C. - 22 anos, solteiro, colono, neto de W.C., nasceu no Espírito Santo e tem o pomerano como língua materna. Está aprendendo português com os irmãos menores que estão na escola e com os rapazes de sua faixa etária que cuidam dos negócios do pai fora da zona rural. Acompanha sempre o pai nos contatos fora da Linha Figueira e nos fins de semana sai para passear com outros jovens da Igreja, frequentando outras linhas da zona

rural ou amigos da zona urbana. Tem uma certa fluência em português.

N.C. - 20 anos, solteiro, colono, neto de W.C., nasceu no Espírito Santo e sua língua materna é o pomerano. Sempre acompanhou os pais nas imigrações. Está aprendendo português com os irmãos mais novos que estão na escola e nas reuniões com jovens na Igreja. Não frequentou escola. Aos fins de semana sai com amigos para outras linhas da zona rural ou para a zona urbana. Tem certa fluência em português.

N.O.C. - 18 anos, neto de W.C., solteiro, colono, nasceu no Espírito Santo e tem como língua materna o pomerano. Sempre acompanhou os pais nas emigrações. Está aprendendo português com os irmãos e os amigos de sua faixa etária. Participa das reuniões de jovens na Igreja. Tem certa fluência em português.

M.C. - 15 anos, neta de W.C., solteira, colona, ajuda o pai a vender verduras na feira na zona urbana. Nasceu em Espigão D'Oeste. A língua materna é o pomerano. Aprendeu português quando entrou na escola aos 7 anos de idade. É a pessoa que tem o melhor domínio do português nesse núcleo familiar, sendo ela quem escreve as cartas em português solicitadas pelos membros da família. Está terminando a 4ª série do primeiro grau.

Na família 3 foram observadas as seguintes díades:

- W.C./W.I.C./ (pai/filho);

- W.C./ W.C./N.C./N.O.C./M.C. (avô/neto/neto/neto/neta);

- W.C./I.C./ (sogro/nora);
- W.I.C./I.C. (esposo/esposa);
- W.I.C./W.C./N.C./N.O.C./M.C. (pai/filho/filho/filho/filha);
- I.C./H.C./N.C./N.O.C./M.C. (Mãe/filho/filho/filho/filha);
- I.C./M.C. (mãe/filha).

No estudo das díades familiares observamos que a língua pomerana domina em quase todas as situações de interação verbal nesta família. O único membro que observamos várias vezes mudar do pomerano para o português é M.C., e é ela também que recebe, mas nem sempre, resposta em português.

O estudo das díades na família 3 nos aponta o seguinte quadro:

FAMÍLIA 3 - QUADRO 3

	W.C.	W.I.C.	I.C.	H.C.	N.C.	N.O.C.	M.C.
W.C.	/	Pom	Pom	Pom	Pom	Pom	Pom
W.I.C.	Pom	/	Pom	Pom	Pom	Pom	Pom>Por
I.C.	Pom	Pom	/	Pom	Pom	Pom	Pom
H.C.	Pom	Pom	Pom	/	Pom	Pom	Pom>Por
N.O.C.	Pom	Pom	Pom	Pom	Pom	/	Pom>Por
M.C.	Pom	Pom>Por	Pom	Pom>Por	Pom>Por	Pom>Por	/
N.C.	Pom	Pom	Pom	Pom	/	Pom	Pom>Por

FAMÍLIA 4

W.C.D.- 70 anos, viúvo, proprietário de uma pequena área de terras, nasceu na Pomerânia e tem o pomerano como língua materna. Aprendeu Alemão com seus antepassados; só

sabe orações em alemão. Emigrou quinze vezes no Espírito Santo e seis vezes em Rondônia, onde ficou viúvo. Imigrou para o Brasil quando tinha 15 anos e casou-se com uma mulher que também era imigrante. Não sabe falar português. Não frequentou escola.

A.D. - 45 anos, casado, colono, nasceu no Espírito Santo e tem como língua materna o pomerano. Tanto no Espírito Santo como em Rondônia, sempre teve contatos com a zona urbana por causa dos negócios. A língua usada nessas interações verbais que acontecem fora da zona rural, é a língua portuguesa.

I.D. - 39 anos, casada com A.D., dona de casa, colona, nasceu no Espírito Santo e lá frequentou escola na zona urbana, onde foi trabalhar numa casa de família brasileira, e também onde conheceu seu marido. Sua língua materna é o pomerano. Tem o 1º grau incompleto. Não tem muitos contatos com a zona urbana atualmente, mas assiste frequentemente às telenovelas. O contato com a língua portuguesa se estabelece, ao que tudo indica, através desse meio de comunicação e com os filhos que estão na escola.

V.D. - 15 anos, filho de A.D. e I.D., aluno da 6ª série de uma escola pública próxima à zona urbana. Nasceu em Espigão D'Oeste. Aprendeu um pouco da fala de língua portuguesa com a mãe e completou este aprendizado quando entrou na escola aos 7 anos de idade. Tem contatos frequentes com a língua portuguesa porque continua a frequentar a escola próxima à zona urbana. Sua língua materna é o pomerano.

E.D. - 13 anos, irmão de V.D., aluno da 4ª série do 1º grau, nasceu em Espigão D'Oeste e aprendeu, também, português com a mãe e com a escola que passou a frequentar aos

sete anos de idade. Tem contatos frequentes com a língua portuguesa porque frequenta a escola. Sua língua materna é o pomerano.

B.D.- 7 anos, irmão de V.D. e E.D., nasceu em Espigão D'Oeste e aprendeu português com a mãe e com os irmãos; agora está em plena aquisição da língua nacional cursando a 1ª série do 1º grau da zona rural.

Na família 4 foram observadas as seguintes díades:

- W.C.D./A.D. (pai/filho);
- W.C.D./I.D. (sogro/nora);
- W.C.D./V.D./E.D./B.D. (avô/neto/neto/neto);
- A.D./I.D. (esposo/esposa);
- A.D./V.D./E.D./B.D. (pai/filhos);
- I.D./V.D./E.D./B.D. (mãe/filhos);
- V.D./E.D./B.D. (irmão/irmão/irmão).

O estudo das díades na família 4 nos aponta que a língua pomerana domina claramente nas interações entre W.C.D. (pai e avô) e os demais membros desta família. A língua pomerana domina também nas situações comunicativas entre A.D. e I.D.(esposo/esposa) com os filhos V.D., E.D. e B.D., (filho/filho/filho) e que são esses jovens que introduzem a língua portuguesa no núcleo familiar. Os jovens usam a língua pomerana quando interagem com os membros mais velhos e usam predominantemente, também, a língua pomerana nas interações verbais com seus pais, mas há momentos em

que a língua portuguesa entra através de mudanças de código. Quando essas crianças interagem entre si, elas usam tanto a língua pomerana como a língua portuguesa.

O estudo das díades na família 4 nos aponta o quadro abaixo:

FAMÍLIA 4 - QUADRO 4

	W.C.D.	A.D.	I.D.	V.D.	E.D.	B.D.
W.C.D.	/	Pom	Pom	Pom	Pom	Pom
A.D.	Pom	/	Pom	Pom>Por	Pom>Por	Pom>Por
I.D.	Pom	Pom	/	Pom>Por	Pom>Por	Pom>Por
V.D.	Pom	Pom>Por	Pom>Por	/	Pom/Por	Pom/Por
E.D.	Pom	Pom>Por	Pom>Por	Pom/Por	/	Pom/Por
B.D.	Pom	Pom>Por	Pom>Por	Pom/Por	Pom/Por	/

FAMÍLIA 5

T.W. - 80 anos, viúvo, nasceu na Pomerânia e tem como língua materna o pomerano. Veio para o Espírito Santo com 14 anos de idade acompanhando os pais e aos 20 anos casou com uma pomerana. Realizou dezoito migrações no Espírito Santo. Sempre trabalhou como colono até vir para Rondônia onde ganhou terras do INCRA. Não frequentou escola. Prefere falar pomerano em suas interações verbais e está aprendendo algumas palavras do português com os netos que frequentam a escola.

R.W. - 53 anos, filho de T.W., trabalha nas terras do pai. Nasceu no Espírito Santo. Tem como língua materna o pomerano. Não frequentou escola. Sempre acompanhou o pai nos

processos migratórios. Casou no Espírito Santo com uma filha de pomeranos. Aprendeu português nas relações comerciais e de negócios. Prefere falar pomerano com sua família.

J.W. - 52 anos, dona de casa, nasceu no Espírito Santo. Casada com R.W. Tem como língua materna o pomerano. Está aprendendo português com os filhos que estão na escola, mas prefere interagir em pomerano com os membros de sua família.

Z.W. - 30 anos, filho de R.W. e J.W., solteiro, nasceu no Espírito Santo, tem como língua materna o pomerano. Não frequentou escola porque sempre teve que trabalhar para o pai. Por não acompanhar o pai nos negócios da cidade sempre ficou na roça. Sabe poucas palavras em português.

D.W. - 28 anos, irmã de Z.W., solteira, nasceu no Espírito Santo. Tem como língua materna o pomerano. Não frequentou escola e sempre trabalhou na roça com o irmão Z.W. Sabe poucas palavras em português.

F.W. - 25 anos, solteira, nasceu no Espírito Santo, irmã de D.W. e Z.W. Não frequentou escola. Tem como língua materna o pomerano. Sempre trabalhou na roça com os irmãos. Está aprendendo língua portuguesa com os irmãos que estão na escola.

H.W.- 20 anos, solteira, nasceu no Espírito Santo e sempre trabalhou na roça com os irmãos mais velhos. Têm como língua materna o pomerano. Não frequentou escola. Acha a língua portuguesa muito bonita. Está aprendendo português com os irmãos que estão na escola. Usa a língua pomerana com os irmãos mais velhos e com os pais, mas prefere interagir em português com os membros mais jovens da família.

P.W.- 18 anos, solteiro. Nasceu no Espírito Santo. Estudou as três primeiras séries do 1º grau na zona rural de Espigão D'Oeste. Costuma acompanhar o pai nos negócios da cidade. Tem como língua materna o pomerano, mas prefere interagir em língua portuguesa.

K.W.- 16 anos, solteiro, nasceu no Espírito Santo e tem como língua materna o pomerano. Estuda a 4ª série do 1º grau na zona rural de Espigão D'Oeste e ajuda os irmãos nos trabalhos da roça. Fala português fluentemente e prefere interagir nessa língua com os irmãos e com as pessoas das suas relações de amizade.

M.W.- 13 anos, solteiro, nasceu em Espigão D'Oeste. Está estudando a 2ª série do 1º grau. Tem como língua materna o pomerano. Diz que não sabe falar pomerano, mas é nessa língua que interage com seus pais e com os irmãos J.W., Z.W. e D.W. Prefere usar a língua portuguesa em suas interações verbais.

I.W. - 11 anos, solteiro, nasceu em Espigão D'Oeste, estuda a 1ª série do 1º grau na escola da zona rural de Espigão D'Oeste. Participa de todas as brincadeiras e festividades promovidas pela escola e pela Igreja. Diz que não sabe falar pomerano, mas nossa observação detectou que é nessa língua que ele interage com seus pais, com o avô e com os irmãos Z.W., D.W. e F.W. Prefere usar a língua portuguesa em suas interações verbais.

Nossos dados apontam que na família 5 predomina o uso da língua pomerana nas díades familiares:

- T.W./R.W. (pai/filho);
- T.W./J.W. (sogro/nora);
- T.W./Z.W./D.W./F.W./H.W./P.W./K.W./M.W./I.W. (avô/netos);
- R.W./J.W. (esposo/esposa);
- R.W./Z.W./D.W./F.W./H.W./P.W./K.W./M.W./I.W. (pai/filhos);
- J.W./Z.W./D.W./F.W./H.W./P.W./K.W./M.W./I.W. (mãe/filhos);
- Z.W./D.W./F.W./H.W./P.W./K.W./M.W./I.W. (irmão/irmã/
irmã/irmã/irmão/irmão/irmão/irmã),
- Z.W./D.W./F.W./H.W. (irmão/irmãs);
- P.W./K.W./M.W./I.W. (irmão/irmão/irmão/irmã).

O estudo das díades na família 5 nos mostra que a língua pomerana é a língua do domínio familiar. Observamos que a idade e a escolaridade são variáveis relevantes no uso alternado das línguas portuguesa e pomerana nesta família.

As díades observadas na família 5 nos apontam o quadro abaixo:

FAMÍLIA 5 - QUADRO 5

	T.W	R.W	J.W.	Z.W	D.W	F.W.	H.W.	P.W.	K.W.	M.W.	I.W.
T.W.	/	Pom	Pom	Pom	Pom	Pom	Pom	Pom	Pom	Pom	Pom
R.W.	Pom	/	Pom	Pom	Pom	Pom	Pom	Pom	Pom	Pom	Pom
J.W.	Pom	Pom	/	Pom	Pom	Pom	Pom	Pom	Pom	Pom	Pom
Z.W.	Pom	Pom	Pom	/	Pom	Pom	Pom	Pom	Pom	Pom	Pom
D.W.	Pom	Pom	Pom	Pom	/	Pom	Pom	Pom	Pom	Pom	Pom
F.W.	Pom	Pom	Pom	Pom	Pom	/	Pom	Pom	Pom	Pom	Pom
H.W.	Pom	Pom	Pom	Pom	Pom	Pom	/	Pom>Por	Pom>Por	Pom>Por	Pom>Por
P.W.	Pom	Pom	Pom	Pom	Pom	Pom	Pom>Por	/	Pom>Por	Pom>Por	Pom>Por
K.W.	Pom	Pom	Pom	Pom	Pom	Pom	Pom>Por	Pom>Por	/	Pom>Por	Pom>Por
M.W	Pom	Pom	Pom	Pom	Pom	Pom>Por	Pom>Por	Pom>Por	Pom/Por	/	Pom/Por
I.W.	Pom	Pom	Pom	Pom	Pom	Pom	Pom/Por	Pom/Por	Pom/Por	Pom/Por	/

FAMÍLIA 6

R.B. - 75 anos, casado, aposentado pelo Sindicato Rural de Espigão D'Oeste, nasceu na Pomerânia e tem como língua materna o pomerano. Aprendeu um pouco de alemão antes de emigrar para o Brasil, mas hoje sabe apenas algumas orações em alemão. Emigrou para o Brasil com 15 anos de idade. Sempre trabalhou como colono no interior do Espírito Santo e nessa época realizou 15 migrações internas. Começou a aprender o português quando tinha 30 anos, com o objetivo de realizar negócios e compra de terras no Espírito Santo. Tornou-se proprietário lá, mas depois vendeu tudo e emigrou para Rondônia. Em Rondônia, realizou quatro migrações internas e depois adquiriu terras na zona rural de

Espigão D'Oeste, através de doação do INCRA. Não frequentou escola. Nas suas interações verbais prefere falar pomerano. Fala português com membros da família que não sabem falar pomerano.

D.B. - 78 anos, casada com R.B., dona de casa. Nasceu na Pomerânia, mas veio para o Brasil com dois anos de idade. Sua língua materna é o pomerano. Não frequentou escola. Sabe algumas palavras do português que aprendeu com os irmãos quando era criança. Sempre acompanhou o marido nas suas emigrações. Prefere dizer que não sabe nada de português e usa a língua pomerana em suas interações verbais.

M.B.- 40 anos, casada, dona de casa, filha de R.B. e D.B., nasceu na zona rural de Espírito Santo. Não frequentou escola. Tem o pomerano como língua materna e aprendeu português com os irmãos e com uma empregada que a família teve durante algum tempo. No seu dia a dia fala as duas línguas. A escolha sempre se dá em relação ao interlocutor.

C.B.- 40 anos, marido de M.B., nasceu em Vitória, no Espírito Santo. Sua língua materna é o português. (A mãe era brasileira e o pai descendente de alemães. Frequentou escola no Espírito Santo durante 3 anos. Aprendeu alemão como segunda língua na idade de 13 anos, quando foi trabalhar como ajudante na casa de colonos alemães na zona rural do Espírito Santo. Ali aprendeu também o pomerano com os outros ajudantes da família proprietária, época em que conheceu M.B.. Sempre emigrou junto com a esposa e os sogros. Não possui terras. Trabalha com o sogro. Usa somente português nas suas interações verbais.

L.B. - 18 anos, neta de R.B. e D.B., nasceu na zona rural do Espírito Santo e tem como língua materna o pomerano. Aprendeu português quando veio para Rondônia; hoje não fala pomerano e apenas entende. Saiu de casa para morar com brasileiros quando tinha 10 anos. Hoje está na cidade estudando o curso de magistério. Só usa português em suas interações verbais.

B.B.- 12 anos, neto de R.B. e D.B., nasceu na zona rural de Espigão D'Oeste. Aprendeu pomerano com a mãe e os avós, porém exibe um conhecimento passivo dessa língua. Aluno da 4ª série primária, só usa português em suas interações verbais.

S.B. - 8 anos, neto de R.B. e D.B., entende pomerano mas só usa português em suas interações verbais. Ele diz achar engraçado falar pomerano. Está na 1ª série da escola da zona rural.

A família 6 é uma família atípica entre os informantes. No estudo das diades nesse núcleo familiar observamos o que se segue:

- R.B./D.B. (esposo/esposa),
- R.B./M.B. (pai/filha),
- D.B./M.B. (mãe/filha),
- R.B./L.B./B.B./S.B. (avô/neta/neto/neto),
- D.B./C.B. (sogra/genro),
- D.B./L.B./B.B./S.B. (avó/neta/neto/neto),
- M.B./C.B. (esposa/esposo),

Examinando as famílias de 1 a 5, podemos observar que os usos linguísticos nas díades familiares estão relacionados aos grupos etários nos quais os representantes das díades estão inseridos. Assim sendo é possível apontar que:

- Na díade avôs e netos - que envolve a relação entre idosos e jovens, incluídas as crianças - prevalece o uso da língua pomerana;
- Na díade pais e filhos - quando envolve adultos e idosos - prevalece o uso do pomerano;
- Quando envolve a relação entre adultos e jovens, incluídas as crianças - as duas línguas, português e pomerano são usadas ocorrendo a situação de “code-switching”;
- Na díade marido/esposa - quando envolve a relação entre idosos prevalece o uso do pomerano; quando envolve a relação entre adultos, observa-se o bilinguismo do português/pomerano;
- Na díade sogro/genro/nora, que envolve idosos e adultos, prevalece o pomerano;
- Na díade irmão (ã)/irmã (ão) e que envolve a relação entre jovens, incluídas as crianças, prevalece o uso da língua portuguesa.

A família 6 (seis) apresenta um comportamento inteiramente diverso. Tal discrepância se deve ao papel desempenhado por um membro da família, o genro, que foi promovido à condição de filho mais velho. Como esse “filho mais velho”, em função do papel predominante da família pomerana, não é falante do pomerano, a sua língua materna, no caso o português, acabou por se impôr nas relações de todas as díades familiares.

Vale destacar que o sogro de C.B., não sendo falante do português tem as suas interações verbais mediadas pela filha M.B. que traduz tudo o que é necessário.

5.4 - OS USOS LINGUÍSTICOS NOS DOMÍNIOS PÚBLICOS

Fora das relações familiares, a vida da comunidade pomerana de Espigão D'Oeste-RO, se desenvolve em espaços dedicados à religião, à política, associações de grupo, escolas e instituições comerciais e financeiras.

Para a observação dos usos linguísticos nos domínios que chamamos públicos, escolhemos os seguintes espaços de atuação de membros da comunidade: cultos religiosos, sindicato rural, reuniões específicas de mulheres, associações de jovens, escolas da zona rural e instituições comerciais e financeiras.

5.4.1.- OS CULTOS RELIGIOSOS

Todos os cultos são liderados pelo pastor ou pela pastora, e, uma vez por mês, tais cultos são realizados na cidade, com o objetivo de promover a interação das pessoas residentes na zona rural com a população urbana. Estes cultos realizados fora da zona rural são mais sociais e se caracterizam por incluir pessoas não pomeranas. Às vezes o pastor faz apenas as orações em pomerano, mas os hinos e os avisos de interesse da comunidade são feitos em língua portuguesa.

Com relação à Igreja Luterana é perceptível o interesse de difundir amplamente a língua portuguesa. Atualmente não seria possível banir o uso da língua pomerana dos cultos religiosos, mas há uma grande insistência por parte dos pastores em que a comunidade aprenda e domine a língua portuguesa.

Nesses cultos observamos que o padrão geral de comportamento linguístico é o uso da língua portuguesa. A exceção diz respeito aos idosos que não falam a língua portuguesa. Como não há outras Igrejas, que não as de Confissão Luterana na Linha

Figueira, em Espigão D'Oeste, os pomeranos que falam português se encarregam da tarefa de traduzir para aqueles não falantes.

Como não há Igrejas Católicas dentro da comunidade pomerana, os raríssimos pomeranos desta confissão são obrigados a assistir missas na cidade, que sempre são em português.

Não importa que os cultos religiosos sejam na zona rural ou na zona urbana. O fato é que na Igreja Luterana, nesse sentido, a atividade religiosa está profundamente marcada pela língua portuguesa.

Vale destacar, no entanto, que os casamentos tradicionais, que sempre acontecem na zona rural, são sempre realizados na língua pomerana. Quanto aos batismos, embora em língua portuguesa, conservam algumas tradições pomeranas, tais como: grande número de padrinhos e entrega de envelopes tradicionais.

5.4.2. - O SINDICATO RURAL

A grande maioria dos pomeranos é filiada ao Sindicato Rural. As pessoas que ali dão assistência são sempre bilíngues em pomerano e português. O agricultor pode optar pela língua que desejar usar. Todos os funcionários são bilíngues, descendentes de pomeranos, mas, com certeza, é a língua portuguesa que domina na interação entre eles, pois, segundo as informantes mulheres, e, de acordo com nossa observação, é a língua portuguesa que é usada no repasse de informações e orientações. A língua pomerana só é usada, por exemplo, para contato com as mulheres pomeranas da zona rural.

Como os homens em geral são sempre bilíngues em português e pomerano, o espaço do sindicato rural é símbolo de uso da língua portuguesa. No caso de um adulto do sexo masculino que não fale português, este se faz sempre acompanhar de algum intérprete.

Os pomeranos possuem uma forte ligação com o Sindicato Rural. O sindicato é que lhes informa sobre juros bancários, empréstimos, vendas de produtos agrícolas, cotação de preços, funcionando, no seu todo, como um intérprete para os negócios de produção e venda agrícola. Podemos afirmar que é a língua portuguesa que tem o maior domínio e uso nessa instituição.

5.4.3.- REUNIÕES ESPECÍFICAS PARA MULHERES

Essas reuniões apenas iniciaram sua organização. Podemos afirmar que as reuniões têm ocorrido nos últimos dois anos e são sempre lideradas pela pastora da Igreja. Participamos das primeiras reuniões porque estávamos ministrando um curso para professores da Zona rural de Espigão D'Oeste que alegavam que os filhos dessas mulheres tinham muita dificuldade na alfabetização realizada e promovida pelas escolas da zona rural. Percebemos, então, que aqueles professores não tinham a mínima ideia de que tais crianças não eram realmente tímidas, como afirmavam os professores. As crianças não falavam a língua portuguesa. Essas reuniões, no seu início, foram promovidas pela pastora e pelas professoras da zona rural, com o intuito de auxiliar as mães no acompanhamento de seus filhos na escola e procurar disciplinar a prática de não tirarem os filhos dos estudos nas épocas de colheita.

Ficamos sabendo, posteriormente, que essas reuniões passaram a acontecer com muito mais frequência do que naquela época e que agora, além de tratar da escolarização dos filhos, trata-se ali da discussão de novas questões como, por exemplo, a necessidade de aprender a língua portuguesa, assuntos culinários, trabalhos manuais, os quais são vendidos nas feiras livres de finais de semana na cidade, como também de direitos e

deveres das mulheres pomeranas. Nossos dados apontam que a língua portuguesa é muito mais usada hoje do que há dois anos, em 1993, quando iniciamos nosso trabalho de campo. Ao participar de uma dessas reuniões em Fevereiro de 1995 chamou a atenção o avanço da aquisição da língua portuguesa por parte das mulheres. Muitas das mulheres que naquela época não falavam português, hoje fazem questão de interagir com outras mulheres na língua portuguesa.

As reuniões específicas para mulheres têm sido um forte instrumento no incentivo para o abandono da língua pomerana; embora as mulheres ainda tenham um domínio menor da língua portuguesa, elas manifestam um uso cada vez maior dessa língua.

Essas reuniões específicas de mulheres têm como característica a discussão da valorização pessoal da mulher que não é dada no interior do lar e na comunidade pomerana.

As reuniões específicas de mulheres, nesse sentido, é o espaço principal de valorização do uso da língua portuguesa.

5.4.4.- ASSOCIAÇÕES DE JOVENS

Os jovens pomeranos, depois que passam a frequentar a escola da zona rural, iniciam, simultaneamente, a participação em vários grupos promovidos pela Igreja, tais como catequese, grupos de estudos evangélicos, grupos de solidariedade à famílias mais carentes e outros.

Nesses grupos e nas discussões dos assuntos inerentes às reuniões, há, visivelmente, o predomínio do uso da língua portuguesa. Há o incentivo da Igreja e a adesão maciça dos jovens. Os jovens fazem questão do uso da língua portuguesa, mesmo que tais reuniões

sejam apenas entre eles, como tem ocorrido nos últimos tempos, sob a liderança de jovens mais experientes quanto à vida fora da comunidade pomerana.

As reuniões de jovens ocorrem dentro da comunidade, com membros dessa comunidade, todos tendo como língua materna a língua pomerana, mas os assuntos e interesses extrapolam àqueles especificamente familiares. Nessas associações de jovens há uma discussão dos interesses sociais, do papel que esses jovens devem representar, não só para suas famílias, mas também para a sociedade não pomerana.

Para esses jovens pomeranos, a língua portuguesa é que pode lhes dar acesso a esse prestígio que buscam fora da família e da roça. Segundo os jovens, as reuniões devem produzir projetos de vida que surtam efeito também fora da comunidade pomerana. Quando essas reuniões ocorrem apenas entre os jovens, sem a participação de pastores, os líderes das interações verbais são sempre jovens que saíram para trabalhar na zona urbana ou que aprenderam a língua portuguesa há mais tempo, ou ainda, que acompanham os pais nos negócios junto ao Sindicato ou junto às instituições públicas da zona urbana.

5.4.5.- ESCOLAS DA ZONA RURAL

As escolas da zona rural de Espigão D'Oeste-RO, são escolas públicas e nelas, evidentemente, há o uso exclusivo do português.

Na 1^a e 2^a séries do 1^o grau, normalmente as crianças são bastante retraídas, tímidas e silenciosas. Quando se comunicam com os colegas, o fazem apenas com aqueles que são bilíngues em português e pomerano. Há um alto índice de reprovação, especialmente na primeira série, porque os métodos e as propostas de ensino ignoram completamente a necessidade de adequações dos mais variados tipos para poder atender com sucesso essa clientela. Estas crianças sofrem, também, toda sorte de discriminação,

muitas vezes até por parte do próprio professor, que não as incentiva nem as estimula ao aprendizado. Se não desistem da escola ao final do 1º ano, tornam-se alunos bem aplicados e só perdem aulas por insistência da família que as solicita em tempo integral nos trabalhos da agricultura. É interessante que, embora haja hoje o interesse da família como um todo em que os filhos frequentem a escola, observa-se o paradoxo de não os dispensarem nas épocas de maior afluxo de trabalho na agricultura. Prevalece a necessidade de mão de obra dos filhos nos trabalhos da roça. Mesmo assim, muitos pais exigem do filho que, mesmo com a pouca frequência às aulas, aprendam o que a escola oferece. O paradoxo é grande e de difícil compreensão. Esse paradoxo leva os filhos a sentirem oprimidos e castigados, revoltando-se muitas vezes, contra a família, mas especialmente contra o pai.

Atualmente a Prefeitura Municipal de Espigão D'Oeste já contrata como professor da zona rural alguns descendentes de pomeranos que, embora neguem saber a língua pomerana, quando estão a sós com as crianças, quase sempre realizam um trabalho de comparação à nível lexical, entre o pomerano e o português. Normalmente são professoras que, quando em conversa conosco, diziam nada saber de sua língua de origem, que haviam esquecido e coisas assim.

Gostaríamos de esclarecer aqui que esses raros professores descendentes de pomeranos também estudaram na zona rural e têm, no máximo, a 4ª série do primeiro grau. São os chamados professores leigos, como o são a maioria dos professores da zona rural de Rondônia.

A escola representa o acesso à língua portuguesa para os integrantes da comunidade pomerana. Inicialmente monolíngues em pomerano, os jovens têm na escola o espaço privilegiado do uso do português.

5.4.6.-INSTITUIÇÕES COMERCIAIS E FINANCEIRAS

Espigão D'Oeste é considerado como o Município mais pomerano de Rondônia. Vê-se, por exemplo, que a rodoviária da cidade é administrada por uma família pomerana.

Nos contatos com instituições bancárias, comércio em geral, hospitais, órgãos públicos (Prefeitura e INSS), Serviço Militar, os pomeranos de Espigão D'Oeste são levados a utilizar a língua portuguesa. Mas é interessante observar que, fora da comunidade dos pomeranos, há locais na zona urbana de Espigão D'Oeste onde a língua pomerana também pode ser utilizada. Há lojas que têm funcionários de origem pomerana, onde é possível optar pelo uso da língua portuguesa ou da língua pomerana. Também existem dois ou três pontos de comércio de produtos típicos pomeranos, como bolo de milho, linguiça e outros, mantidos por descendentes de pomeranos. Sempre junto a essa casa de comércio há um barbeiro e um bar para o bate-papo informal, sempre em pomerano.

Mesmo estando fora do espaço físico da comunidade, os pomeranos em geral, utilizam entre si a língua pomerana, com excessão, naturalmente, dos jovens. Mas, sempre que o contato envolve interlocutores não pomeranos a regra geral é o uso da língua portuguesa.

5.5.- DEFININDO O ESTATUTO DO PORTUGUÊS E DO POMERANO

O repertório linguístico da comunidade de pomeranos de Espigão D'Oeste-RO, é constituído pela língua portuguesa e pela língua pomerana. No entanto, nossos dados apontam que a língua pomerana predomina nas relações de domínio privado, havendo,

porém, uma diferenciação dentro dos núcleos familiares segundo a faixa etária. O português começa a entrar nesse domínio através dos membros jovens e escolarizados.

No domínio público observamos o predomínio da língua portuguesa. Com relação a esse fato, embora a Igreja Luterana se comporte como o maior agente de difusão e de estímulo ao uso da língua portuguesa, é o espaço onde o português concorre com a língua pomerana nas interações verbais entre os membros da comunidade. De modo semelhante e talvez em escala menor que a Igreja, há ainda locais como sindicatos e reuniões específicas de mulheres onde é possível o uso simultâneo da língua portuguesa e da língua pomerana, mas nas escolas, nos órgãos públicos e bancos é praticamente inexistente o uso do pomerano. Nas associações de jovens, embora possível, o uso do pomerano é rejeitado.

Com base nos dados estudados até aqui, apresentamos o seguinte quadro:

<i>Domínio privado</i>	<i>Língua usada</i>
No lar	Pomerano
<i>Domínio público</i>	<i>Línguas usadas</i>
Culto Religioso	Português e Pomerano, com predomínio da primeira.
Sindicato Rural	Português e Pomerano, com predomínio da primeira.
Reuniões espec. para mulheres	Português e pomerano, com predomínio da segunda.
Associações de jovens	Português
Escolas da Zona Rural	Português
Instituições Com. e financeiras	Português
Órgãos públicos	Português

CAPÍTULO 6

CONTATOS SÓCIOS - CULTURAIS E ATITUDES LINGUÍSTICAS

Este capítulo tem como ponto central as atitudes linguísticas da comunidade pomerana frente às línguas utilizadas: português e pomerano. Abordaremos a questão das atitudes linguísticas tentando responder à seguinte pergunta básica:

QUE ATITUDES OS POMERANOS DE ESPIGÃO D'OESTE-RO, MANIFESTAM EM RELAÇÃO À LÍNGUA PORTUGUESA E À LÍNGUA POMERANA?

Tendo como partida a questão acima procuraremos verificar dentro da comunidade de pomeranos de Espigão D'Oeste se as atitudes linguísticas são uniformes; se existem grupos com atitudes distintas, particulares e como a comunidade avalia as línguas em questão.

Nosso trabalho de coleta de dados baseou-se na aplicação do questionário 5, em anexo, e entrevistas gravadas (roteiro 6 em anexo), além de filmagens em vídeo.

A partir das setenta (70) famílias que constituem a comunidade, trabalhamos com duzentos (200) informantes. (1)

6.1.- O ESTUDO DAS ATITUDES LINGUÍSTICAS

O conceito de atitude linguística tem sido amplamente discutido, abordando opiniões

diversas na literatura sociolinguística. O presente trabalho baseia-se particularmente nos trabalhos de FISHMAN (1970), FASOLD (1984) e SCHILIEBEN-LANGE (1993). Vale citar autores como APPEL, R. and MNYŠKN, P. (1988), ROGER, W. SHY and FASOLD (1973), ROMAINE, S. (1989), RYAN, E.B. e GILES, H. (1982), WOLCK, W. (1973).

SCHILIEBEN-LANGE (1993), deriva seu conceito sobre atitudes linguísticas da tradição e da história do estudo de mentalidades. Neste sentido, SCHILIEBEN-LANGE (1993) observa:

“... Não se sabe muito bem o que é uma mentalidade, mas há alguns traços característicos aceitos por todos os pesquisadores nesse domínio:

a) as mentalidades são coletivas;

b) as mentalidades referem-se ao sistema de nossas percepções do mundo;

c) as mentalidades são relativamente estáveis e duradouras.

Trata-se de um conceito próximo ao de “atitudes”, que conhecemos bem através da

sociopsicologia americana mas com um elemento histórico marcado.”

(SCHILIEBEN-LANGE, 1993)

SCHILIEBEN-LANGE (1993), acrescenta ainda que:

“... as mentalidades nos são bem conhecidas em Sociolinguística, pelo nome de atitudes.” (SCHILIEBEN-LANGE, B. 1993: 86-87)

FASOLD (1984), assumindo a perspectiva mais específica aponta:

“Language attitudes are distinguished from other attitudes by the fact that they are precisely about language. Some language-attitude studies are strictly limited to attitudes toward language itself. Subjects in these studies are asked if they think a given language variety is “rich”,

**“poor”, “beautiful”, “ugly”,
 “sweet sounding”, “harsh” and
 the like. Most often, however,
 the definition of language
 attitude is broadened to
 include attitudes toward
 speakers of a particular lan-
 guage or dialect. An even
 further broadening of the de-
 finition allows all sorts of
 behavior concerning language
 to be treated, including
 attitudes toward language
 maintenance and planning
 efforts,”**

(FASOLD, RALPH, 1984:148)

FISHMAN (1970), partindo do trabalho sobre atitudes linguísticas realizado por BAINS (1928) (APUD FISHMAN), identifica atitudes linguísticas a partir do comportamento observável e atitudes manifestas. FISHMAN (1970) considera que o trabalho de atitudes linguísticas tem que levar em conta o trabalho de introspecção. Nesse sentido ele assinala que:

**“This implies that they are not
 directly observable but have to**

be inferred from the subject's introspection."

(FISHMAN, 1970: 138)

FISHMAN (1970) acrescenta ainda que:

"Such an approach therefore faces few or no problems at the level of analysis because attitudes have been defined entirely in terms of observable data."

(FISHMAN, 1970)

Dentro da literatura sociolinguística a conceituação sobre atitudes é bastante diferenciada, mas assumimos com FISHMAN (1970) que:

"There are some aspects of attitude definition in which there appears to be some consensus: practically everybody agrees that attitudes are learned from previous experience, and that they are

**not momentary, but relatively
enduring.”**

(FISHMAN, 1970: 139)

6.2.- COMUNIDADE DOS POMERANOS DE ESPIGÃO D’ OESTE-RO: ATITUDES FRENTE À LÍNGUA POME- RANA E À LÍNGUA PORTUGUESA

Como feito em capítulo anterior, aqui também assumimos que a organização da comunidade com vistas à questão das atitudes linguísticas, deve levar em conta os fatores sexo e idade, pelas mesmas razões apontadas anteriormente: (Ver 4.1. e 4.2.) . Nesse sentido passamos a apresentar os dados obtidos sobre atitudes linguísticas da comunidade de pomeranos de Espigão D’Oeste, organizados do seguinte modo: grupos baseados no critério de sexo (grupo masculino e feminino) e grupos baseados no fator idade (idosos, adultos, jovens incluídas aí as crianças).

6.2.1.- GRUPOS BASEADOS NO CRITÉRIO DE SEXO

6.2.1.1.- HOMENS

quanto à língua pomerana:

Segundo os homens, a língua pomerana deve ser falada em casa, com a família. Nesse sentido eles consideram que a família deve conversar em pomerano quando está em

casã e na roça, porque os assuntos aí tratados são particulares, privados. Para eles todos os membros da família entendem seus deveres e suas obrigações quando estes são feitos em pomerano. A partir de alguns depoimentos é possível identificar que a língua pomerana, na perspectiva masculina é identificável como língua que dá poder ao homem. Algumas citações são exemplo disso:

**“... os filhos obedecem quando
o pai dá ordem em pomerano.”**

(Depoimento: N.L.)

**“... mulher não entende nada.
Só se falar pomerano.”**

(Depoimento: S.B.)

**“... quando o homem fala
pomerano em casa, a família
presta atenção e obedece.”**

(Depoimento: S.K.)

quanto à língua portuguesa:

Segundo os homens é preciso aprender a língua portuguesa porque esta é a língua dos negócios na cidade. Os homens afirmam que os filhos precisam aprender e usar a língua portuguesa porque só assim terão sucesso dentro e fora da comunidade. Segundo os homens aprender a língua portuguesa significa não ser discriminado e não ser enganado

nos negócios pois, em sua fala, o português é a língua das pessoas inteligentes.

No grupo masculino manifesta-se uma atitude positiva frente à língua portuguesa. Na perspectiva desse grupo a língua portuguesa é sinônimo de promoção social e da respeitabilidade interna e externa da comunidade. Alguns depoimentos exemplificam as posições expostas acima:

**“... se os filhos aprender
português logo vão ficar ricos.”**

(Depoimento: T.K.)

**“... homem é inteligente.
Aprende português e não é
enganado.”**

(Depoimento: K.K.)

**“... até pomerano respeita mais
se você fala “brasileiro”.”**

(Depoimento: R.K.)

**“... homem pomerano precisa
falar bem o português
também.”**

(Depoimento: W.K.)

**“... quem fala português não
sofre quando precisa ficar fora
de casa. Não é enganado.”**

(Depoimento: J.W.)

Como traço geral do comportamento linguístico do grupo masculino é possível apontar que em seu comportamento bilingue os domínios do pomerano e do português são bem definidos. Em outras palavras a língua pomerana é a língua do domínio privado onde eles exercem o poder, e, o português é a língua do domínio público onde se estabelece as relações extra-comunitárias.

6.2.1.2.- MULHERES

A atitude das mulheres frente às línguas em uso na comunidade, são manifestas do seguinte modo:

quanto à língua pomerana:

Segundo as mulheres é preciso continuar falando pomerano porque é nessa língua que os valores da tradição da família pomerana devem ser transmitidos. Para as mulheres a língua pomerana é símbolo da boa educação. Na fala de uma pomerana, a língua pomerana é o veículo adequado para transmissão dos conhecimentos e da cultura:

**“... se falar pomerano é mais
fácil para eles aprender...”**

(Depoimento: F.K.)

As mulheres são altamente discriminadas na comunidade, sejam solteiras, adultas, solonas ou donas de casa, qualquer que seja a sua idade, são consideradas pouco inteligentes e incapazes de atos que levem ao progresso e ao prestígio social. A fala das mulheres registra que esta discriminação está relacionada ao fato de que elas só falam pomerano.

Na visão desse grupo a língua pomerana é sinônimo do universo feminino, ou seja, a língua do espaço da casa. Nesse sentido, o depoimento abaixo exemplifica essa concepção:

**“... pomerano é língua de
mulher. Filhos obedecem se
falar pomerano.”**

(Depoimento: A.J.)

quanto à língua portuguesa:

As mulheres pomeranas manifestam uma atitude extremamente positiva em relação ao português. Como são, de fato, extremamente discriminadas na comunidade, a língua portuguesa representa prestígio. Para as mulheres o domínio da língua portuguesa é o caminho mais óbvio para a conquista da liberdade e da autonomia no domínio familiar. Os depoimentos abaixo apontam essa atitude:

**“... quero falar português para
discutir a venda da lavoura
com meu marido.”**

(Depoimento: S.K.)

“... mas mãe não é respeitada por filho homem. Homem, se for filho ou marido, não respeita mulher que só fala pomerano. Falar só pomerano às vezes não é bom para a mulher.”

(Depoimento: L.J.)

“... se mulher fala pomerano e português vai ser mais feliz.”

(Depoimento: G.J.)

Os depoimentos acima nos apontam que, sem recusar a língua pomerana, a mulher vê no comportamento bilingue, pomerano e português, uma possibilidade de valorização pessoal. Na fala de uma pomerana:

“... português é bonito, alegre, gostoso. É difícil mas é bom.”

(Depoimento: A.J.)

6.2.2.- GRUPOS BASEADOS NO FATOR IDADE

6.2.2.1.- IDOSOS

As atitudes manifestas pelos idosos podem ser assim apontadas:

quanto à língua pomerana:

Segundo os idosos a língua pomerana deve ser sempre falada por todos os membros da família para que sejam mantidas as tradições pomeranas. Segundo eles, a língua pomerana assegura a preservação dos bons costumes e mantém o grupo coeso.

Vale destacar que, segundo os idosos, a boa educação pomerana e os bons costumes só podem ser feitos em língua pomerana para que as crianças não questionem nem respondam “alto” aos mais velhos. (2) Alguns depoimentos apontam as atitudes linguísticas dos idosos em relação ao uso da língua pomerana:

**“... para educar os filhos,
ensinar os bons costumes, a
religião e os bons princípios, só
se pode fazer em pomerano.”**

(Depoimento: S.J.)

**“... se não falar língua
pomerana não vai saber nada
da vida verdadeira do pome-
rano.”**

(Depoimento: L.B.)

**“... tem que falar pomerano,
senão não dá para casar nem
para batizar.”**

(Depoimento: R.B.)

quanto à língua portuguesa:

Os velhos não são contrários ao uso da língua portuguesa na comunidade pomerana, particularmente se esse uso partir dos homens pomeranos. Os idosos reconhecem que para a realização dos negócios econômicos-financeiros, é bom que os homens saibam expressar-se em língua portuguesa, porém, acham desnecessário que as mulheres em geral e eles próprios aprendam português, dado que permanecem na roça e, portanto, não precisam da língua portuguesa. Os idosos reconhecem que é inevitável o uso da língua portuguesa, mas definem claramente seu espaço e seus usuários: as relações externas e o grupo masculino adulto.

6.2.2.2.- ADULTOS

quanto à língua pomerana:

A língua pomerana é a língua da família, é a língua da tradição pomerana em todos os sentidos. Os adultos afirmam que a língua pomerana deve ser a de interação familiar, da intimidade e das relações privadas da família como um todo.

quanto à língua portuguesa:

Para os adultos a língua portuguesa é o instrumento adequado para as relações do domínio público, fora da comunidade e afirmam que o português deve ser aprendido por toda a família.

Há uma atitude positiva com relação ao português. Segundo um informante:

**“... a família precisa inteira
falar português.”**

(Depoimento: G.K.)

Os adultos definem o comportamento bilingue como adequado para a comunidade pomerana como um todo. Em depoimento um informante aponta que:

**“... quando a família falar bem
português como falam
pomerano, a gente vai viver
melhor porque a família inteira
vai ajudar em tudo. A vida vai
ser mais fácil.”**

(Depoimento: S.D.)

Nesse sentido é interessante destacar um depoimento masculino favorável ao bilinguismo português e pomerano, para as mulheres.

“... mulher e filha precisa falar português para ajudar na feira e para ir sozinha na cidade. A gente tem que deixar a roça prá levar elas no médico...”

(Depoimento: V.S.)

6.2.2.3.- JOVENS, INCLUÍDAS AS CRIANÇAS

Para melhor entender o percurso linguístico dos jovens pomeranos fizemos uma leitura de BRIGITTE SCHILIEBEN-LANGE (1993), em seu artigo sobre “Uma proposta para o desvendamento da “Lingua encoberta”, o que nos ajudou muito no sentido de descobrirmos se esses jovens eram usuários ou não da lingua pomerana. Baseamo-nos na citação de SCHILIEBEM- LANGE (1993):

“... Parece-me que a comunidade de fala ocitana pode ser caracterizada por um fenômeno que denominarei de “Bilinguismo encoberto”. Gostaria de localizar esse fenômeno no quadro da discussão sobre “atitudes” linguísticas e “consciência”

linguística. O fato de que as línguas são objetos de discursos quotidianos que podem ser tanto descritivos quanto avaliativos foi reconhecido como campo central da pesquisa socio-linguística.”

(SCHILIEBEN-LANGE, 1993:94)

Os jovens, de modo geral, fazem uma negação ostensiva ao uso do pomerano, porém, através da nossa coleta de dados foi possível perceber que, embora negando que o faz, o pomerano é a língua que o jovem usa nas interações verbais com a mãe e com as senhoras idosas da comunidade.

Baseando-nos no trabalho de SCHILIEBEN-LANGE (1993), colocamo-nos a seguinte pergunta: como identificaríamos o jovem pomerano, linguisticamente falando? Observamos que muitos jovens usam o pomerano no seu dia-a-dia, mas não admitem isso, outros o entendem mais quase não o usam mais; há também aqueles jovens que dizem saber falar o pomerano fluentemente, mas, na verdade não o fazem, o que há de mais comum na comunidade jovem dos pomeranos são aqueles jovens que dizem que não falam e não entendem o pomerano, mas, mal viramos as costas e eles já estão a falar.

Ocorre, muito, então, a situação de “bilinguismo encoberto” citado por SCHILIEBEN-LANGE (1993).

Há um fator que consideramos muito importante no percurso linguístico dos jovens: quando eles aprendem a falar a língua portuguesa e passam a fazer uso dela, tornam-se

mais respeitados pelo pai. O pai ouve com mais atenção as filhas que falam português do que as que não o dominam. Por isso, para os jovens, de modo geral, aprender a língua portuguesa significa uma aquisição inteligente; é sinal de inteligência conseguir falar não só a língua da mãe, mas também a língua em que o pai faz os negócios mais importantes.

Por outro lado, quando distantes do pai, esses jovens em geral não assumem o idioma materno e, assim como as mulheres mais jovens, dizem que seu “dialeto” é pobre, feio, ultrapassado.

quanto à língua pomerana:

Os jovens descartam a manutenção da língua pomerana e não encontram razões que possam justificar o uso dessa língua pela comunidade. Eles rejeitam a identidade de pomeranos, assumindo a identidade brasileira. Os jovens consideram que não deveria se continuar falando pomerano com os idosos. Ao contrário, é preciso ensinar-lhes a língua do Brasil. Os jovens pomeranos chegam a ridicularizar os sons da língua pomerana e a maneira tímida de os pomeranos falarem.

Como traço geral podemos apontar que os jovens rejeitam em todos os sentidos a língua pomerana. Essa rejeição à língua é inseparável da rejeição manifesta aos valores e à tradição pomerana. Na fala de um jovem pomerano:

“... esse dialeto é feio, antigo,

cafona, é esquisito...”

(Depoimento: J.S.)

quanto à língua portuguesa:

Na perspectiva dos jovens só a língua portuguesa é a língua da promoção tão desejada por eles. Na fala de um jovem pomerano, podemos exemplificar essa atitude.

“... Adoro a língua portuguesa.”

(Depoimento: S.W.)

Os jovens manifestam atitudes extremamente positivas em relação à língua portuguesa, pois, a língua portuguesa é a língua da identidade que eles assumem, ou seja, a identidade de brasileiros.

“... por quê você pergunta se eu falo outra língua? Eu sou brasileiro, só falo português.”

(Depoimento: R.B.)

Para os jovens a língua portuguesa além de bonita e alegre, lhes garante o respeito, particularmente do pai. A recusa à língua pomerana é tão forte que os jovens chegam a negá-la aos seus descendentes. O depoimento abaixo é ilustrativo dessa atitude:

“... vou casar com brasileira porque sou brasileiro. Não quero casar com pomerana.”

(Depoimento: J.K.)

**“... língua portuguesa é a
minha língua. Eu sou
brasileiro.”**

(Depoimento: J.J.)

Um dos traços muito fortes do comportamento linguístico dos jovens, como vimos, é a negação do conhecimento da língua. O depoimento abaixo também ilustra essa atitude:

**“... sou filho de pomerano mas
não sei outra língua. Só sei
português.”**

(Depoimento: S.W.)

Como traço geral o grupo dos jovens se caracteriza pela defesa do monolinguísmo em português para a comunidade pomerana como um todo.

É interessante observar a atitude das crianças, que monolíngues em pomerano até o ingresso à escola, desenvolvem uma atitude positiva em relação ao português e o início da constituição de uma atitude de rejeição do pomerano. A língua pomerana passa a ser vista como impecilho a aquisição da língua portuguesa. Na fala de uma criança pomerana:

**“... se nós fica falando
“capixaba” num aprende falá
brasileiro...”**

(Depoimento: F.W.)

No grupo das crianças a língua portuguesa é identificada com lazer e com uma vida agradável. Os depoimentos abaixo ilustram as atitudes linguísticas das crianças:

“... quem fala português brinca bastante.”

(Depoimento: S.W.)

“... português é bonito. Acho ruim que tenho de falar pomerano com a mãe.”

(Depoimento: C.S.)

“... professor fala português. Sabe tudo o que é bom no mundo.”

(Depoimento: J.J.)

6.3.- A COMUNIDADE E SUAS LÍNGUAS

As atitudes da comunidade dos pomeranos de Espigão D'Oeste-RO, frente às línguas utilizadas, isto é, ao pomerano e ao português, não são uniformes. Como podemos observar os grupos distinguem-se quanto ao uso das línguas e quanto à avaliação destas.

Com relação à língua pomerana, é possível apontar que esta é identificada como a língua da cultura e das tradições pomeranas. Nesse sentido é que homens, mulheres, idosos e adultos avaliam positivamente a língua pomerana. Quanto aos jovens, exatamente por identificarem língua e cultura pomerana, rejeitam-nas com igual veemência.

Os homens percebem a língua pomerana como a língua do poder masculino, particularmente dentro do grupo familiar. Quanto às mulheres a língua pomerana é identificada com o papel feminino, isto é, da educação dos filhos e da submissão ao homem.

Quando observamos os grupos etários, percebe-se claramente a polarização entre idosos e jovens. De um lado, temos a defesa da tradição, da cultura e da língua com os idosos, e de outro lado, a recusa absoluta desses valores pelos jovens.

Com relação à língua portuguesa, a comunidade como um todo manifesta atitudes positivas: a língua portuguesa é identificada com a promoção social, prestígio e valorização pessoal. Mais uma vez, percebemos uma polarização manifesta nas atitudes dos idosos e dos jovens: os idosos reconhecem a necessidade do domínio do português e restringem seu uso aos homens; os jovens reivindicam o uso exclusivo da língua portuguesa.

É importante apontar que o grupo dos adultos como um todo identifica o comportamento bilíngue, português e pomerano, como adequado e necessário para a comunidade.

GRUPOS	LÍNGUA POMFRANA	LÍNGUA PORTUGUESA
1.- HOMENS	É a língua da família e dos ensinamentos e dos valores familiares.	Dá prestígio social fora e dentro da comunidade.
2.- MULHERES	É a língua da família e da boa educação.	É uma língua bonita e é a língua da valorização pessoal.
3.- IDOSOS	É a língua da família e das tradições.	É a língua necessária para as relações externas; é útil apenas para os homens.
4.- ADULTOS	É a língua da família.	É a língua necessária para os contatos externos e deve ser falada por toda a comunidade
5.- JOVENS E CRIANÇAS	É uma língua antiga, estrangeira, feia e que deve ser banida por toda a comunidade.	É a língua da promoção social, é a língua da identificação enquanto brasileiros; deve ser a língua de toda a comunidade.
Observação: Para as crianças o pomerano é a língua impecilho para a questão do aprendizado do português e a língua portuguesa é a língua do lazer e das coisas boas.		

NOTAS SOBRE O CAPÍTULO 6

1.- Foram distribuídos 500 questionários, dos quais selecionamos 200 (duzentos) para cruzar os resultados obtidos. Nossa escolha levou em conta o fato de que alguns questionários não foram respondidos na sua totalidade; outros não devolveram os questionários, porém, tivemos questionários de todas as famílias.

2.-Se comparado com o nosso tom de voz, a fala do povo pomerano tem um som bastante baixo.

CAPÍTULO 7

HISTÓRIA DE UM PERCURSO: DO POMERANO AO PORTUGUÊS

Com o objetivo de reconstruir a história linguística do grupo de pomeranos da Linha Figueira, Km. 19 a 21, da zona rural de Espigão D'Oeste, em Rondônia, este capítulo retoma os dados apresentados até aqui e os relaciona do passado ao presente. Ao relacionar os dados do passado ao presente, os mesmos apontam que a história do percurso linguístico desses pomeranos está marcada por histórias individuais e histórias internas do grupo. A história do grupo, como um todo, é uma história complexa porque não foi escrita, mas está presente nos depoimentos dos informantes. Interpretar a história dos pomeranos significa conviver com a interpretação do que as pessoas fazem daquilo que viveram. Nesse sentido é relevante a observação de GERALDI (1991):

“...temos que compreender que nada no universo guarda estrita fidelidade à mera aparência da realidade... a interpretação da realidade se justifica mediante a certeza de se fazer dela uma abordagem que leve em conta sua absurda

e infinita complexidade”.

(GERALDI, 1991).

Conhecer o percurso linguístico dos pomeranos de Espigão D'Oeste-RO, significa conhecer a história do grupo iniciada na Pomerânia. Nessa história, o povo pomerano vivia uma situação de monolinguísmo natural em pomerano que as migrações que se seguiram alteraram profundamente. Da Pomerânia ao Brasil, do Espírito Santo a Espigão D'Oeste, os pomeranos percorreram um mundo novo com o qual necessariamente foram obrigados a conviver.

Vemos que ao longo de sua história, muitas coisas mudaram, entre estas, a situação linguística dos pomeranos.

Com o objetivo de reconstituir o percurso linguístico dos pomeranos de Espigão D'Oeste, procuramos identificar integrantes deste grupo que pudessem fornecer as informações relevantes. Nesse sentido, consideramos que o grupo dos idosos seria de fundamental importância para recuperar o passado. Mas, além do passado, era importante também ouvir as vozes do presente e por isso procuramos conhecer as reflexões de indivíduos que desempenham diferentes atividades e com inserções sociais também diferenciadas como os religiosos, os representantes culturais, os comerciantes, os proprietários de terra, os trabalhadores da terra e os jovens escolarizados.

7.1.- A MEMÓRIA DOS VELHOS: testemunha de um percurso

O fato que mais chamou a atenção na fala dos idosos é a atitude de queixa e saudosismo: o passado era a época da felicidade. Os idosos questionam a vinda para o

Brasil e desconfiam do convite feito pelo governo brasileiro para a imigração. Eles consideram que o grupo não foi beneficiado com a migração. Para os velhos, o deslocamento espacial provocou total alteração não só no seu estilo de vida, mas no seu contexto social, familiar e linguístico como um todo. Segundo os idosos a religiosidade inicial dos pomeranos reforçou os laços entre esposos ou entre pais e filhos, apesar ou talvez mesmo por causa das dificuldades encontradas pela organização dos cultos religiosos após a transplantação. Na fala dos idosos a religiosidade sempre foi um componente forte para retomar o bom clima familiar caso houvesse algum problema de relacionamento dentro da família ou com os amigos.

Questionando a imigração inicial os idosos vêem as imigrações seguintes como ameaça constante à sobrevivência do grupo; a religiosidade, a homogeneidade garantida pelo trabalho coletivo, o respeito às tradições familiares e o modo de vida rural dedicado à terra, sofreram influências externas e influenciaram também o uso da língua pomerana.

Os idosos consideram que no Espírito Santo estavam mais próximos da vida original na Pomerânia porque lá ficavam isolados, convivendo entre iguais, conservando os costumes e a língua. Nesse sentido a imigração para Rondônia quebrou as tradições, a homogeneidade e foi sobretudo uma ameaça à língua.

Os idosos consideram que a instalação em Rondônia alterou substancialmente a comunidade que, segundo eles já não é a mesma. Segundo os idosos há divisões sociais internas na comunidade. Abandonando o modo essencialmente agrícola a comunidade se divide em proprietários, comerciantes, assalariados, trabalhadores da terra e o trabalho coletivo não é valorizado.

**“... muitos pomeranos estão
desaprendendo a lição de seus**

mutirões onde o trabalho sempre foi realizado em função da comunidade.”

(Depoimento: S.L.)

Os idosos indicam como grande sinal de alteração o fato de que o poder da comunidade está concentrado na mão dos comerciantes que, na fala dos idosos, não têm escrúpulo e exploram as pessoas. Como na visão deles a dignidade do pomerano advém do trabalho na terra, para viver bem e melhorar na vida, só é possível:

“Trabalhando. Trabalhando. Trabalhando”

(Depoimento: W.C.)

(A terra é claro.)

Os idosos se apegam à tradição e se sentem ameaçados pelo mundo moderno. Defensores do isolamento, eles, por exemplo, se manifestam contrários à eletrificação rural:

“... o problema não é a energia elétrica propriamente dito, mas as suas consequências. A principal consequência é a chegada da televisão. Quando chega a televisão ela passa a

ser a professora de tudo. Ela passa a ser a escola que os filhos dos pomeranos não tiveram e ainda muitos não têm. Escola que o governo não oportunizou no Espírito Santo agora invade as casas pomeranas dos que moram mais perto da cidade. Já, já, vai estar nas linhas da zona rural, massacrando a identidade cultural dos pomeranos, ensinando novos modos, novas necessidades e novas maneiras de pensar a vida. Tudo isso vai acabando com o povo pomerano. É só olhar para os moços e ver como eles estão. Muda tudo.”

(Depoimento: (W.C.K. - aposentado)

Podemos afirmar que, do ponto de vista dos idosos, linguisticamente falando, o povo pomerano mudou muito desde que chegaram do Espírito Santo, onde a língua pomerana dominava a vida:

“... só falava pomerano. Rondônia tem pouco pomerano como era antes. Agora todo pomerano quer falar português ou brasileiro. Até mulher que não faz negócio nem vai na cidade quer falar brasileiro. Não precisa mais quer falar.”
(Depoimento: K.R. - 65 anos - aposentado)

Os idosos temem que a morte deles signifique também a morte da língua pomerana. Em relação a isso eles temem a ação da escola. Mas do que isso, a frequência das mulheres à escola. Os idosos manifestam uma consciência clara da relação entre as mudanças na vida do grupo e na língua. Nesse sentido o depoimento abaixo é bastante significativo:

“Se muda a vida, muda a língua, muda tudo. Muda as antigas formas do pomerano organizar sua vida, suas festas, seus bailes, a língua (grifo nosso), o jeito de vestir, o casamento típico, sua alimentação e suas estórias.

Tudo passa a ser como “festa de pomerano”, “Casamento de pomerano batata”, “coisa do passado.” O fazendeiro ou o homem urbanizado passa a ter vergonha de suas raízes históricas, intimamente ligadas aos frutos da terra. Além do mais, os bóias-frias, os assalariados, assim como os grandes fazendeiros e comerciantes, passam a ser tragados pelo sistema consumista e explorador. A língua fica fraca, os moços não falam mais a língua da família. Daí acaba tudo.”

(Depoimento: H.R. - aposentado - 82 anos)

7.2.- TENSÃO ENTRE O PRESENTE E O PASSADO: VOZES DO PRESENTE.

1. OS REPRESENTANTES RELIGIOSOS

No Espírito Santo, tradicionalmente, os representantes religiosos se ocupavam da educação religiosa, da promoção de cultos e ao lado disso eram responsáveis pela escola em alemão que não era aceita pelos pomeranos. A postura da Igreja Luterana atualmente se mostra diferente. Em Espigão D'Oeste os religiosos, além de se ocuparem das questões religiosas, trouxeram para o espaço da igreja a discussão das questões da vida em geral. Em relação a isso vale destacar o papel preponderante da igreja na valorização do português aliada às questões políticas relativas à política, aos direitos e deveres do cidadão brasileiro. Concretamente a igreja vê os pomeranos como brasileiros, ainda que de origem pomerana. Para exercer a cidadania a que os pomeranos têm direito enquanto brasileiros, torna-se necessário e urgente a aprendizagem e domínio da língua portuguesa.

2.- OS REPRESENTANTES CULTURAIS: PROFESSORES E SINDICALISTAS

Na comunidade pomerana algumas pessoas têm papéis de grande influência no grupo, funcionando como uma espécie de formadores de opinião. Tais pessoas são bilingües, escolarizados e com muito bom domínio do português e são responsáveis pelos valores da modernidade que são introduzidos na comunidade. Por exemplo, são os professores que explicam o novo funcionamento do calendário escolar que leva em conta o trabalho das crianças na colheita. São os sindicalistas que informam sobre juros bancários, preços de mercadorias, empréstimos e financiamentos bancários. É interessante observar que são exatamente essas pessoas, respeitadas por eles, que se posicionam

contrariamente à vida tradicional pomerana e defendem alterações profundas na vida do grupo. No dizer de um sindicalista:

**“... é preciso pôr um termo à
destruição acelerada e impie-
dosa da terra, pela qual é
responsável a técnica da
cultura temporária sobre
queima periódica.”**

(Depoimento: L.C.)

O modo de trabalho da terra é questionado por esse grupo, que também critica a rotação de terra e, além disso, defendem uma revolução agrícola com técnicas novas.

**“... revolução agrícola se faz
para ter sucesso, para aprender
maneiras diferentes, para ser
valorizado.”**

(Depoimento: J.J.)

Embora bilíngues em pomerano e português defendem a língua portuguesa e alegam que o atraso do pomerano deve-se ao apêgo à língua da antiga Pomerânia. Nesse sentido defendem a abertura da comunidade através da língua:

“... a leitura, jornais e artigos escritos em língua portuguesa é necessário para o conhecimento das coisas de fora.”

(Depoimento: J.F.)

3.- OS COMERCIANTES E OS PROPRIETÁRIOS DE TERRA

Esse grupo representado por comerciantes e proprietários de terra defendem a ruptura com o passado. Como o grupo anterior, os comerciantes e proprietários são favoráveis a um contato crescente e amplo do pomerano com o mundo exterior. Nesse sentido reivindicam abertura de estradas, melhoria nas condições de atendimento à saúde e ampliação da escolaridade.

“... o pomerano precisa de estrada boa, saúde boa e escola boa. O pomerano é brasileiro e pode ter tudo isso.”

(Depoimento: L.S.)

Com relação à questão cultural esse grupo insiste numa educação técnica e profissional para que ocorram mudanças de mentalidade, para que os pomeranos não queiram viver mais como se estivessem na Pomerânia. Na fala desse grupo as mudanças

que ocorrem são boas mas precisam ser ampliadas.

**“Não basta a escola rural. É
preciso ensino profissional.
Precisa ter mais mudanças e
aprender mais português.**

(Depoimento: J.J.)

Esse grupo se identifica com a postura dos jovens com respeito à postura de rejeição à atitude dos velhos, isto é, apêgo ao mundo antigo anterior à imigração. A grande marca do grupo é a visão de que o sucesso da comunidade está ligado ao domínio da língua portuguesa.

4.- TRABALHADORES DA TERRA

Este grupo representado por meeiros e assalariados, portanto não proprietários de terra, representa o maior grupo dentro da comunidade. Estas pessoas vivem isoladas do restante da comunidade, têm uma vida muito simples e muito pouco contato com o mundo exterior:

**“Nóis qué vive assim. Bom fica
sozinho, trabaiando.”**

(Depoimento: L.W.)

Essas pessoas trabalham duramente nas terras alheias e distinguem-se como grupo

pela coesão e por uma certa homogeneidade de condições de vida. São olhados pelo restante da comunidade como apáticos e passivos, e embora majoritários na comunidade se deixam conduzir. Para este grupo a questão da terra é vital, assim como o trabalho coletivo e a manutenção de todas as tradições pomeranas.

“Nóis vai compra terra, um dia.

Num precisa de nada. Trabaia

tá bom. Come, trabaia, compra

terra um dia.”

(Depoimento: K.H.)

Este grupo é fortemente monolíngue em pomerano. Só alguns homens demonstram uma certa fluência em português. Nossos dados indicam que eles mantêm-se isolados, conservam todas as tradições e não exibem nenhuma preocupação em explicitar sua atitude em relação ao português ou ao pomerano. É como se lhes bastasse ser pomerano, o que significa falar a língua pomerana e não a língua portuguesa.

“Português? num sei... alguns

fala. Eu non.”

(Depoimento: J.K.)

5.- JOVENS ESCOLARIZADOS

Dentro da comunidade dos pomeranos alguns jovens se destacam por uma postura autônoma em relação às tradições comunitárias. São jovens que por conflitos com o pai abandonaram a família, buscando trabalho fora da zona rural; procuraram a escola por conta própria e fundamentalmente rejeitam todos os aspectos da vida tradicional. Alguns desses jovens, quando permanecem em casa, estão em conflito aberto com o pai, mas são curiosamente protegidos pela mãe que tenta neutralizar esses conflitos. Esses jovens jamais trabalham com a terra; procuram vender produtos se incumbindo às vezes de comercializar caseiros realizados pelas mães e irmãs, como bolo de milho, pano de prato e conservas de legumes.

Os jovens em questão são vistos como modelo positivo para os outros jovens em geral, apesar da proibição dos pais.

Embora bilíngues, em pomerano e português, os jovens escolarizados negam o conhecimento do pomerano. Para eles a questão linguística reduz-se à questão do uso do português.

A questão da imigração faz parte da história dos pomeranos e é vista negativamente pelos jovens. Segundo eles:

**“Todo mundo chama o
pomerano de peregrino das
estradas do Brasil. Já é hora de
acabar com isso.”**

(Depoimento: R.R.)

O conflito aberto com as tradições, expressos particularmente pelos idosos, fica explícito no depoimento de um jovem escolarizado:

“... é difícil para os mais velhos entenderem, mas vão entender. Se a gente falar bem português vai vencer a parada”.

(Depoimentos: V.W.)

7.3.-OS POMERANOS DE ESPIGÃO D'OESTE-RO

Como sabemos, a história dos pomeranos de Espigão D'Oeste, inicia-se com a chegada dos primeiros pomeranos ao Brasil. Deslocados de seu lugar de origem, procuraram ao longo de seu percurso manter sua identidade cultural e linguística, guardando os costumes e tradições e conservando a língua pomerana como instrumento exclusivo de sua expressão. As migrações constantes que os pomeranos realizaram a partir do Espírito Santo colocaram à prova a disposição de manutenção da língua e da cultura pomerana.

Os dados históricos e os depoimentos obtidos nos mostram que o traço particular dos pomeranos era o predomínio quase total da língua pomerana. A língua portuguesa, quando necessário, era usada pelos homens, para contatos externos. Fechados sobre si mesmos, os pomeranos recusavam o mundo exterior à sua comunidade étnica, procurando o isolamento geográfico, apegados à tradição de trabalhar a terra, não frequentando a escola.

A comunidade dos pomeranos de Espigão D'Oeste-RO, constituiu-se, no início dos anos setenta, a partir da reunião de pomeranos com uma longa história de migrações.

Quase vinte anos depois, acrescida de novos membros, esta comunidade não é a mesma de seus primeiros tempos. Tendo alguns de seus membros recebido terras do INCRA, já não sentem necessidade de realizar novas migrações. Além disso, a comunidade localiza-se em região próxima à zona urbana, não mais isolada, como em experiências anteriores. A proximidade com a zona urbana fez com que os contatos com a sociedade envolvente se tornassem constantes e necessários, estabelecendo-se uma espécie de dependência natural entre eles. Desde o início, a escola pública em língua portuguesa passou a fazer parte da vida da comunidade. A ação da Igreja Luterana, presente desde o início, realizou suas atividades religiosas e comunitárias em língua portuguesa. O conjunto desses fatores teve um grande impacto em setores da comunidade, como os adultos, mulheres e jovens, em função das relações externas necessárias para a vida da comunidade, da ação religiosa e escolar. Como consequência, o quadro da situação linguística da comunidade reorganizou-se. A língua pomerana que vinha sendo a língua exclusiva de expressão cede lugar à língua portuguesa. Assim, a língua pomerana assumiu o espaço das relações familiares, como veículo de expressão da cultura pomerana. A língua portuguesa, de símbolo das relações com a comunidade externa, passou a integrar a vida da comunidade ocupando o espaço das relações sociais e públicas.

De um monolinguismo inicial, a comunidade dos pomeranos de Espigão D'Oeste, apresenta-se dividida quanto ao uso das línguas pomerana e portuguesa. Idosos e jovens representam polos opostos respectivamente, de uso do pomerano e do português. Trabalhadores da terra (meeiros e assalariados), permanecem apegados à língua e à cultura tradicional, diferenciando-se do comportamento bilingue instalado na comunidade, representado pelos adultos em geral, e distante da opção radical dos jovens pela língua portuguesa.

Com relação à situação linguística da comunidade dos pomeranos de Espigão

D'Oeste é importante destacar o papel das mulheres. Vistas como guardiãs dos ensinamentos tradicionais, as mulheres mostram uma atitude favorável à língua portuguesa que tem tido como consequência a adoção de comportamento bilingue. Tendo sempre vivido à margem das decisões da comunidade, desvalorizadas pela condição feminina, as mulheres podem ser vistas como agentes potenciais de difusão da língua portuguesa no domínio familiar.

CAPÍTULO 8

OBSERVAÇÕES FINAIS

A presente dissertação teve como objeto a comunidade dos pomeranos de Espigão D'Oeste-RO. Procuramos, ao longo do trabalho, apresentar suas origens históricas e suas características culturais. Apresentamos também a comunidade de fala dos pomeranos, do ponto de vista dos usos linguísticos e atitudes manifestas com relação ao português e ao pomerano. Tentamos ainda, através de depoimentos de alguns de seus membros, reconstituir a história linguística do grupo.

Como mostramos, os pomeranos originalmente monolíngues na língua pomerana, integraram o português na suas vidas. É possível apontar que ocorreu um grande recuo da língua pomerana paralelo a um visível avanço da língua portuguesa dentro da comunidade. Em nossa avaliação é possível identificar alguns fatores responsáveis por essa situação. Nesse sentido consideramos que a estabilização da comunidade aliada à proximidade com a zona urbana possibilitou a abertura da comunidade às relações exteriores e trouxe a escola, o sindicato e a igreja, veículos propagadores da língua portuguesa e de atitudes positivas em relação à esta. O único grupo que permaneceu fortemente monolíngue em pomerano são daquelas pessoas que, buscando isolamento, se apegam às tradições e conseqüentemente à língua pomerana: os idosos e os trabalhadores da terra.

Decidimo-nos por tentar visualizar o percurso linguístico dos pomeranos de Espigão D'Oeste-RO, num **gráfico-simbólico-representativo** que apresentamos nesta conclusão do trabalho.



ANEXOS

1.- Mapa da antiga Prússia

1.1.- Mapa da Formação Territorial da Prússia

1.2.- Mapa da Alemanha

1.3.- Mapa do Crescimento da Alemanha 1740 - 1871

1.4.- Mapas geográficos da Polônia

1.5.- Mapa da Pomerânia

1.6.- Mapa de localização da Pomerânia na época da Emigração.

1.7.- Mapa de localização da Pomerânia e os países que ela pertence hoje

1.8.- Mapa da Imigração pomerana no Espírito Santo

1.9.- Mapa do Brasil localizando Rondônia

1.10.- Mapa de Rondônia localizando Espigão D'Oeste

1.11.- Mapa de Espigão D'Oeste-RO

1.12.- Mapa de estradas Municipais localizando a Linha Figueira

2.- Fotos e gravuras sobre a imigração pomerana

3.- Textos produzidos por pomeranos de Espigão D'Oeste (RO), Santa Maria de Jetibá (ES) e Laranja da Terra (ES), organizados por Ismael TRESSMANN.

4.- Ficha de Histórico Pessoal

5.- Questionário

6.- Roteiro para entrevista

1.- MAPA DA ANTIGA PRÚSSIA

Fonte: Grande Enciclopédia Delta Larousse-Vol.10.pp.5576 - 1970

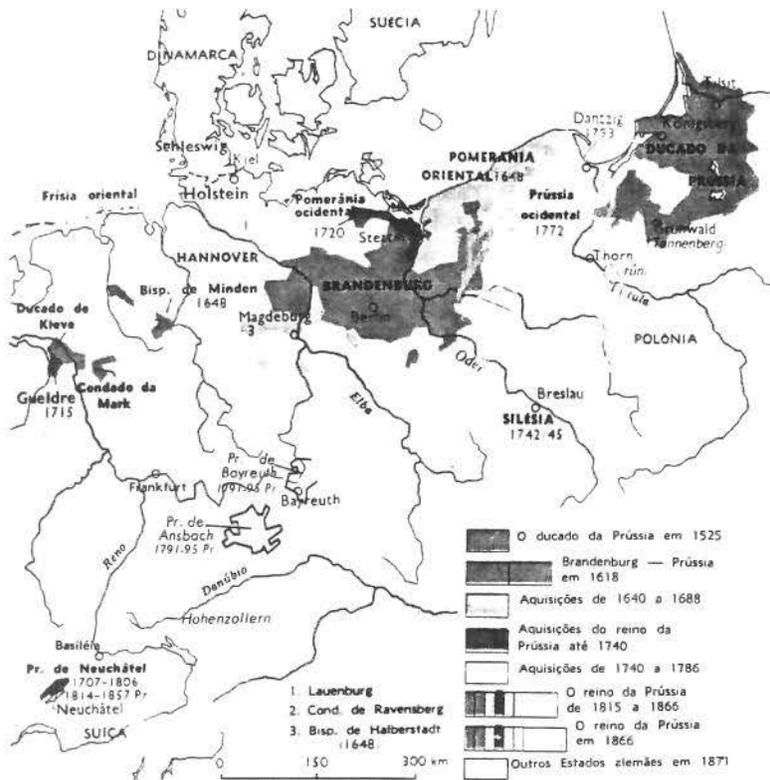
PRÚSSIA



André Gonçalves

EXTENSÃO TERRITORIAL DA PRÚSSIA





a formação territorial da Prússia

cida no ducado (1660). Torna-se, assim, o mais poderoso príncipe protestante da Alemanha. Em 1701, seu filho é coroado rei da Prússia com o nome de Frederico I. Continua vassalo do Imperador, na qualidade de eleitor de Brandenburg, mas é independente como rei da Prússia. Frederico Guilherme I (1713-1740) cria e organiza o exército e a burocracia, que permitem a Frederico o Grande (1740-1786) levar adiante sua política de conquista e anexar a Prússia Ocidental (1772). Nas vésperas das guerras da Revolução e do Império, a Prússia é a mais forte potência militar da Europa, mas, derrotada pelos franceses (Valmy, 1792), retira-se das coligações (tratado de Basileia, 1795) e permanece neutra até 1806. As forças prussianas são aniquiladas por Napoleão em Iena e em Auerstedt (1806), e no tratado de Tilsit (1807) a Prússia perde todas as terras a W do Elba, a maior parte de suas possessões polonesas e é mantida em estado de vassalagem pelos franceses. Em 1813, a Prússia, restabelecida, entra novamente na coligação contra a França. Suas tropas, sob as ordens de Blücher, vencem Napoleão em Leipzig e em Waterloo (1815). No congresso de Viena, a Prússia recebe a Pomerânia sueca, a metade norte da Saxônia, da Vestfália e da Renânia. Torna-se um dos principais Estados europeus e, com a Áustria, assume a frente da Confederação Germânica. Mas decepçiona os liberais alemães seguindo a política reacionária de Metternich no interior da Santa Aliança. Toma, entretanto, a chefia de Zollverein* (1834), que prepara a união política da Alemanha do Norte. A revolução de 1848 obriga Frederico Guilherme IV (1840-1861) a conceder uma constituição liberal (1849), mas este recusa a coroa imperial que lhe oferece o parlamento de Frankfurt. A convenção de Olmütz (1850) obriga-o a renunciar a toda tentativa de hegemonia na Alemanha. Em 1862, Guilherme I (1861-1888) escolhe como chanceler Bismarck, que, após haver vencido a Áustria em Sadowa, impõe o domínio da Prússia à Alemanha do Norte e, após sua vitória sobre a França (1870), realiza a unidade alemã em proveito do rei da Prússia, coroado imperador da Alemanha (Versalhes, 1871). Desde então, a história da Prússia confunde-se com a da Alemanha*. Mantida na república de Weimar após 1918, a soberania nacional da Prússia é progressivamente transferida para o Reich em 1933-1935 e desaparece definitivamente com a derrota do III Reich (1945).

prussiano adj. Da Prússia. + s. m. Natural ou habitante da Prússia. || Ling. Dialeto báltico antigamente falado na Prússia, e hoje desaparecido. O mesmo que *velho prussiano*.

Prússia Ocidental, em al. *Westpreussen*, prov. do ant. reino da Prússia, situada entre a Pomerânia e o rio Vístula. Cap. *Danzig*. Foi retirada da Polónia por ocasião da partilha de 1772 e reunida à Prússia Oriental de 1872 a 1877. Retornou à Polónia (salvo Danzig) em 1919. Anexada pela Alemanha em 1939, foi restituída à Polónia em 1945.

Prússia Oriental, em al. *Ostpreussen*, prov. do ant. reino da Prússia, situada entre os rios Niemer e Vístula. Cap. *Königsberg*. Pelo tratado de Potsdam, a Prússia Oriental foi em 1945 partilhada entre a U.R.S.S. e a Polónia.

Prússia Oriental (CAMPANHAS DA), operações que se desenrolaram nessa província durante as duas guerras mundiais, entre os alemães e os russos. Essas operações foram particularmente marcadas pelas vitórias alemães de Hindenburg sobre Rennenkampf, nos lagos Masurianos, sobre Samsonov em Tannenberg (agosto de 1914), e conquista de Prússia Oriental pelas tropas soviéticas de Tcherniakovski e, mais tarde, de Vassilevski (janeiro-fevereiro de 1945).

Prússia Renana ou Província do Reno, em al. *Rheinprovinz*, ant. prov. da Prússia. Cap. *Coblença* (Koblenz). Pequena parte pertence, desde 1946 ao Est. da Renânia-Palatinado, e a parte maior ao da Renânia Setentrional-Vestfália. (Alemanha oc.)

prussiato s. m. *Quím.* O mesmo que *cianeto** (Comercialmente, o *prussiato amarelo* e o *prussiato vermelho* designam, respectivamente, o ferrrocianeto e o ferricianeto de potássio.) || *Papel de prussiato*, papel sensível à luz e empregado na obtenção de cópias de mapas, diagramas etc.

prússico adj. *Quím.* O mesmo que *cianídrico**.

prustita s. f. *Miner.* Var. de *proustita**.

Pruszków, cid. satélite de Varsóvia (Polónia); 37.500 hab. Indústrias metalúrgicas e químicas.

Prut, em romn. *Prutul*, em al. *Pruth*, rio da Europa oriental, que separa a U.R.S.S. da Romênia, afl. do Danúbio (margem esq.); 950km.

pruta ou prutah s. m. Unidade monetária divisionária de Israel, com o valor de um milésimo da libra israelense. (Diz-se também *mil*.) (O pl. em hebraico é *prutot*.)

przefecz (pal. pol.), t. geogr. sign. *passo*.

Przemysł, cid. da Polónia (voivodia de Rzeszów), às margens do rio San; 48.000 hab. Indústrias metalúrgicas (fundição de sinos) e químicas. Entrincheirados na cidade, invadida pelos russos desde setembro de 1914, os austríacos foram obrigados a capitular depois de perseverante resistência em março de 1915; a cidade foi retomada pelos alemães em julho de 1915.

przesmyk (pal. pol.), t. geogr. sign. *istmo*.

Przybyszewski (Stanisław), escritor polonês (Łojewo, perto de Inowrocław, 1868 - Jaronty, perto da mesma cidade, 1927). Foi um dos líderes da boêmia berlinense de 1890, escrevendo então, em alemão, romances que contribuíram para a vitória do simbolismo e do misticismo decadentista na literatura alemã: *Totenmesse* (*Missa dos mortos*) (1893); *Vigilien* (*Vigílias*) (1894); *Homo sapiens* (1898). Suas obras em polonês não tiveram a mesma repercussão. Do valor permanente é um estudo seu sobre Chopin.

przyładek (pal. pol.), t. geogr. sign. *cabo*.

Przylenk M.S.F. (João Batista), sacerdote católico (Brandenwalde, Alemanha, 1916). Ordenado (1940), eleito e sagrado (1962) bispo da diocese de Januária (MG), sufragânea da província eclesiástica de Diamantina.

P.S., abrev. de *post-scriptum*.

psaliota s. f. Gênero (*Psallota*) de fungos basidiomicetes himenomicetes da família das agaricáceas, de que se conhecem cerca de setenta espécies, a maioria das quais comestível. Compreende cogumelos de esporos castanho-purpúreos, com um anel no alto da estipe e lamelas livres que partem do bordo do píleo e não chegam até a estipe. (*P. campestris* é o cogumelo mais cultivado e que mais

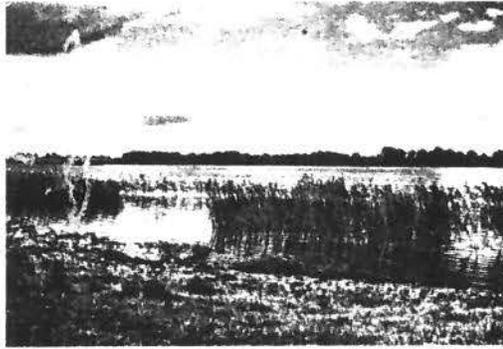


psaliotas





Varsóvia



lago de Mazúria



Gdańsk: porta da cidade e cois

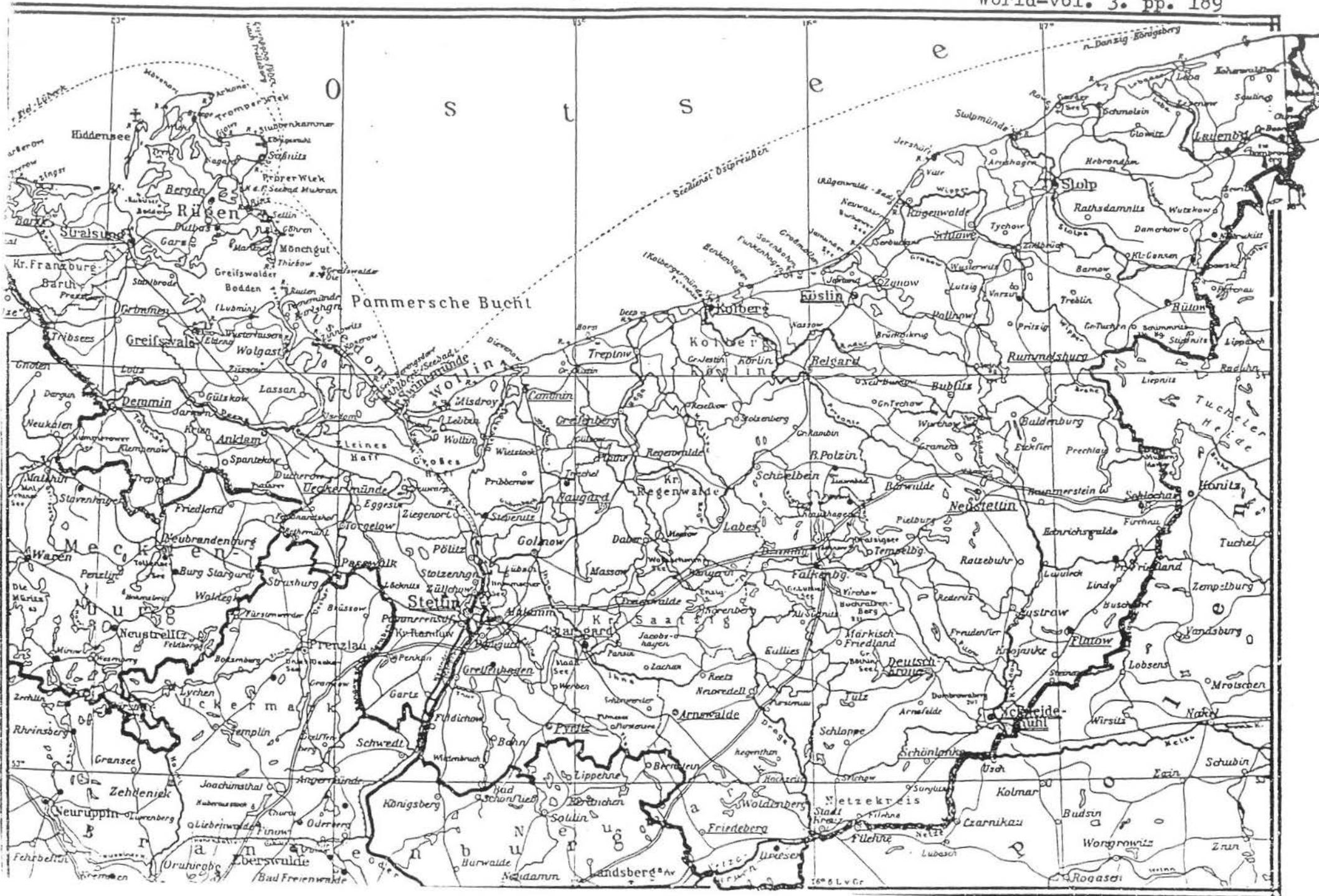
Polónia, em pol. Polska, república popular da Europa central, na costa do Báltico, entre a República Democrática Alemã a W, a U.R.S.S. a L, e a Tchecoslováquia ao S; 312.520km²; 33.116.000 hab. (estim. 1970). Cap. Varsóvia. Língua: polonês. Religião: catolicismo. A fronteira oriental da Polónia atual segue aproximadamente a antiga linha Curzon, fixada depois da primeira guerra mundial no limite entre as zonas de povoamento nacional polonês e as populações da Lituânia, da Bielorrússia e da Ucrânia. Ao S e a W, a Polónia é imitada pelo rebódo do maciço da Boémia, que a separa da Tchecoslováquia, e pelo Nysa lusaciano em al. Neisse) e o Oder, que determinam a fronteira com a República Democrática Alemã.

GEOGRAFIA

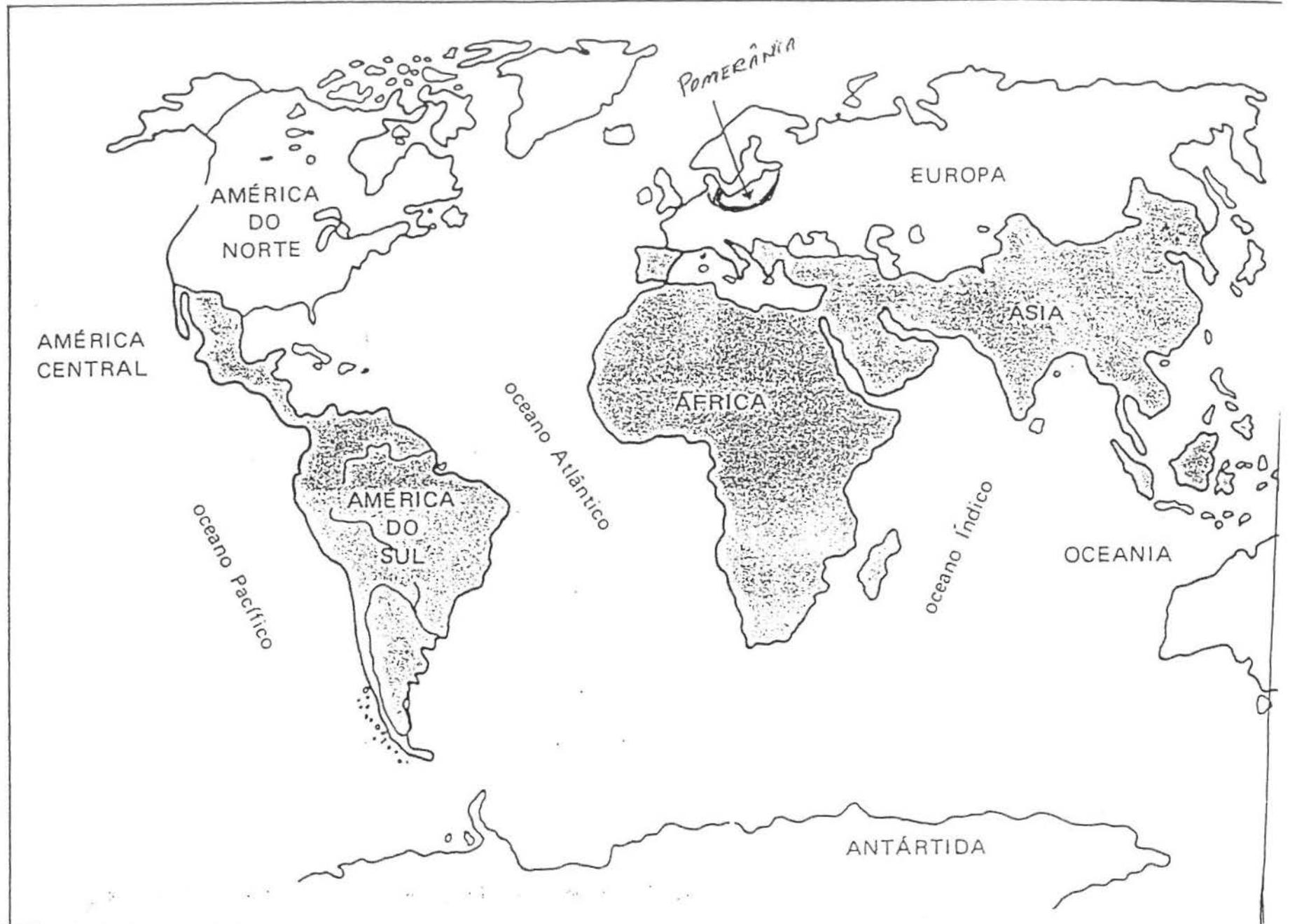
Geografia física. A Polónia é um país de relevo não notório, ocupada na sua maior parte por uma planície formada de depósitos glaciares quaternários, caracterizada por numerosos lagos, superfícies onduladas, rede hidrográfica desordenada etc. Pode-se, contudo, distinguir no país várias regiões naturais: 1ª) ao S os *Cárpatos poloneses*, maciço forestal de tipo alpino, que atinge a maior altura no maciço dos *altos Tatras* (Rysy, 2.499m); é precedida pela cadeia arenítica dos Besquidos; 2ª) mais ao N, a *região subcarpática*, compreendendo o planalto da Pequena Polónia (com o maciço terciário dos Lysogóry), o vale do alto Vístula e o planalto de Lublin; 3ª) ao SW, a *Silésia* e o rebódo oriental do maciço da Boémia (distingue-se a *baixa Silésia*, em volta de Wrocław, da *alta Silésia*, na saída setentrional da porta da Morávia); 4ª) a *grande planície central*, que ocupa cerca de três quartos do território polonês e é irrigada pelo Oder, pelo Warta, pelo Vístula e pelo Bug estende-se pela Posnânia, Mazóvia [região de Varsóvia] e a Podlácia; 5ª) ao N as garupasálticas (Pomerânia oriental e Mazúria), região de lagos e pântanos; 6ª) uma *costa* baixa e arenosa (berta em dois golfos (golfos de Szczecin e de Gdańsk) que correspondem às embocaduras do Oder e do Vístula. O clima é de tipo continental, com invernos rigorosos e secos (Varsóvia: média de janeiro, -3,5 °C) e verões precoces, relativamente quentes (médias de julho, 18,2 °C) e empetuosos (precipitações anuais: 550mm). A floresta, onde predomina o pinheiro, ocupa um quarto do território. Os principais rios partem dos Cárpatos (Oder, Vístula) ou do planalto da Pequena Polónia (Warta, Pilica) e se dirigem para o N. São, na maioria de seu curso, parcialmente congelados no inverno.

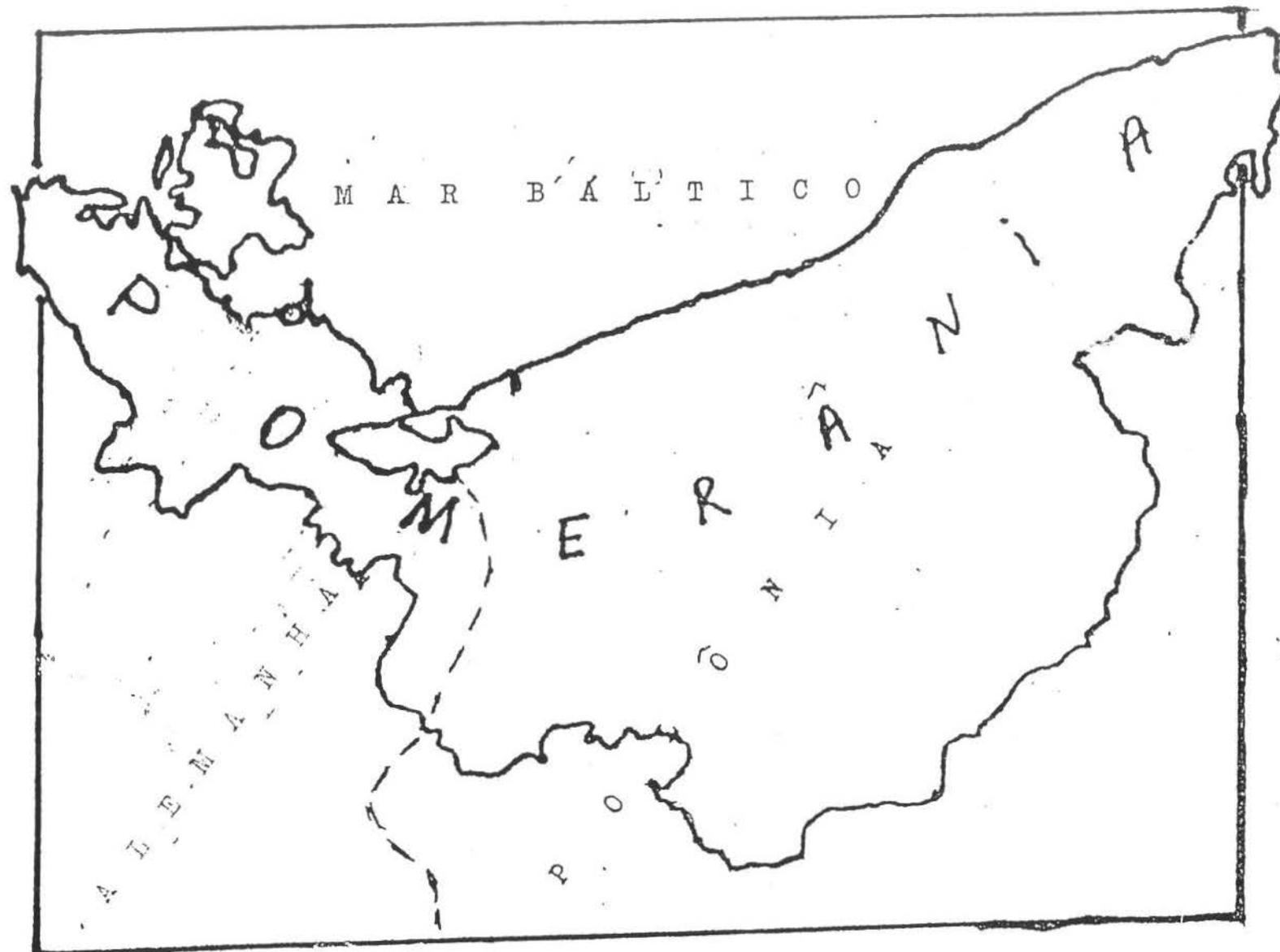
Geografia humana e econômica. Depois que as populações polonesas das regiões devolvidas à U.R.S.S. foram repatriadas, o território polonês passou a ser densamente povoado. A população total elevava-se a 24.000.000 hab. em 1946, atualmente já atinge 32.000.000 (densidade média superior a 100 hab./km²). O crescimento relativamente rápido deve-se ao aumento da taxa de natalidade e sobretudo à baixa sensível da taxa de mortalidade (7,6/1.000 hoje). A população se concentra principalmente no sul, região de solos mais férteis e sobretudo de possibilidades industriais maiores. O movimento de industrialização tem favorecido o surto das cidades, das quais cerca de vinte e cinco ultrapassam 100.000 hab., entre elas Varsóvia, Łódź, Cracóvia, Wrocław. Em 1939, a Polónia era antes de tudo uma nação agrícola e, apesar da reforma agrária de 1920, grande parte das terras permanecia em mãos de um pequeno número de grandes proprietários. A integração





1.6. Mapa de Localização da Pomerânia na época da Emigração
Fonte: Jacob - Memórias 3 - ES - 1992



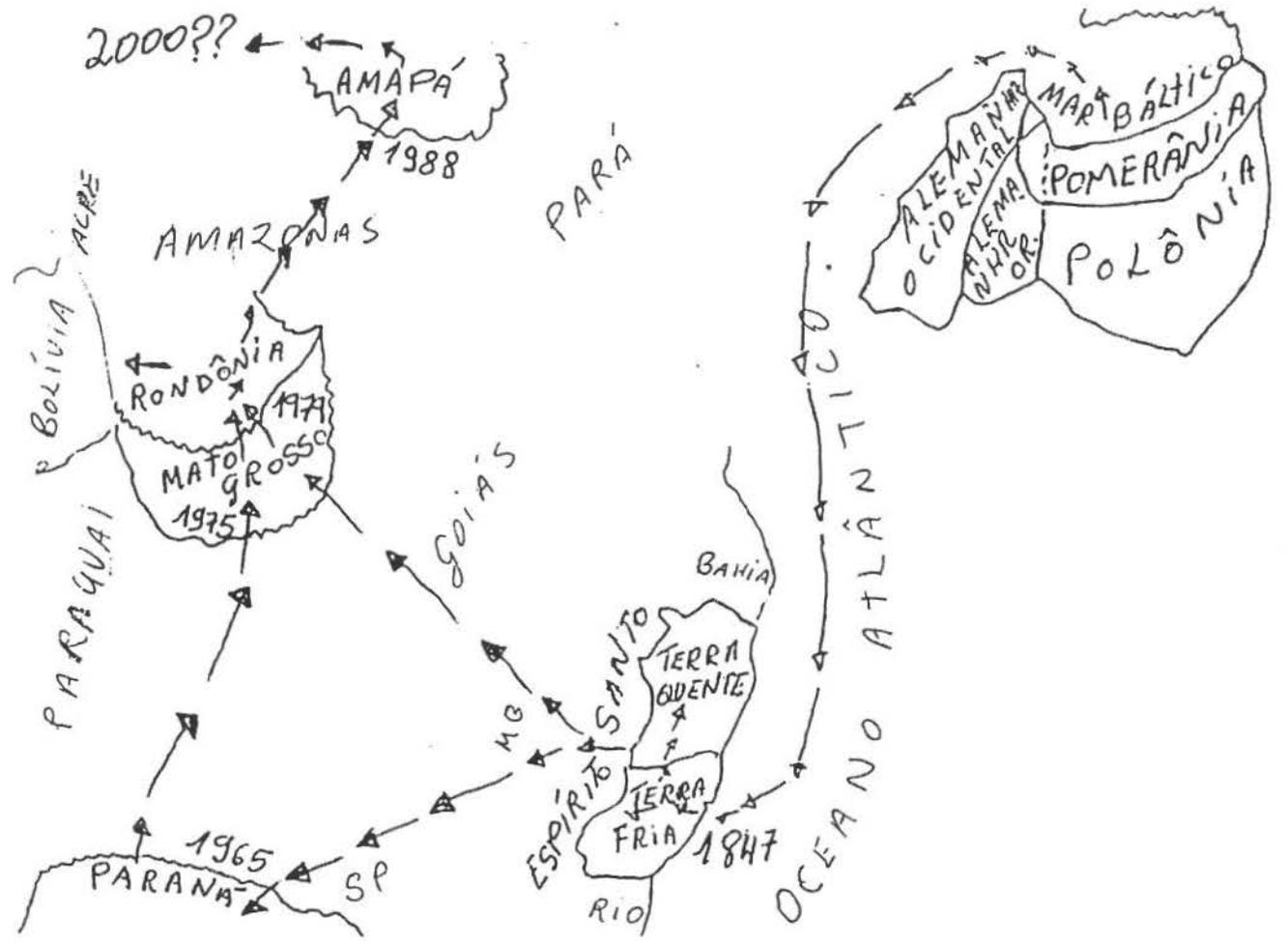


LOCALIZAÇÃO DA POMERÂNIA E OS PAÍSES QUE ELA PERTENCE HOJE (Depois de 1945).

1.8.-

A IMIGRAÇÃO POMERANA NO ESPIRITO SANTO

Fonte: Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo 1980.

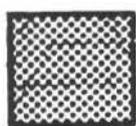


Observe no mapa abaixo, as partes em que o nosso Brasil está dividido.

1.9.- Mapa do Brazil localizando Rondônia

Fonte: SECRETARIA DE EDUCAÇÃO - SEDUC

1989. Porto Velho - RO - pp. 20



Rondônia

dade, formam uma comunidade maior: O Município.

O Município faz parte do Estado.

O conjunto de municípios, forma um Estado.

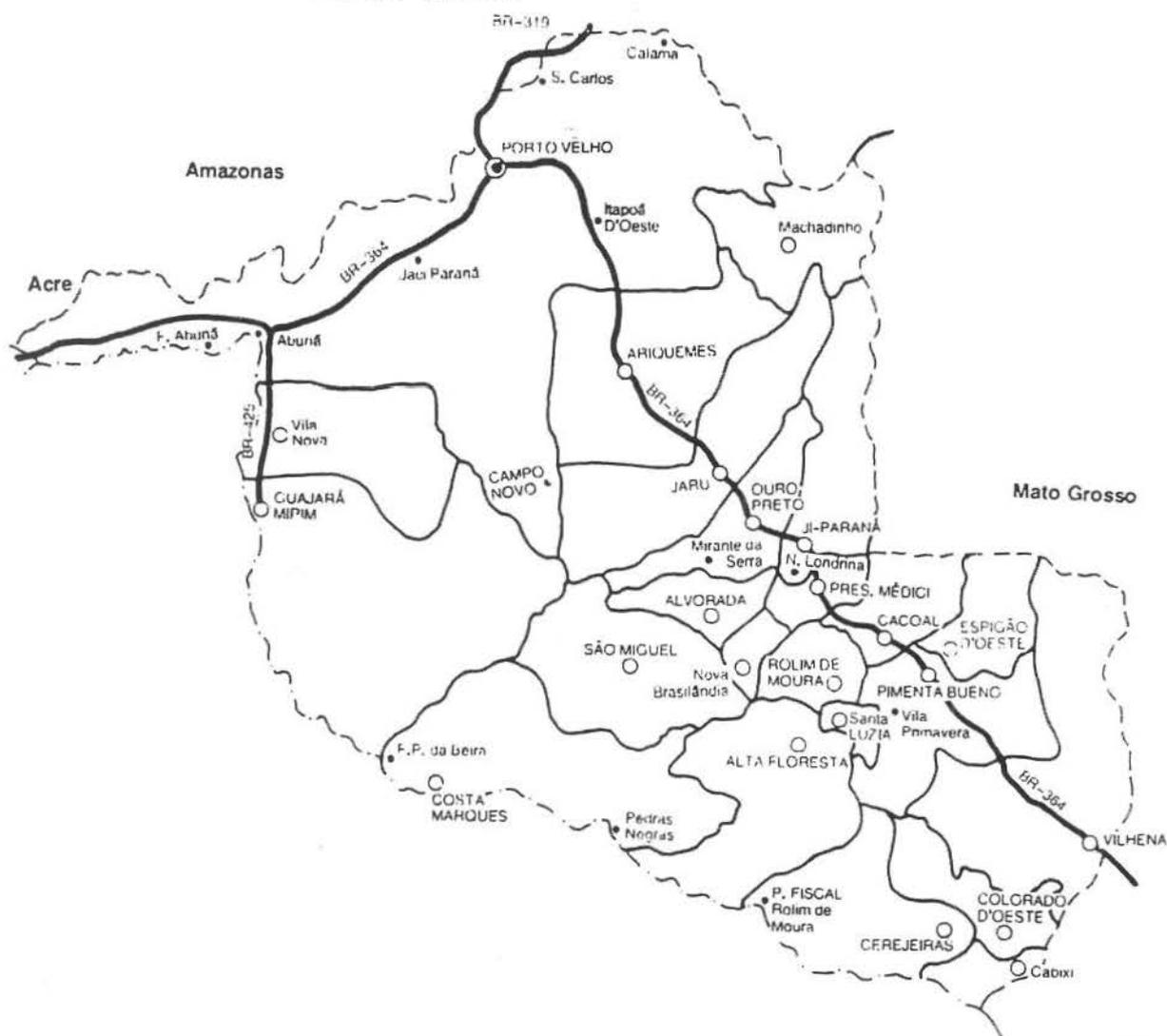
O Estado de Rondônia está dividido em muitos municípios.

Rondônia é o nosso Estado.

Observe o mapa de Rondônia.

1.10-Mapa de Rondônia localizando Espigão D'Oeste

Fonte - SECRETARIA DE EDUCAÇÃO = SEDUC - PORTO VELHO - RO
1989. pp.13



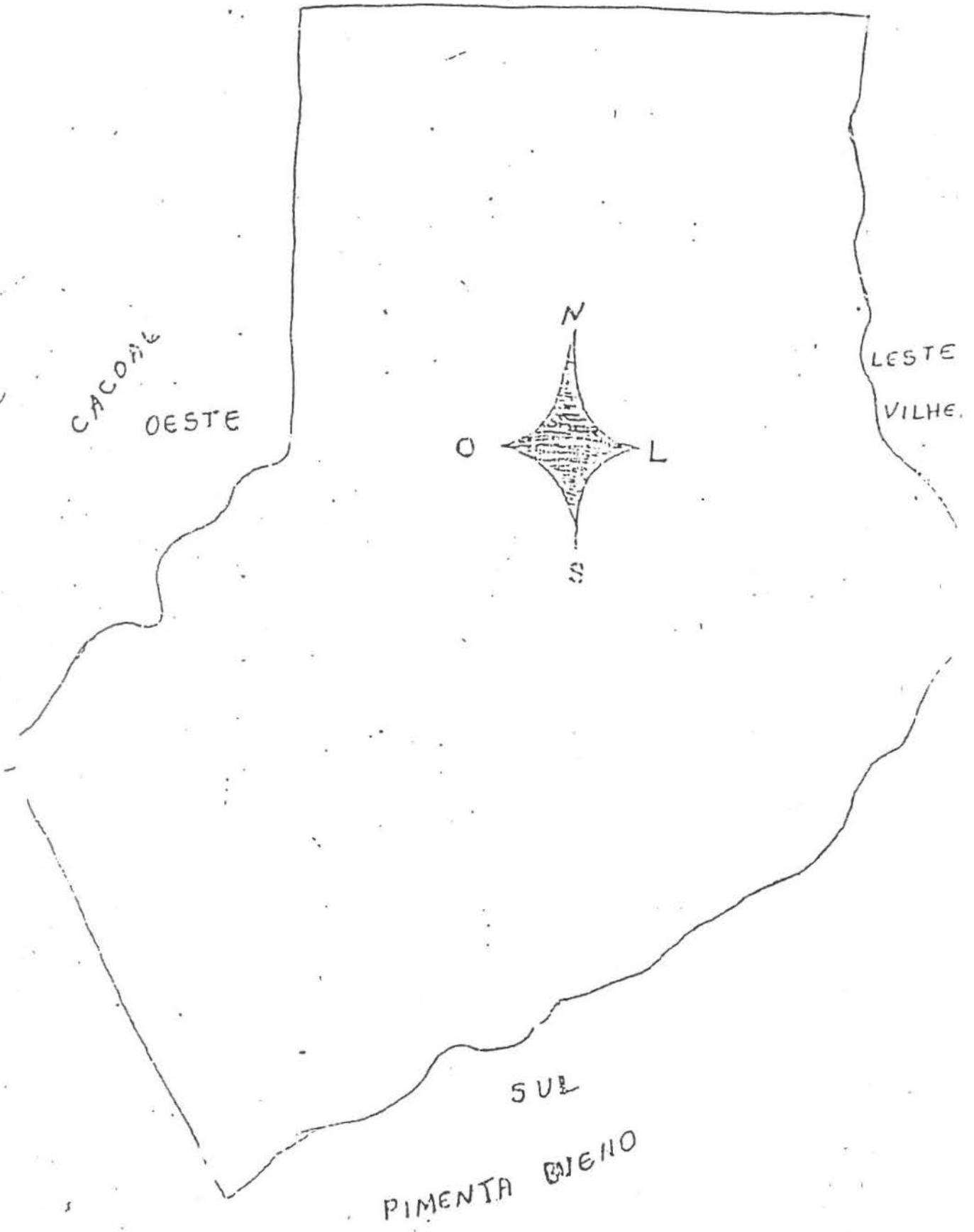
1.11.- Mapa de Espigão D'Oeste - RO

Secretaria Municipal de Educação e Cultura

FONTE- SEMEC - Espigão D'Oeste - RO

MATO GROSSO

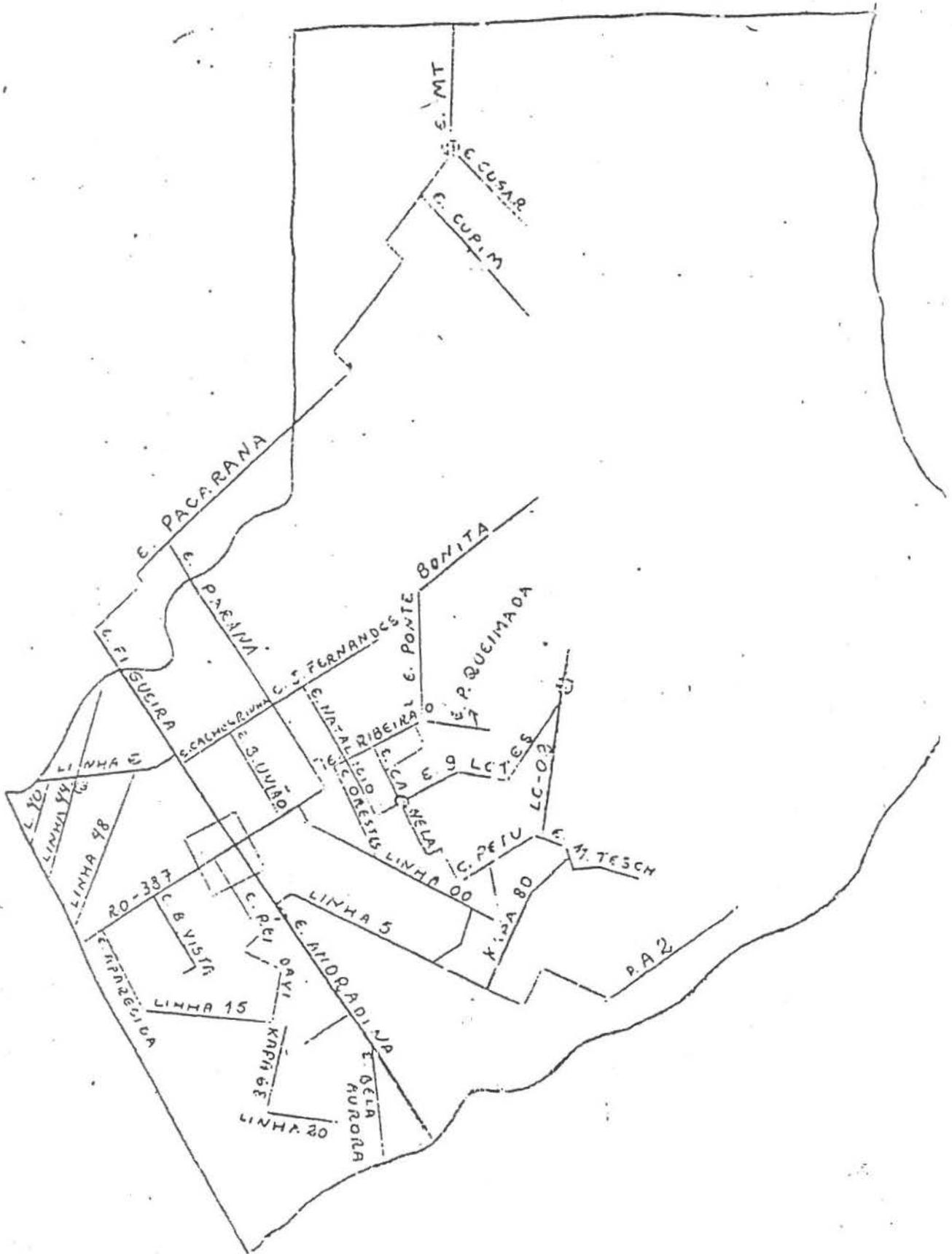
NORTE



1.12. Mapa de estradas Municipais localizando a Linha Figueira - Secretaria Municipal de Educação e Cultura

- Fonte: SEMEC - Espigão D'Oeste - RO

ESTRADAS MUNICIPAIS



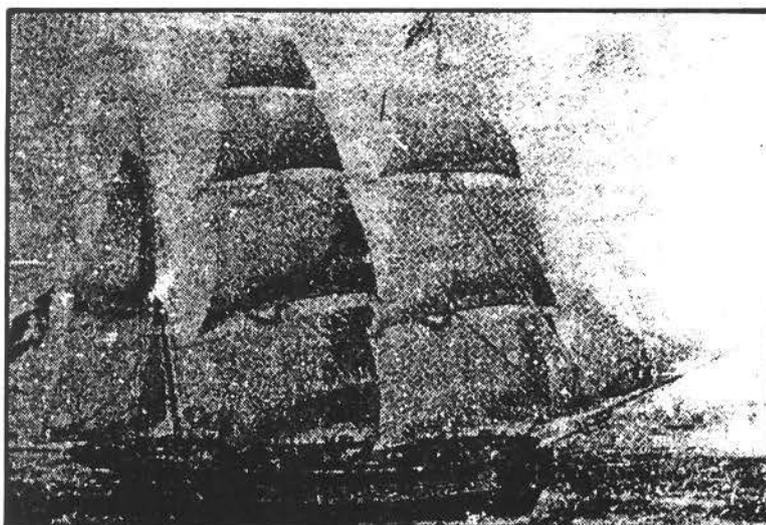
2. - Fotos e gravuras sobre a imigração pomerana

Fonte: Coleção Memórias 3

Departamento Estadual de Cultura

Vitória - ES - 1992

— FOTOS E GRAVURAS SOBRE A IMIGRAÇÃO



Veleiro que transportava imigrantes pomeranos na década de 1850.

(fonte: O CAMINHO, 1987: p. 2)



A primeira casa dos imigrantes pomeranos no Espírito Santo, construída de "pau-a-pique" e coberta com folhas de palmitos.

(fonte: O CAMINHO, 1987: p. 3)

Fonte: Coleção Memórias 3

Departamento Estadual de Cultura

Vitória-ES - 1992



Vestimenta típica nos primórdios da imigração.

LOCALIZAÇÃO DAS COMUNIDADES POMERANOS NO ESPÍRITO SANTO



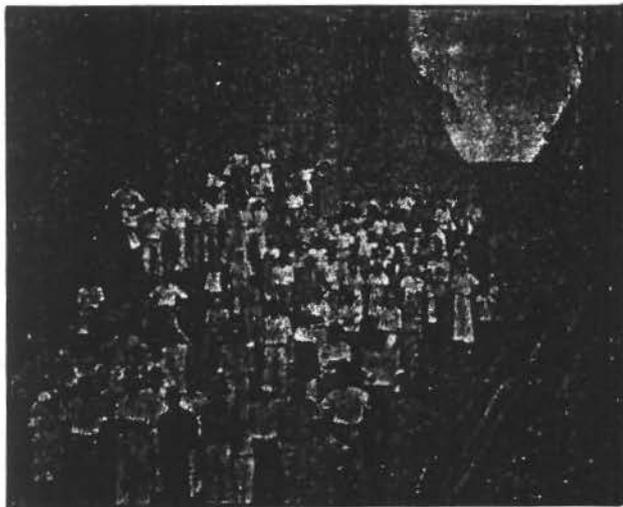
Fonte: Coleção Memórias 3

Departamento Estadual de Cultura

Vitória - ES - 1992



Igreja dos primeiros imigrantes pomeranos feita de 'pau-a-pique' e coberta com folhas de palmitos.
(fonte: O CAMINHO, 1987: p. 3)



Multirão ou "juntamento", para abrir estradas em Jequitibá, no sul do Espírito Santo.
(fonte: VOLLBRECHT, 1982: p. 27)

Fonte: Coleção Memórias 3
Departamento Estadual de Cultura
Vitória - ES - 1992



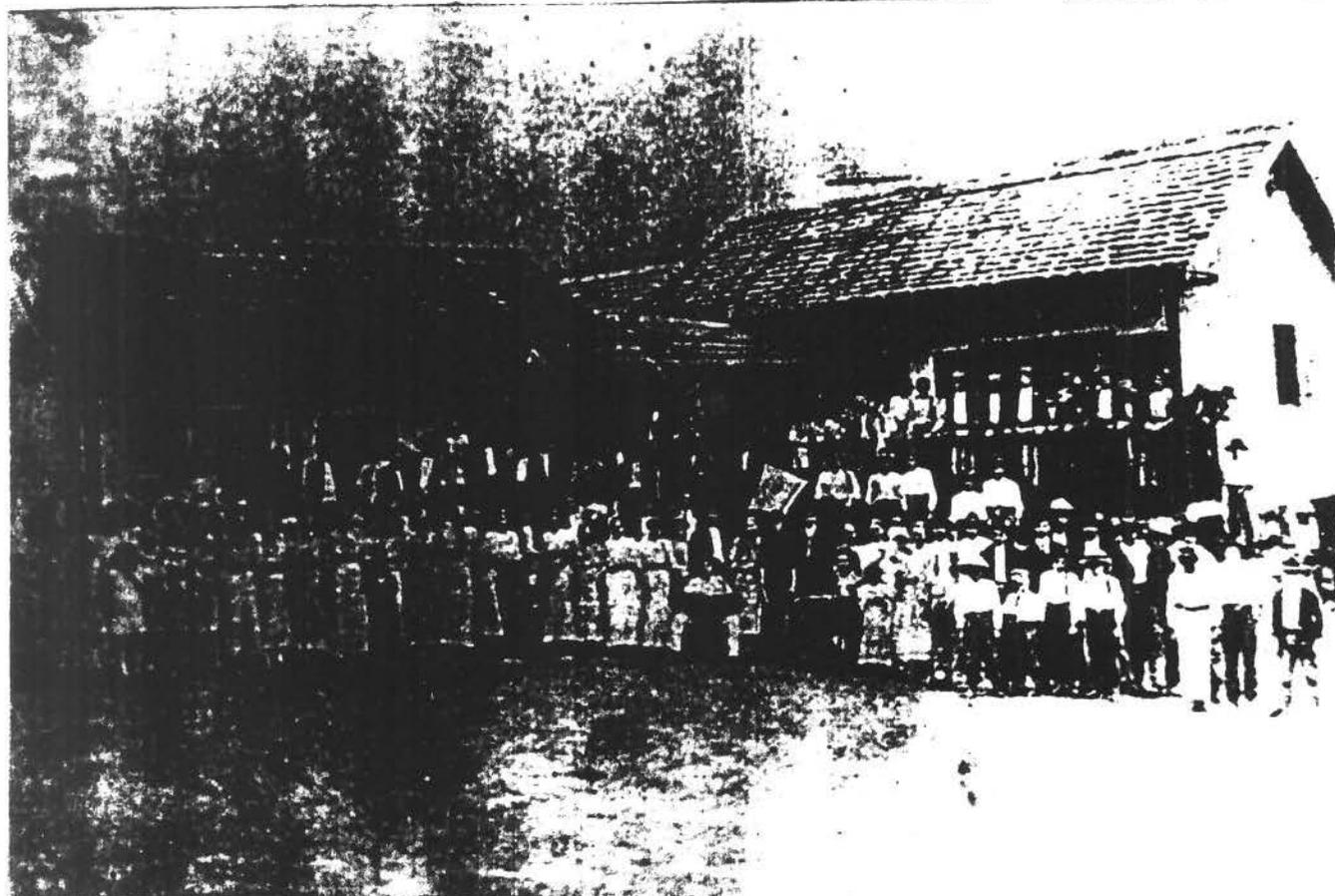
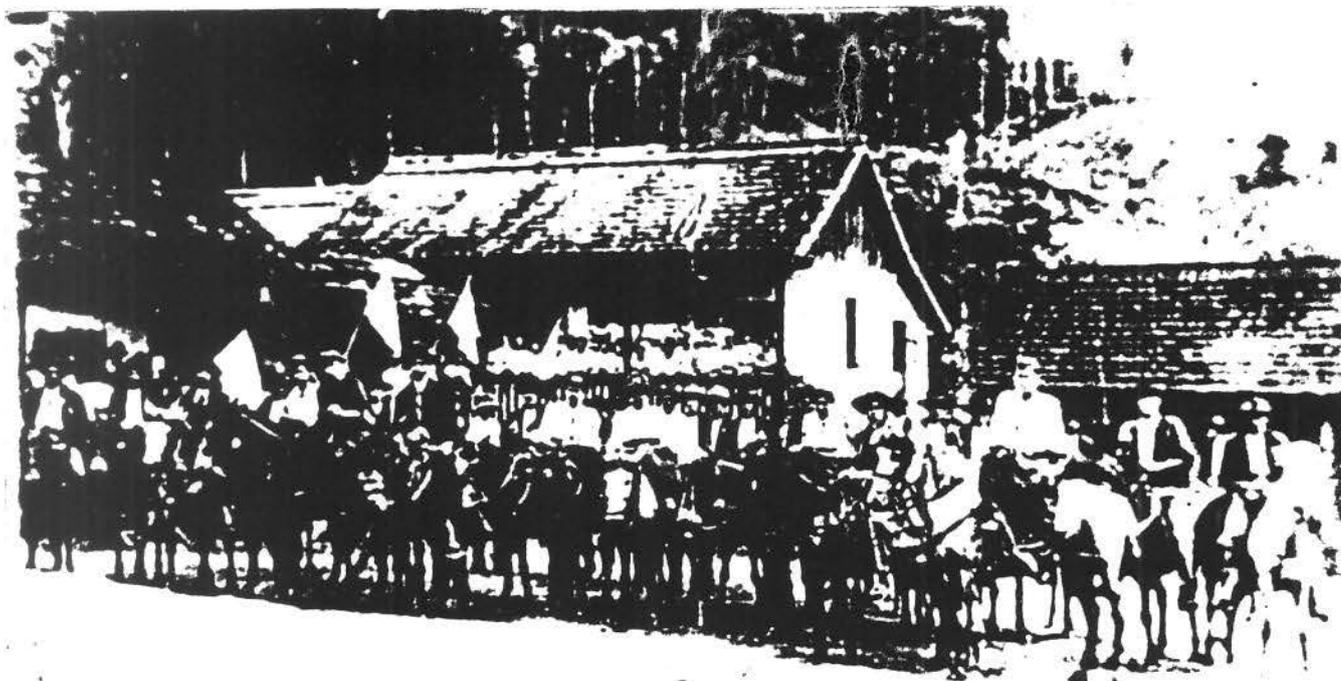
Uma casa típica de pomeranos com a cozinha separada.



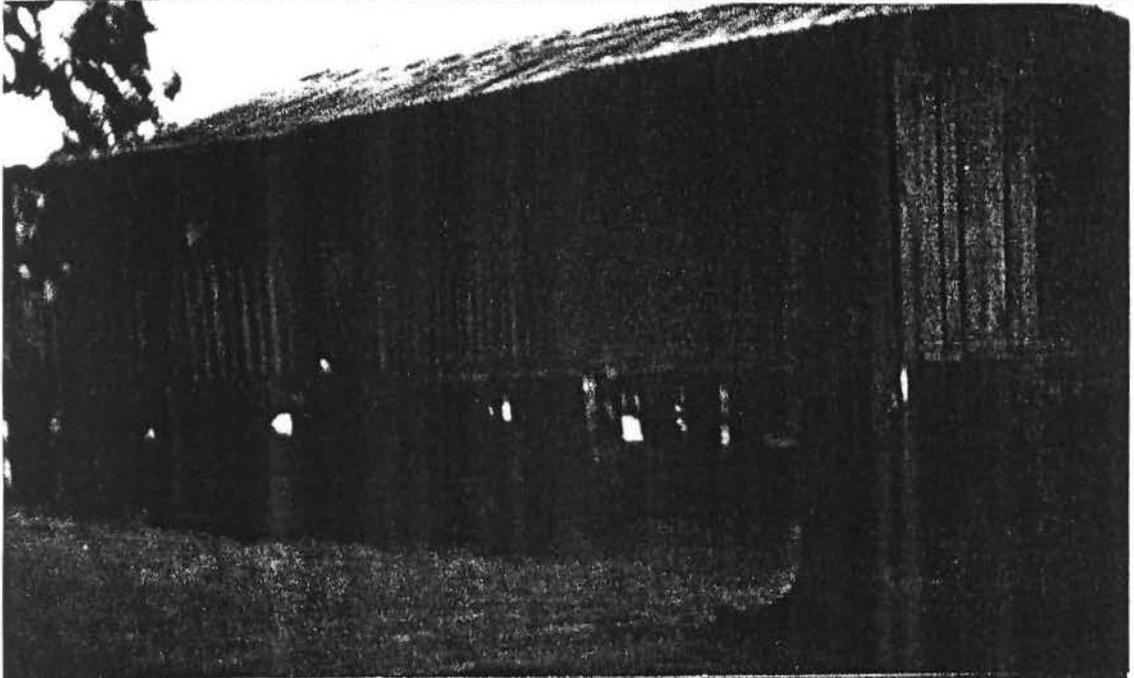
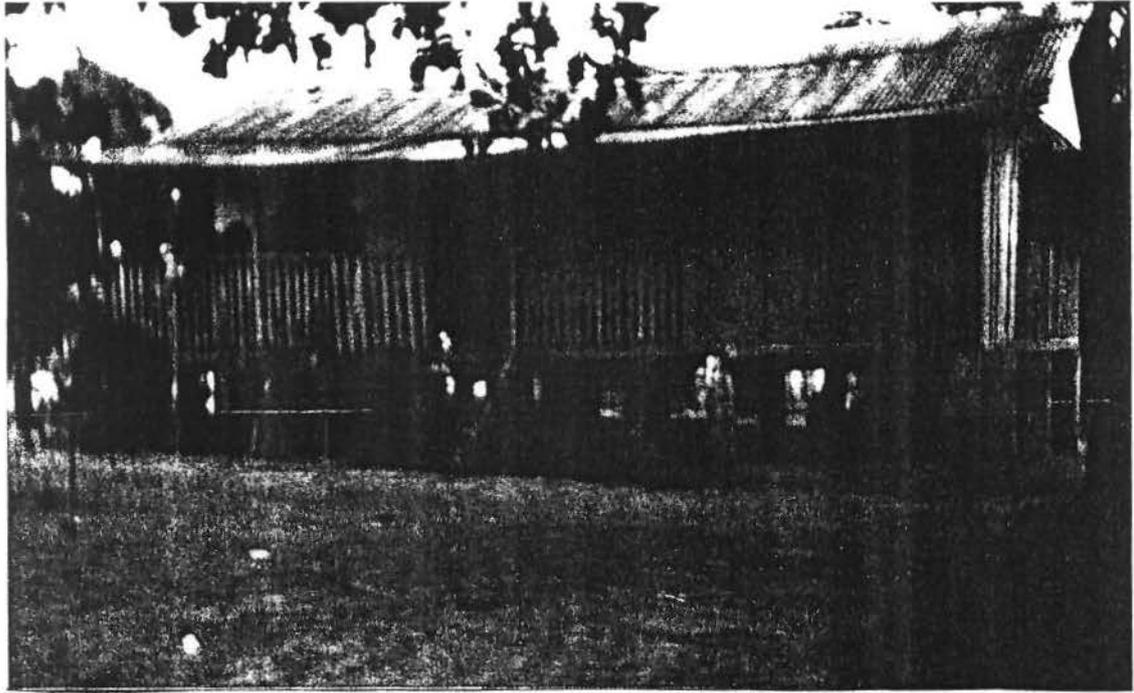
Uma casa típica pomeranos num dia de casamento.

CASAMENTO POMERANO TRADICIONAL

Cedido pelo Sr. Martin Tesch - comerciante pomerano
de Espigão D'Oeste - RO



Ângulos diferentes de uma casa típica pomerana
na zona rural de Espigão D' Oeste-RO



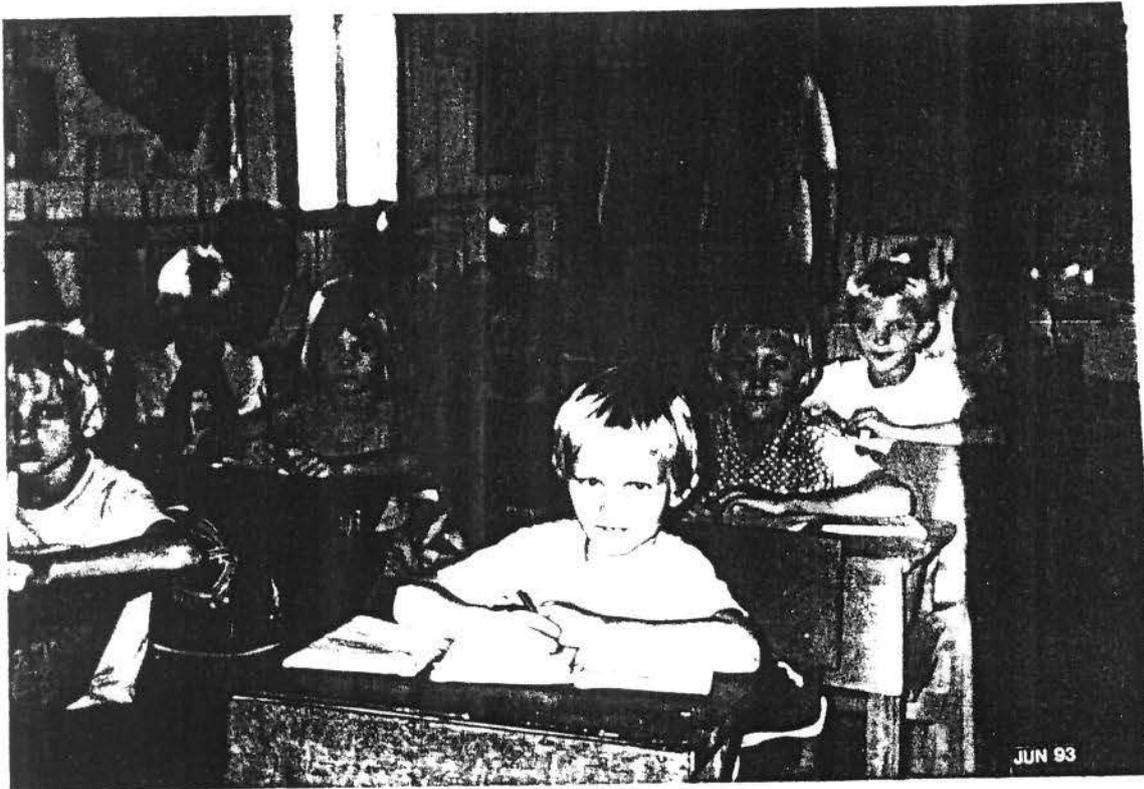
Reuniões específicas de Mulheres



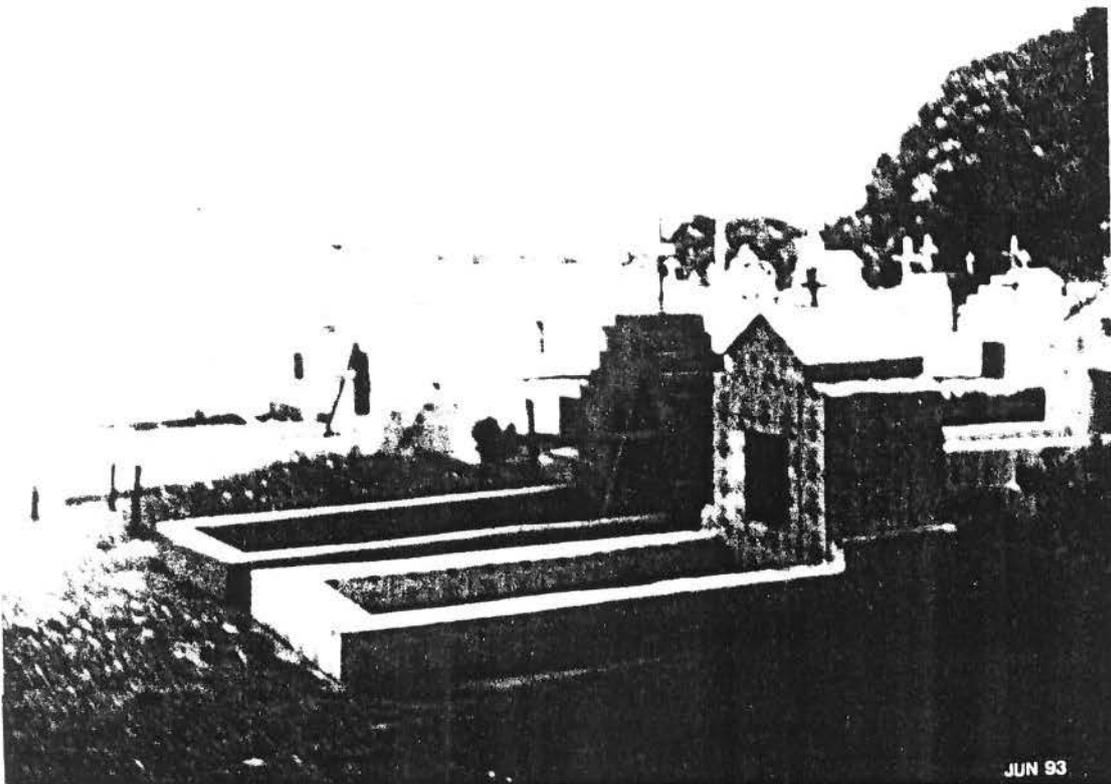
Encontro após o culto na Zona Rural de Esrigão D'Oeste-RO



Escola da Zona Rural de Espigão D'Oeste - RO, (A maioria dos alunos são descendentes de pomeranos)



Cemitério Pomerano na Linha Figueira - Zona Rural de Espigão D'Oeste



Organizador: Ismael Tressmann

EIPI

Upa land dau dai lü feela eipi planda.

Dai eipi ka ma bruka ta feel daila. Wen dai eipi gaud waik kookt, smekt dai seia gaud. Meist jeira sündach daua wi eipi kooka mit polasup.

Mit dem eipi ka ma farin mooka un fon dem woota ka ma sterk mooka. Dai eipi waad kookt un fin stambt.

Mit dem eipi ka ma uk baka broora un sogoo kuchan baka. Eipi ka ma manga michabroud mooka iena stel fona kara, nikasbanana ura jama.

Mit dem eipi ka ma uk swin un huina futra; dai waad den fin houwt mit aina fakau ura fin klopt mit aina knüpal.

Dai eipi waad meist üma pland wen dai reehandtid anfeengt un wen fulmoon ies. Dai eipi pland ma üma drai dooch noo na fulmoon, süsta fona fulmoon wasst dat alas iena louw. Wat iena ei wasst, muud ma ta taunemdamoon planda.

Meist üma daua dai fruchas eipi planda. Iena loch waad blous ain stok rina pland.

Jiwt feel sorta eipi: Botaeipi, jeelaeipi, araraeipi, batadaeipi, draimoonatseipi, kakaveipi, un manikeipi. Dai letzta ies jiewtich un decht blous tam farin mooka.

Delma Discher

FIESICHSUP

Fiesichsup waad mit fiesich mookt, un smekt seia gaud. Ma ka dai fiesich rouch kooka ura süsta aista baka un den noochee kooka.

Dai fiesich wara den waik kookt mit woota un zuka un a beetz suld. Wen 's den waik sien, den wara klüt mookt mit meel, eicha un a beetz woota.

Dai wara doo den mang mookt un waad noo kooka loota.

Dai fiesich sup huld seia sat. Dai waad hait jeta ura kuld.

Ais wi klain weida, wen fiesich tid wei, dei ous mama meist jeira sündach fiesichsup kooka. Dat wei ous aia fest, weecha wen ma klain ies, deengt ma jo blous an suit eeta.

Delma Discher

BANANA

Banana ies ain frucht wat seia gaud smeka deit.
Dai ka ma rouch eeta, jikookt, jibroot, ura sūsta ka ma uk kuchan baka.

Banana jiwit dat feel sorta. Wek daua seia groud wara, wek bliwa klain. Wi kena nikasbanana, klainnikasbanana, kookbanana, zukabanana, klainzukabanana, rustbanana un knutabanana.

Nikasbanana waad mit meel toup mookt tam nichabroud bakan.
Kookbanana waad jikookt, jibrood ura iena bakoowa jibakt.

Mita banana daua wi uk swin, hiena un eenda futra.
Dai banana wat aina grouda kasch kricha, dai muida stūt wara, sūsta fala dai ūm.

Arlindo Butzke

BAKOOWA

Bakoowa ies tam bakan: Kuchan, biskuit, roska, nichabroud, weitbroud;
kam uk flaisch inbaka un noo meia daila.

A bakoowa ka mit meia daila mookt: Mit laim klaima, mit taichal. Ma ka sich taichal mooka mit laim ei, ura taichal kōipa, un den deera bakoowa muura.
Wen dai drōich ies, den oiwadroocha.

A bakoowa muud a muul hewa un a roukloch, sūsta deid dat fūa nie brena.

Weem baka wūe, den mum ain krūk hewa tam dai koola ruuta rakan un aina schūwa tam broud rina bringen. Un den ka ma deera bakoowa tau stela bet bakt ies.

Elenir Butzke Agner

Zarawee

Aista fret dai zarawee dai kūkan ala up.
Denoo fret hai dai hien up.
Wen ain kluk brōicha deid, fret dai zarawee dai eicha up.

Hulda Thom Andritz

Hofk

Dai hofk het sich aia kūka greepa.
Dai kluk wei mit kūkan ana kafabach.
Dai hofk kaim an flaichan un greip sich ain.
Jeira dach greipa sich aia kūka.
Iena wald waad em sie futa aal.
Upa platz ies dat liecht foo em sich futa neeman.

Lenir Krause

Bilhetes/recados

colhidos entre jovens de 14 e 15 anos por ocasião do Retiro de Confirmandos/das na Vila de Laranja da Terra/ES, em janeiro de 1995.

A. Iek sriw di deicha braw weechand iek wüe di tam up min hochtid nöicha, uk tam seiã feel danza, dai ganz nacht doia danza.

Rosemar Ullig

B. Iek sriw di deicha braw tam di sechan du büst a gau meeka. Iek wu di jeen aina smetaling jewa ta jischeeng, oowa iek krich kaina greepa. Iek wüe jeen a bietz mit di fotela. Dit joo wüe iek mit di leira.

Eraldo Jastrow

C. Gun'dach! Wou jeit üema noo?
Du büst aia hüpsch jong. Du büst sou gaud...
Iek ken di nie. Iek wüe di noo meia kenaleira.

D. Du fosteist nie gaud singan, oowa du büst a hüpsch meeka.
Du must düeia abeira.

E. Iek sriw di deicha braw tam di sechan du büst a hüpsch meeka.

F. Du büst a hüpsch meeka.
Iek wüe di noo meia kenaleira.

G. Du büst ain gau swesta.

H. Du büst aia gaur swoocha.

I. Du büst a hüpsch meeka mit dai wieta hoora.

J. Du büst aia hüpsch jong.

K. Du büst aia gaur jong.

RETIRO WEEK

"Dai retiro week foo diet joo hüeld hüt an. Wi sien foo mirweek bet sunowand hia ina Laranja da Terra Jimaind weest un hewa leid:

- Uta bibal leest
- Feel sunga
- Oowa musik nouta leid
- Anat iü kenaleid
- Oowa krutmilassin un jsundheit, wat wi alaina mooka koina
- Speeld foo alas a bietzka
- Un uk pomrisch sriwa leid
- Oowa dai wila Cinta Larga leeward in Rondônia.

Hüt wüela wi iena krich ain beetz wisa wat wi hia leid un bileewt hewa.
Hüt noo mitach good wi aia na huus. Oowa wi good na huus seiã lustich un mit treera.

Wi daua nies fojeta wat wi hia mookt hewa un leid up deicha retiro."

A mensagem acima foi lida na abertura do Culto de encerramento do Retiro de Confirmandos/das da Paróquia Evangélica de Confissão Luterana na Vila de Laranja da Terra/ES, na manhã de 15 de janeiro de 1995. O Retiro aconteceu entre 11 e 15 de janeiro e contou com a presença de 21 jovens.

Celina Hartwig e Istela Wolfgramm

Organizador dos textos: Ismael Tressmann

4.- FICHA DE HISTÓRICO PESSOAL

1.-NOME:

2.- DATA E LOCAL DE NASCIMENTO:

3.- ESTADO CIVIL:

4.- OCUPAÇÃO:

A) ATUAL:

B) ANTERIORES:

5.- RELIGIÃO:

6.- LÍNGUA NATIVA DO PAI:

7.- LÍNGUA NATIVA DA MÃE:

OBS: OUTRAS LÍNGUAS FALADAS

8.- LÍNGUA QUE APRENDEU A FALAR EM 1º LUGAR:

9.- LÍNGUA NATIVA DA MULHER:

DO MARIDO:

10.-LÍNGUA ENSINADA AOS FILHOS

A) EM CASA:

B) NA ESCOLA:

11) LÍNGUAS FALADAS PELOS FILHOS:

12) VIAGENS:

13) LUGARES ONDE MOROU E POR QUANTO TEMPO:

14) LÍNGUAS FALADAS PELA FAMÍLIA:

15) GRAU DE CONHECIMENTO DE LÍNGUAS:

FALA (PEDIR PARA ESPECIFICAR OS CRITÉRIOS)

LÍNGUAS	BOM	REGULAR	POUCO	QUASE NADA
A) POMERANO				
B) PORTUGUÊS				

ENTENDE

LÍNGUAS	BOM	REGULAR	POUCO	QUASE NADA
A) POMERANO				
B) PORTUGUÊS				

16.- ESCOLARIDADE, ALFABETIZAÇÃO

A) TEMPO EM QUE FICOU NA ESCOLA:

B) LÊ EM QUE LÍNGUA:

C) ESCREVE EM QUE LÍNGUA:

17.- TIPO DE ESCOLA (RELIGIOSA, PÚBLICA, ETC.)

18.- IDADE EM QUE APRENDEU O POMERANO:

19.- CIRCUNSTÂNCIAS DA APRENDIZAGEM (SISTEMÁTICA OU NÃO)

20.- FATOR PREDOMINANTE DA APRENDIZAGEM (NÃO-NATIVOS)

21.- ENDEREÇO:

5.-QUESTIONÁRIO

LÍNGUA PARA CONTATO

1.- Se você precisar de pedir informação à alguém desconhecido, que língua você usa?

(por exemplo, na rua, você quer saber onde fica uma rua, ou onde mora uma pessoa, etc.)

2.- Se você encontra um amigo, um conhecido, em que língua você o cumprimenta?

3.- Se você é apresentado à alguém por um amigo, em que língua você se dirige pela primeira vez à essa pessoa?

NECESSIDADE DE APRENDER OUTRAS LÍNGUAS

4.- Você acha importante falar mais de uma língua?

5.- Por quê?

6.- Você acha que todo mundo deveria falar mais de uma língua?

7.- Por quê?

CAPACIDADE PESSOAL DE APRENDER LÍNGUAS

8.- Você acha difícil aprender outra língua?

9.- Por quê?

- 10.- Foi difícil você aprender a língua pomerana/portuguesa?
- 11.- Você acha que fala bem a língua pomerana?
- 12.- Você acha que fala tão bem a língua pomerana quanto a sua língua?
- 13.- Você precisa pensar um pouco para falar a língua pomerana, ou fala naturalmente?
- 14.- Quando é que você acha que alguém fala bem uma língua?

POTENCIALIDADE DO POMERANO PARA EXPRESSÃO

No meu caso, eu falo português - é a minha língua -. Na minha opinião, eu posso falar do que eu quiser usando o português:

Posso falar de política, de futebol, dos meus sentimentos, do que eu penso dos acontecimentos, de amor, etc...

- 15.- Você acha que pode falar o que quiser através da sua língua? Quando? Como?

USO DE LÍNGUAS E SITUAÇÕES

- 16.- Seus vizinhos, seus amigos, falam a mesma língua que você?
- 17.- Em que língua você fala com eles?
- 18.- Que língua você fala quando
- a) vai comprar roupas, sapatos?
 - b) vai comprar bebida?
 - c) vai comprar remédios?

d) vai ao hospital, ao médico?

e) órgãos públicos (prefeitura, polícia...)?

f) vai a restaurante, bar, (lugar onde se come, onde se bebe)?

LÍNGUAS QUE GOSTARIA DE APRENDER

19.- Você gostaria de aprender outra língua?

20.- Qual?

21.- Por quê?

OFENSAS, XINGAMENTOS

22.- Suponhamos que você discuta com alguém, se aborreça, e você quer ofender essa pessoa. Você faz isso em que língua?

23.- Por quê?

(Tenho um amigo em Cacoal, que fala pomerano e português. Quando ele se aborrece em casa com a avó, ele xinga em português: a avó não entende português).

24.- As pessoas te ofendem mais quando elas xingam é na tua língua ou na língua delas? Por quê?

HISTÓRIAS

26.- Você conhece histórias?

- 27.- Você gosta de contar histórias?
- 28.- Para quem?
- (crianças, amigos, família...)
- 29.- Quando?
- 30.- Que língua você usa para contar histórias?
- 31.- Você gosta mais de ouvir histórias em sua língua?
- 32.- Por quê?
- 33.- Onde você acha que se fala o melhor pomerano?
- 34.- Por quê?
- 35.- Quem você acha que fala o melhor pomerano?
- 36.- Por quê?

REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO POMERANO

- 37.- Você acredita que as pessoas, em geral, gostam do pomerano? Mesmo as pessoas que não falam, o que você acha que elas pensam do pomerano?
- 38.- Na sua opinião, quais as pessoas que mais gostam do pomerano?
- 39.- Você acredita que as pessoas, que gostam do pomerano, gostam da mesma maneira como gostam do português?
- 40.- Por quê?
- 41.- Marque um X na língua que você acha que as pessoas gostam mais de ouvir:
Alemão - Português - Pomerano
- 42.- Por quê?

6.-ROTEIRO PARA ENTREVISTA

- 1.- Além do pomerano que línguas você fala?
- 2.- Entre essas línguas, qual você acha que fala melhor?
- 3.- Por quê?
- 4.- Em relação às outras línguas como você se sente?
- 5.- Como você aprendeu essas línguas? Com vizinhos, amigos...?
- 6.- Entre as línguas que você conhece qual a mais importante para você?
- 7.- Por quê?
- 8.- Você gostaria de aprender outra língua? Qual?
- 9.- Por quê?
- 10.- Que língua você fala?
 - a) mercado - por que?
 - b) lojas - por que?
 - c) no hospital - por que?
 - d) com o médico - por que?
 - e) no correio - por que?
 - f) na polícia - por que?
 - g) na escola dos filhos - por que?
- 11.- Se você precisar pedir informações a desconhecidos, em que língua você fala?
Por que?

- 12.- No trabalho, que língua você fala com os colegas? Por que?
- 13.- Com o chefe? Por que?
- 14.- Na sua linha as pessoas falam mais línguas que você? Quais? Por que?
- 15.- Que língua você fala com seus vizinhos? Por que?
- 16.- E com os amigos, eles falam a mesma língua que você ? Sempre?
- 17.- Das línguas que você conhece, qual a melhor? Por quê?
- 18.- O que você acha da língua pomerana?
- 19.- O que você acha da língua portuguesa?
- 20.- Em que língua você conversa com seus pais, avós, filhos? Por quê?
- 21.- Em que língua você acha que deveria ser o culto religioso? Por quê?
- 22.- Você gostaria de ter uma escola que ensinasse tudo em pomerano? Por quê?
- 23.- Em que língua você canta? Por quê?
- 24.- Qual a melhor língua para orar? Por quê?
- 25.- O que você acha de falar só pomerano, ou só português, ou as duas línguas aqui na comunidade? Por quê?

SUMMARY

Pomeranos' community, this research's object, is formed by seventy families who belong to Linha Figueira, from kilometer 19 to 21, bordering Cacoal and Espigão D'Oeste, in Rondônia. It is a community formed by descending of immigrants who came from ancient Pomerânia (today part of it belongs to Germany and the other part belongs to Poland), to Brazil at the end of last century (1870). The most of the first imigrated pomeranos came to Espírito Santo and others moved themselves by Brazil. Several families from these pomeranos who were in Espírito Santo established themselves in Rondônia in 1970. Because they maintained themselves together, pomeranos preserved many of their traditions, as their Lutheran religious, their cookery habits, residential architecture. Their traditional parties as marriages represent one of the appearance better conserved of their beginning culture.

Pomeranos' community got, in Espigão D'Oeste, to maintain a kind of geographical and cultural isolation, but the actual contact with the regional society is promoting an uncultural process which is reflected in social, religious, cultural and linguistic areas. Pomerânia's language is the traditional language of the group, available in their living together and in their economics and cultural activities. But, in a slow way, portuguese language is starting entering the community and we can assert that Espigão D'Oeste's pomeranos suffer a linguistic change. The situation of linguistic contact with the regional society promoted a disturbance in pomeranos language into the community because the introduction of portuguese language.

This study presents those pomeranos' history, details their usages and customs and it has as principal objective their linguistic route's history, promoting, in a special way, the

sociolinguistics factors of that route.

The investigation about the linguistic route in this community comes from dates of her history, trying to understand the changes suffered during the time. Beside that, it describes the actual linguistic situation in the community, considering the socio-cultural organization and their relationship in the regional involved society.

PASS-WORDS

1.- Sociolinguistic. 2.- Culture 3.- Bilingualism. 4.- Pomeranos 5.- Linguistic route. I. Alkmin, Tânia Maria. II Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III Título.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- APPEL, R. and MNYSKEN, P. "Language attitudes". In: **Language Contact and Bilingualism**. London: Edward Arnold, pp. 16-21. 1988
- BAERNERT- FUERST, U. "Flashes Metodologicos: a sociolinguística qualitativa/ quantitativa" In **Fotografias sociolinguísticas** - Campinas - Pontes - 1989
- BAKHTIN, M. (Volochinov) (1929) **Marxismo e Filosofia da Linguagem** SP., Hucitec. 1992
- DOWNES, W. **Language and Society**. London: Fontana Paperbacks. 1984
- EDWARDS, J. **Language, Society and identity**. Oxford Blackwell. 1985
- FASOLD, R. **Sociolinguistics of Society**. Cambridge Blackwell. 1984
- FASOLD, R. "Language attitudes" In: **The sociolinguistics of Language**. Brasil Blackwell Ltda. 1990
- FOERSTE, I. **Pomeranos: Mitos e Verdade**. Nova Venecia- ES- Monografia. 1987
- FRAGA, M. "História da gente que o sol condenou à morte". In: **O Estado de São Paulo**, 01-10-84 : 28. 1984
- FISHMAN, J. **Language Loyalty in the United States** Mouton and Co. London - The Hague - Paris. 1966
- _____ **The Sociology of Language**. Rowley Massachusetts. Newbury House. 1972
- FISHMAN, J., Clarence L. Cooper and Roxana Ma. **Bilingualism in the Barrio**, Indiana University, Bloomington. Mouton & Co., The Hague, The Netherlands. 1972

GAEDE, R. **Os pomeranos no Estado do Espírito Santo, seu passado, sua situação atual, um desafio para a Igreja.** São Leopoldo-SC - IECLB- Faculdade de Teologia, Monografia. 1976

GERALDI, J. Wanderley - **Portos de Passagem.** SP. Martins Fontes 1991

GIGLIOLI, P.P. **Language and Social Context.** Penguin Education. 1972

GUMPERZ, J. and HYMES, D. **Directions in Sociolinguistics,** New York. Holt, Rinehart and Winston. 1972

_____ **Discourse strategies.** London. Cambridge. University Press. 1982

_____ **Language and Social identity.** Cambridge. University Press. 1983

HAUGEN, E. "Bilingualism, language contact and immigrant languages in the United States". - a research report (1956-1970). In **Current Trends in Linguistics,** vol. 10, ed. T. Sebeok. The Hague: Mouton 1973

_____ "Semicommunication - The Language gap in Scandinavia". Special issue of **Sociological Inquiry.** 1966

HOLMES, J. **An Introduction to Sociolinguistics** Longman. London and New York. 1992

HYMES, D. "Models of the interaction of language and social life". In: **Directions in sociolinguistics,** - (J. Gumperz and D. Hymes - ed.) 1972

_____ **Foundation in Sociolinguistics: an ethnography approach** Philadelphia. University Press. 1974

LABOV, W. **Sociolinguistics Patterns.** Pennsylvania: University of Pennsylvania Press. 1972

LABOV, W. **Locating Language in time and Space.** New York: Academic Press. 1980

- LYONS, J. **Introduction to Theoretical Linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1969.
- MORAES, C. **Geografia do Espírito Santo**. Vitória-ES - Fundação Cultural do Espírito Santo. 1974
- NAWA, I. "Bilinguismo e Mudança de Código: uma proposta de análise com os nipo-brasileiros residentes em Brasília". In: **Fotografias Sociolinguísticas - SP**- Editora Ática 1989
- ORTEGO, P. D. "The Education of Mexican Americans." In: **The Chicanos Mexican American Voices**, (Ed-Ludwig e James Santiganez). (Eds) Baltimore: Penguin Books, Inc., 1971
- POMERODE -SC. **Sua história, sua cultura e suas tradições**. Departamento Municipal de Cultura. Prefeitura Municipal. 1985
- PRIDE, J. B. and HOLMES, J. **Sociolinguistics**. Harmondsworth. London: Penguin 1972
- RELATÓRIO DE ATIVIDADES PASTORAIS- RO - Espigão D'Oeste. Paróquia Evangélica IECLB SEMEC - Secretaria Municipal de Educação e Cultura .1986
- ROCHÉ, J. **A colonização alemã no Espírito Santo - SP**. Difusão européia do livro 1968
- ROGER, W, Shy and FASOLD. **Language attitudes: current trends and prospects**. Georgetown. University Press. 1973
- ROMAINE, S. **Sociolinguistic variation and speech community**. London. Edward Arnold. 1982
- _____. "Attitudes Towards bilingualism". In: **Bilingualism**. Basil Black well Ltd. 1989
- RUBIN, J. "Attitudes". In: **National Bilingualism in Paraguay**. Nouton. The Hague. 1968

RYAN, E. e GILES, H. (eds). **Attitudes toward Language Variation.** London: Edward Arnold. 1982

S. LIEBERSON - "Explorations in Sociolinguistics", Special issue of **Sociological Inquiry**, vol. 36, n°2. 1966

SAVILLE-TROIKE, M. (ed.) **Linguistics and anthropology.** Washington, Georgetown University Press. 1977

_____**The Ethnography of Communication,** Oxford. 1982

SCRIBNER, S. e COLE, M. "Unpacking literacy" In Whiteman, M.F. (ed.) **The Nature, development and teaching of written communication** - Laurence, Erbaum associates, Publishers. 1981

SEBEEK, T. (org.) "Style in Language - Communication in Animals and in Man. Three Reviews." In: **Readings in the sociology of Language.** The Hague: Mouton. 1964

SCHLIEBEN-LANGE, B. "The language situation in Southern. France." In: **International Journal of the Sociology of Language,** The Hague. 1977

_____"Ein Vorschlag zur Aufdeckung "verschuetterter" Sprache". In: **Grazer linguistische Studien.** 11/12 - 1980

_____"Die franzoesische Revolution und die Sprache". In: **Zeitschrift fuer literaturwissenschaft und linguistik,** 41 - 1981

_____"Die Franzoesische-Sprache der Uniformitaet" . In: **Zeitschrift Fuer Germanistik.** 1987

_____"Uma proposta para o desvendamento de "língua encoberta"" In: **História do Falar e História da Linguística.** Campinas - SP - UNICAMP. 1993

TARALLO, F. **Pesquisa Sociolinguística.** SP. Editora Ática. 1985

- TARALLO, F. e ALKMIN, T. **Falares Crioulos. Línguas em contato.** SP. Ática. 1987
- TARALLO, F. **Fotografias Sociolinguísticas.** Campinas-SP. Editora Pontes e Editora da UNICAMP. 1989
- TRESSMANN, I. **Laranja da Terra: 75 anos de vida comunitária.** Laranja da Terra - ES - 1985
- TRUDGIL, P. **Sociolinguistics - an introduction,** London. Harzell Watson and Viney Ltd. 1974
- TRUDGIL, P. e GILES, H. "Sociolinguistics and linguistic value judgements: correctness, adequacy and aesthetics" In coppeters, F. e Goyvaerts, D.L. (eds). **The functions of Language and Literature studies.** Ghest, Story, Science. 1977
- VANDRESEN, P. **Fonologia do Vestfaliano de Rio Fortuna.** UFRJ-Universidade Federal do Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado em Linguística. 1968
- WAGEMANN, E. **A Colonização Alemã no Espírito Santo.** IBGE, Rio de Janeiro. 1949
- WIESINGER, P. **Deutsche Sprachinseln, Lexikon der germadistinchen Linguistik,** Tuebingen. 1980
- WILLEMS, E. "Linguistic Change in German Brazilian Communities". In: **Acta Americana.** 1943
- _____. **A Aculturação dos Alemães no Brasil,** SP. 1980
- WOLCK, W. "Attitudes toward Spanish and Quechua in Bilingual Peru". In: **Shuy & Fasold,** p. 129-147. 1973
- WOLFSON, N. and MANES, J. (eds), "Language Attitudes in the Community". In: **Language of Inequality** Berlin. Monton. 1985